


unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

PRICILA BALAN PICINATO

O NOVO “CAIPIRA”: o olhar do “eu” e do “outro”



ARARAQUARA – S.P.
2013

PRICILA BALAN PICINATO

O NOVO “CAIPIRA” : o olhar do “eu” e do “outro”

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, morfossintática, semântica e pragmática

Orientadora: Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck

ARARAQUARA – S.P.
2013

Picinato, Pricila Balan

O novo "caipira": o olhar do "eu" e do "outro" / Pricila Balan

Picinato – 2013

117 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Lingüística e Língua Portuguesa) –
Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus
de Araraquara

Orientador: Rosane de Andrade Berlinck

1. Lingüística. 2. "r" retroflexo. 3. Dialeto "caipira". 4. Identidade.
5. Mídia televisiva. 6. Preconceito lingüístico. I. Título.

PRICILA BALAN PICINATO

O NOVO “CAPIRA” : O OLHAR DO “EU” E DO “OUTRO”

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, morfossintática, semântica e pragmática

Orientadora: Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck

Data da defesa: 17/06/2013

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck
Faculdade de Filosofia e Ciências – Universidade Estadual
Paulista- Araraquara

Membro Titular: Prof. Dr. Ronald Beline Mendes (USP)

Membro Titular: Profa. Dra. Marina Célia Mendonça (UNESP)

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Às pessoas que já sofreram ou ainda
sofrem preconceito linguístico: em
especial, aos falantes da comunidade
“caipira”.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que na sua infinita bondade e amor permitiu que este estudo fosse desenvolvido e as pessoas que concederam parte de seu precioso tempo para me ajudar. A elas, cabe o mérito da realização da minha pesquisa e, por isso, as agradeço também:

À orientadora Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck, pela orientação e pelo modo tão gentil de fazê-la. Minha gratidão pelo trabalho desenvolvido e pela convivência tão prazerosa ao longo desses anos de estudo.

À banca examinadora pela avaliação e contribuições dadas a esse estudo.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da FCL/Ar, em especial as professoras Dra. Gladis Massini-Cagilari e Dra. Marina Célia Mendonça pelas contribuições feitas durante o Exame de Qualificação.

Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa pelo modo gentil como sempre responderam às minhas dúvidas.

Aos meus pais, por serem meus maiores incentivadores e companheiros de viagens para Araraquara nesses quatro anos.

À minha irmã Carla, ao meu príncipe Luís Felipe e a minha princesa Helena Maria: vocês são a alegria do meu viver.

À querida Michele Barbin Bodelon por me ajudar com a coleta de dados e nos momentos em que precisei.

À Caroline Carnielli Biazolli pelo carinho, amizade e por ter me ensinado a utilizar o programa Goldvarb.

Ao meu amigo querido Mateus Cruz Maciel de Carvalho por toda ajuda prestada e por ter sido meu parceiro de risadas e histórias nesses dois anos.

Aos meus amigos queridos do NEVAR e companheiros de orientação, pelas importantes contribuições para meu trabalho.

Aos queridos e inesquecíveis amigos que fiz durante esses dois anos de estudo: Sabrina Balsalobre, Alexandre Timbane, Mariana Moretto Gementi, Mariane de Carvalho, Maridélma Laperuta Martins, Kelly Priscila Lôddo, Daniane Assunção e Letícia Cordeiro de Oliveira Bueno.

Aos diretores, coordenadores, colegas de trabalho e alunos das escolas ETEC Professor Alcídio de Souza Prado e EE. “Capitão Getúlio Lima”, por todo apoio, compreensão e por acreditarem no meu trabalho dentro e fora da sala de aula.

Aos falantes que participaram da pesquisa de campo realizada nesse estudo, por compartilharem histórias de vida tão lindas e com as quais eu aprendi tanto.

“[...] Sabe-se bem que, infelizmente, língua é também instrumento de poder; língua é também instrumento de dominação; língua é também instrumento de opressão. Ainda não vi, e gostaria de ver um dia (a utopia faz parte da vida), a língua ser usada como um real instrumento de libertação”.

Maria Marta Pereira Scherre (2008, p. 43-44)

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar e descrever o modo como os falantes da comunidade “caipira” e a mídia televisiva constroem a identidade “caipira”. Devido ao fato da variante retroflexa ser uma espécie de “marca” do falar desse dialeto, foi feita uma pesquisa de campo com vinte falantes das cidades de Sales Oliveira e Orlândia, ambas do interior do Estado de São Paulo, para que pudesse ser analisada a ocorrência do emprego da variante retroflexa em situações comunicativas que exigem maior e menor formalidade. Essa pesquisa foi embasada no modelo laboviano e abrangeu três partes: entrevista, leitura de um texto e leitura de lista de palavras. Os participantes, no final da gravação, também responderam a um questionário. Além da pesquisa de campo, foram analisados e descritos dados provenientes de nove novelas veiculadas pela mídia televisiva, que continham personagens no núcleo “caipira”. Esse estudo também contou com levantamento bibliográfico e histórico sobre a comunidade “caipira”. Os dados resultantes da mídia revelam que as personagens “caipiras” são retradas de forma muito semelhante ao personagem Jeca Tatu, criado por Monteiro Lobato. O emprego da variante retroflexa, na mídia, ocorre na fala das personagens moradoras ou migrantes da zona rural, que não possuem trato social. Entretanto, mediante os dados obtidos na pesquisa de campo, pode-se perceber que o falante do interior, mesmo em situação comunicativa mais formal, em que é esperado o emprego de variedades de maior prestígio social, faz uso da variante retroflexa, ou seja, não tenta obscurecer a identidade “caipira”. Contrariamente a esse comportamento, ao ser questionado sobre o fato de ser “caipira”, este nega. Essa negação da identidade “caipira” diz respeito à forma como o “caipira” é retratado pela mídia, pois o habitante do interior não se reconhece na figura veiculada pelos meios midiáticos, uma vez que este nem sempre mora na zona rural ou possui pouco trato social. Portanto, embora o habitante do interior tenha mudado ao longo de sua história e deixado de ser pouco ameno nos contatos sociais, a mídia ainda o retrata dessa forma, colaborando para a disseminação de uma visão errônea sobre o que é ser “caipira” e, conseqüentemente, sobre o modo como estes falam.

Palavras – chave: “r” retroflexo. Dialeto “caipira”. Identidade. Mídia televisiva. Preconceito linguístico.

ABSTRACT

This study aims to analyze and describe the way as the members from “backwoodsman” dialect and broadcasting media construct the “backwoodsman” identity. As the retroflex variant is a symbol of the way people from “backwoodsman” dialect speak, we made an investigation with twenty speakers from Sales Oliveira and Orlandia, small towns from São Paulo State, with the aim of analyzing the use of retroflex variant in formal and less formal communicative situations. This investigation follows the propositions of Labovian Sociolinguistics and it includes three parts: interview, text reading and word list reading. In the end of this investigation, the participants answered a questionnaire. Adding to this investigation, some data from media was analyzed too. These data were collected from some soap opera that contained “backwoodsman” characters. This study is also based on the history of “backwoodsman’s life”. The data collected from media showed that “backwoodsman’s characters” were similar to Jeca Tatu, a character created by Monteiro Lobato. At the media, the uses of retroflex variant were associated with characters that lived in the farms and were impolite. Nevertheless, data from the investigation showed the opposite: in formal situation, where it was expected the use of variants with high social prestige, the interviewed people used more frequently the retroflex variant, so they didn’t hide that they were “backwoodsman”. But, on the contrary, when these people were questioned whether they considered themselves “backwoodsmen”, they said “no”. This negative answer is associated with the way that “backwoodsmen” are pictured by the media. These people don’t recognize themselves as the way media picture them on television, because not all the “backwoodsmen” live in the farms or are impolite. Although the fact “backwoodsman” has changed over the years, media does not recognize this change. As a result of this, it collaborates to disseminate a wrong vision of “backwoodsman”.

Keywords: Retroflex “r”. “Backwoodsman dialect”. Identity. Television. Linguistic prejudice.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Lugar de origem da personagem: mídia	76
Gráfico 2	Personagens masculinas e femininas	79
Gráfico 3	Consoante oclusiva: fala “caipira” retratada pela mídia	81
Gráfico 4	Nasal: fala “caipira” retratada pela mídia	82
Gráfico 5	Análise previa com mulheres ensino fundamental: texto	86
Gráfico 6	Análise previa com mulheres ensino superior: texto	86
Gráfico 7	Análise previa com homens ensino fundamental: texto	87
Gráfico 8	Análise previa com homens ensino superior: texto	87
Gráfico 9	Emprego da variante retroflexa na fala dos homens e mulheres	91
Gráfico 10	Sexo X estilo	92
Gráfico 11	O uso do “r” segundo o contexto linguístico na fala das mulheres	94
Gráfico 12	Escolarização	96
Gráfico 13	Escolarização X estilo	96
Gráfico 14	Autodenominação “caipira”	97
Gráfico 15	Caracterização dos entrevistados pelos “não caipiras”	98
Gráfico 16	Preconceito linguístico	98
Gráfico 17	Reconhecimento do “r” retroflexo na fala do interior	99
Gráfico 18	Característica marcante na fala de quem é do interior	99
Gráfico 19	O que é ser “caipira”	100

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Contexto linguístico: dados da mídia	78
Tabela 2	Distribuição das variantes nos dados das entrevistas	84
Tabela 3	Contexto linguístico: entrevista do sexo feminino	93
Tabela 4	Contexto linguístico: lista e texto	95

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	“O violeiro”, de José Ferraz de Almeida Júnior	38
Figura 2	Imagem do “caipira” nos filmes de Mazzaropi	43
Figura 3	Evolução da personagem Chico Bento	44
Figura 4	De Jeca Tatu a Chico Bento	45
Figura 5	Modelo representativo da seleção de falantes	58
Figura 6	Petrucchio	64
Figura 7	Nélio	65
Figura 8	Timóteo	67
Figura 9	Zuca	68
Figura 10	Tio Nardo e Crispim	69
Figura 11	Primo Candinho	70
Figura 12	Marcinha	71
Figura 13	Aninha	72
Figura 14	Abner	74

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Seleção de novelas	52
Quadro 2	Caracterização dos falantes	60
Quadro 3	Palavras do texto	85

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 O DIALETO “CAIPIRA”	17
2.1 Panorama histórico do dialeto “caipira”	17
2.2 Dialeto “caipira”: um dentre muitos outros dialetos da Língua Portuguesa	19
2.3 Descrição fonológica do dialeto “caipira”	22
3. IDENTIDADE “CAIPIRA”: definição	29
3.1 A construção da indentidade “caipira” e o preconceito	30
3.2 Aspectos sociais, culturais e religiosos da vida “caipira”	32
3.3 O retrato do “caipira” de Saint-Hilaire a Antonio Candido	37
3.4 A criação do estereótipo “caipira”	46
4 Procedimentos metodológicos	50
4.1 Descrição da coleta de dados provenientes da mídia	50
4.2 Descrição da coleta de dados provenientes dos sujeitos da pesquisa	56
5 O “CAIPIRA” E A MÍDIA	63
5.1 Vozes sociais presentes nos discurso midiáticos sobre o “caipira”	63
5.2 O falar das personagens “caipiras” X “não caipiras”	75
5.3 O falar das personagens “caipiras”	80
6 O FALANTE “CAIPIRA” : pesquisa de campo	83
6.1 O falar dos habitantes de Sales Oliveira e Orlândia	83
6.2 Definição do “ser caipira”: respostas do questionário	97
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS: o novo “caipira”	101
REFERÊNCIAS	104
APÊNDICE A: Pesquisa de campo	108
APÊNDICE B: Gráficos das entrevistas	111

1 INTRODUÇÃO

Este estudo tem como principal objetivo analisar e descrever como a imagem “caipira” tem sido abordada e construída pela mídia e pelo próprio falante do dialeto “caipira”, atualmente. Para isso, realizaremos descrições sobre a fala, mais especificamente, o modo como os falantes das cidades de Sales Oliveira e Orlandia se comportam em uma situação linguística de maior formalidade e o modo como as falas das personagens “caipiras”, criadas pela mídia televisiva, são apresentadas para os telespectadores.

De acordo com Rajagopalan (2006), a identidade de um indivíduo é constituída, pela cultura, sociedade e pela língua, dentre outros fatores. No caso do falar “caipira”, o emprego do “r” retroflexo é assumido como a característica mais saliente dos falantes desse dialeto, portanto, foi realizada uma pesquisa de campo com 20 falantes, sendo 10 homens (5 com nível superior e 5 com ensino fundamental completo ou incompleto) e 10 mulheres (5 com nível superior e 5 com ensino fundamental completo ou incompleto), com o objetivo de entender se os sujeitos participantes da pesquisa, em situações comunicativas que exigem mais formalidade, usam a variante retroflexa ou obscurecem a identidade de falantes do dialeto “caipira”, empregando assim, outras variantes distintas da retroflexa. Também foi realizada uma coleta com dados provenientes de cenas de nove novelas veiculadas pela Rede Globo de televisão, com o intuito de entender como a mídia veicula a imagem do habitante do interior. Desta forma, pôde ser feita uma comparação entre a forma como os falantes pesquisados definem sua identidade e a forma como as demais pessoas, representadas nesse estudo pela mídia, constroem a identidade “caipira”.

Na busca de entendermos esse processo identificatório partindo da relação língua X identidade, na seção 2, apresenta-se uma descrição da história, cultura, religião e aspectos sociais do “caipira” com o intuito de entender as principais características desse modo de ser. Também se faz uma síntese sobre os aspectos fonológicos desse dialeto, mediante uma comparação entre as obras de Amadeu Amaral (1976) e Bortoni-Ricardo (2011).

Após levantamento bibliográfico / histórico sobre a vida do “caipira”, a seção 3 será destinada ao modo como a figura do “caipira” vem sendo retratada pelas artes, literatura, documentários e cinema, desde a época de Saint-Hilaire até Antonio Candido. Esse capítulo nos permitirá entender que a mídia televisiva e o imaginário popular ainda repercutem a imagem pejorativa do “caipira” como habitante do mato, sem trato social, assim como Saint-Hilaire descreveu em seus estudos e como Monteiro Lobato reforçou, com a criação do Jeca Tatu.

A seção 4 se destina à explicação dos procedimentos metodológicos desse estudo, pois foram realizadas, além do levantamento bibliográfico contido nas seções 2 e 3, duas coletas de dados. A primeira compreende os dados provenientes da mídia, resultantes de cenas de nove novelas em que apareciam o núcleo “caipira” e a outra compreende uma pesquisa de campo, realizada de acordo com o modelo laboviano, com os falantes das cidades de Sales Oliveira e Orlândia, interior do estado de São Paulo. Portanto, a seção 4 inclui a explicação dos critérios utilizados para a seleção das cenas analisadas e dos falantes, assim como explica como ocorreram as coletas dos dados e suas análises.

Os dados coletados na mídia e nas comunidades estudadas serão analisados e descritos nas seções 5 e 6. Nessas seções é possível entender, mediante o *corpus* analisado, que a mídia, ao retratar as personagens “caipiras”, o faz com base no modelo lobatiano. Desta forma, as personagens que compõem o núcleo “caipira”, em sua maioria, moram na zona rural, se vestem de xadrez, são pessoas fáceis de ser ludibriadas, possuem muita simplicidade, enfim, são um retrato do Jeca Tatu.

Por outro lado, a pesquisa de campo nos mostra que o habitante do interior, embora faça uso da variante retroflexa, “marca mais saliente do falar caipira”, em situações comunicativas de maior formalidade, nega ser “caipira”. Essa oposição é analisada na seção 7, intitulada “Considerações finais: o novo caipira”. Nessa seção entenderemos que, embora o falante do dialeto “caipira” tenha mudado com o passar do tempo, o termo “caipira” não acompanhou essas transformações e tem sido empregado como sinônimo de caipirismo. Essa seção também é destinada às conclusões desse estudo.

O intuito deste estudo é contribuir para que os falantes do dialeto “caipira” tenham sua fala e seu modo de vida respeitado e que, com a difusão de sua cultura e história, a imagem deste como habitante do mato, sem trato social seja desmistificada.

2 O DIALETO “CAIPIRA”

O termo “caipira” é empregado, em muitos contextos, segundo Bortoni-Ricardo (2011), como sinônimo de cultura rústica do interior do Estado de São Paulo. Em alguns autores, designa a população que mora no campo, ou seja, rural e, em outros como sendo sinônimo de “caboclo”. Entretanto, segundo Candido (2001), o termo “caipira” é um modo de ser, de vida e não possui conotação racial ou étnica. O termo “caboclo,” por sua vez, está relacionado ao aspecto racial, pois este caracteriza o mestiço próximo ou remoto das relações entre brancos e indígenas. Sendo assim, existem “caipiras” que são brancos, afrodescendentes, mulatos e caboclos. Durante este estudo, o termo “caipira” será empregado no sentido proposto por Candido (2001): como uma forma de cultura e de ser de uma determinada comunidade - a comunidade “caipira”. Porém, essa forma de cultura não deve ser entendida como algo homogêneo; ao contrário, esta é heterogênea, composta por múltiplos traços, que não são imutáveis. Como não existem culturas superiores ou inferiores, uma vez que o importante é a forma mais satisfatória de se ajustar os problemas ao meio em que as pessoas vivem, o termo “caipira”, empregado como sinônimo de um modo de vida, não soa com sentido pejorativo, mas sim, como forma de designar uma cultura que tem como base a subsistência e um caráter único de solidariedade entre as pessoas.

2.1 Panorama histórico do dialeto “caipira”

Segundo Bortoni-Ricardo (2011), a origem histórica da comunidade “caipira” é resultante dos movimentos de entradas e bandeiras ocorridos durante os séculos XVI, XVII e XVIII. Os bandeirantes, segundo Davidoff (1993), provinham de uma região marginalizada, com poucos recursos materiais e de vida econômica restrita. Desta forma, procuravam buscar recursos que os levassem ao lucro imediato, como, por exemplo, a caça ao índio e aos metais preciosos. Geralmente, saíam em grupos, compostos por um chefe, que comandava a tropa, os batedores de caminhos, coletores de alimento, guias e capelão.

A partir do século XVII, o Governo Geral impulsionou a briga pelo ouro, dando um caráter oficial às bandeiras. A partir da oficialização das expedições, os objetivos dos bandeirantes não se restringiram apenas à busca pelo ouro, mas também ao reconhecimento do território, com a finalidade de dilatar as fronteiras do Brasil, conquistando terras que pertenciam à Espanha. A captura de mão de obra indígena era também um forte objetivo

desses homens, pois os paulistas buscavam seu sustento na caça ao índio, que era vendido para o trabalho escravo.

No nosso país, desenvolveram-se dois tipos de expedições: as entradas e as bandeiras. As entradas eram as expedições financiadas pelo governo e se propagaram no litoral brasileiro. As bandeiras eram expedições particulares que saíam da capitania de São Vicente, para o sul, centro-oeste e Minas Gerais.

Entre os bandeirantes que saíram de São Vicente (atual região de São Paulo) em busca de ouro, podemos destacar duas frentes: a que conquistou as jazidas de Minas Gerais, cujos representantes mais famosos são Manuel Borba Gato e Fernão Dias Pais, e a que conquistou as minas de Goiás, cujos representantes são Bartolomeu Bueno da Veiga, Antônio Pedroso e Anhanguera.

A influência dos bandeirantes não se restringe apenas à busca pelo ouro, pois muitos desses desbravadores não seguiam seus grupos rumo às jazidas. Estes, segundo Carmo (2008), se distanciavam de seus grupos na tentativa de obter um lugar para morar e plantar. Como consequência disso, surgiram muitos povoados. As cidades interioranas do Estado de São Paulo, como Ribeirão Preto, São Carlos e Piracicaba são exemplos dessa influência.

De acordo com Mattos e Silva (2004), os bandeirantes que partiam de São Paulo, falavam a língua geral paulista. Tal língua era, segundo a autora, transmitida através da oralidade. A língua geral paulista, assim como a língua Geral Amazônica (*nheengatu*), surgiram do contato e como um meio facilitador desse contato entre índios e europeus. Segundo Ilari e Basso (2011), durante o período de povoamento do Brasil, uma enorme variedade de línguas – indígenas, português, línguas africanas - coexistiam no Brasil. De acordo com Freire (2003), o multilinguismo aqui existente tornou-se uma espécie de obstáculo para a comunicação entre povos de etnias diferentes. Desta forma, as línguas gerais foram uma forma encontrada para que a comunicação entre diferentes tribos indígenas, portugueses e posteriormente, afrodescendentes pudesse ser realizada de forma que todos se entendessem.

As línguas gerais, segundo Mattos e Silva (2004), possuem como base a língua tupinambá ou popularmente conhecida como tupi. De acordo com a autora, o *nheengatu* ou língua geral amazônica se difundiu na região norte do Brasil, enquanto a língua geral paulista, tornou-se a língua de colonização do interior do país, transmitida pelos bandeirantes.

Desta forma, as línguas gerais destinavam-se à comunicação e à catequese, enquanto a língua portuguesa era reservada às questões administrativas. Esse quadro começa a mudar com a política do Marquês de Pombal, que, em 1757, impõe um decreto proibindo o uso das

línguas gerais (Ilari; Basso, 2011). Embora muitos autores não acreditem que apenas o decreto pombalino tenha sido suficiente para o desaparecimento das línguas gerais, com essa política, que incluiu a expulsão dos jesuítas do Brasil, estas foram gradualmente se extinguindo e o português tornou-se, por fim, a língua oficial do país.

É preciso considerar, entretanto, que esse processo de extinção das línguas gerais foi ainda mais lento nas regiões interioranas do país. Enquanto nas capitais essas línguas tinham se extinguido, no interior ainda continuavam vivas. Pires (2009) defende a hipótese de que a língua geral paulista, falada no interior, deu origem ao dialeto “caipira”.

De acordo com Ilari e Basso (2011), o dialeto “caipira” abrange hoje, a região do interior do Estado de São Paulo, sul de Minas Gerais, Mato Grosso, Goiás, Tocantins e o norte do Paraná. No entanto, estudos mais recentes do dialeto “caipira”, como Castro (2012), afirmam que o emprego do “r caipira” pode ser encontrado não apenas em São Paulo, Minas Gerais, Tocantins, Paraná Goiás e Mato Grosso. Observou-se, também, uma discreta ocorrência dessa variante em Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Bahia, Sergipe e Paraíba. A principal característica do falar desse dialeto é, segundo os autores acima, a pronúncia do “r” como retroflexo. De acordo com Amaral (1976), essa se realiza mediante dois contextos linguísticos: final de sílaba (ex: *mar*) e posição intervocálica (*arara*).

2.2 Dialeto “caipira”: um dentre outros dialetos da língua portuguesa

Segundo Fiorin (2002), vivemos permeados por uma constante heterogeneidade: diferentes povos, orientações sexuais, culturas diversificadas e muitas formas de falar. Embora, infelizmente, ainda existam pessoas que afirmem que a língua que falamos é homogênea, o autor nos lembra que “uma característica de todas as línguas do mundo é que elas não são unas, não são uniformes” (FIORIN, 2002, p.27); ou seja, elas variam de falante para falante, de lugar para lugar e no tempo. E com a língua portuguesa, isso não poderia ser diferente, pois a variação linguística é algo inerente à língua (CHAMBERS, 1995).

A heterogeneidade linguística pode ser encontrada tanto na norma como no sistema de uma língua. Para Coseriu (1980) a heterogeneidade pode ser encontrada no sistema devido ao fato deste compreender os traços distintivos necessários para que uma língua se diferencie de outra. Weinreich; Labov; Herzog (2006) afirmam que, para uma visão estruturalista da língua, a heterogeneidade dos sistemas linguísticos é resultante de combinações ou alternância dos subsistemas distintos. Já do ponto de vista da Sociolinguística, a heterogeneidade relacionada à norma não está associada apenas a fatores linguísticos, mas, principalmente, aos fatores

econômicos e sociais (DITTMAR, 1976). As normas, segundo esse autor, variam de acordo com o poderio econômico ou social de um determinado grupo de falantes. Portanto, a escolha de uma variante linguística está relacionada às regras sociais e não apenas linguísticas.

Dittmar (1976) afirma que existem quatro formas de variação linguística. A primeira corresponde à variedade padrão, que se faz presente em documentos oficiais, nas instituições escolares e é resultante do poder político e social dominante. A segunda diz respeito à variação social, ou seja, são as variedades que não são aceitas nas instituições de ensino e nem em documentos formais. O terceiro tipo de variação, segundo o autor, corresponde às línguas usadas em interações específicas; são mais técnicas ou podem corresponder às gírias. O quarto tipo corresponde à variação regional, também conhecida como dialetos. No Brasil, por exemplo, temos diversos dialetos regionais, sendo o “caipira” um deles. Mesmo com toda variação que permeia os falares, um falante do dialeto “caipira” consegue entender um falante baiano e este consegue entender um falante gaúcho, ou seja, as variações não tornam os falares incompreensíveis.

De acordo com Trask (2008, p. 79), o termo “dialeto” “compreende uma variedade linguística regional ou social, mais ou menos identificável”. Desta forma, em um país com uma área territorial extensa como o Brasil, é comum que apareçam diferentes maneiras de se falar a mesma língua, pois para o autor, seria impossível uma pessoa não falar nenhum dialeto quando se é falante de uma língua.

Partindo da definição de “dialeto” encontrada em Trask (2008), pode-se entender que esse termo é empregado quando nos referimos aos traços gramaticais e de vocabulário presentes na fala de um determinado grupo linguístico, diferenciando-se do termo sotaque, que compreende apenas a pronúncia. Entretanto, é preciso ressaltar que o sotaque é uma parte constituinte do dialeto, como por exemplo, o “r” retroflexo, que é uma das “marcas” do dialeto “caipira”.

Embora o sentido do termo “dialeto” não apresente nenhuma acepção negativa aos “olhos” da Sociolinguística, muitas pessoas que não possuem “preparo” linguístico empregam esse termo quando se referem a variedades regionais de pouco prestígio, segundo Trask (2008, p. 80). Esse emprego errôneo é resultado de uma visão envolta por preconceito linguístico. De acordo com Fiorin (2002), o preconceito linguístico tem sua raiz na intolerância à variação e a mudança. Bagno (1999), por sua vez, afirma que o preconceito linguístico se manifesta de diversas formas: dentre elas, pode-se citar aquele relacionado à fala característica de determinadas regiões do Brasil. De acordo com o autor, o modo como a fala nordestina é veiculada pela mídia seria um exemplo de manifestação de preconceito em

relação ao falar dessa região. Isso, segundo Scherre (2008), também ocorre com o dialeto “caipira”. Segundo a autora, os falantes que não fazem parte da comunidade “caipira” rejeitam a pronúncia do “r” retroflexo na fala dos que a integram.

Essa não aceitação do falar das pessoas que fazem parte da comunidade “caipira” não pode ser associada apenas às questões linguísticas, pois, segundo Scherre (2008, p. 43), “as questões que envolvem a linguagem não são simplesmente linguísticas; são acima de tudo, ideológicas”. Ainda segundo a autora, geralmente as formas linguísticas marginalizadas são pronunciadas por falantes de baixo prestígio social, sendo assim, o preconceito não está apenas relacionado à linguagem, mas ao falante. Desta forma, as noções de feio, bonito, errado e certo em uma língua não são linguísticas e, sim, sociais.

De acordo com Aléong (2001), cientificamente não existem características linguísticas que possam caracterizar uma forma como feia ou bonita, certa ou errada. O que torna uma forma linguística “bonita” ou “feia”, “aceita” ou “rejeitada” é a imposição de uma norma explícita - difundida pela escola, mídia, determinados órgãos públicos e imprensa - prescrita pelas gramáticas como modelo a ser seguido. Desta forma, é estabelecido um “modelo normativo” a ser seguido e as variações em relação a esse “modelo” são vistas como “erro”, “feias” e são, portanto, rejeitadas.

Devido ao fato da sociedade ser heterogênea, de acordo com Aléong (2001), o conceito de normativo pode variar de um grupo linguístico para outro. Sendo assim, a língua pode ser um meio de aproximação ou distinção social entre grupos linguísticos diferentes. Quando os falantes não aceitam as diferenças existentes no modo de falar de um grupo linguístico do qual não fazem parte, entendem a diferença como feiura ou patologia. Essa não aceitação, segundo Fiorin (2002), é proveniente de uma atitude narcísica, que tenta anular a alteridade e se torna a base de todo preconceito linguístico, pois “patológica é a não aceitação da diferença e não o fato de essas diferenças existirem”, Fiorin (2002, p. 24).

Para exemplificar uma situação de não aceitação da diferença, Fiorin (2002) faz referência à carta de um leitor publicada em Setembro de 1999 pela “*TV Folha*”, que criticava a atitude da apresentadora Regina Casé por esta ter ridicularizado uma participante de seu programa que falava o “r caipira”. Este exemplo empregado pelo autor denota que o “r” retroflexo possui baixo prestígio social, enquanto que na fala de um brasileiro que está aprendendo inglês, o emprego da variante é visto de forma positiva. Segundo o autor, o conceito de valorização de uma variante ou desvalorização está associado à forma como as diferenças linguísticas são percebidas nas relações sociais. Complementando, Scherre (2008, p. 145) afirma que as “características linguísticas da fala de pessoas de classes sociais menos

prestigiadas são normalmente estigmatizadas e desvalorizadas”. O fato de existir uma imagem pejorativa em torno da identidade do “caipira”, que o caracteriza como “habitante do mato”, sem trato social, faz com que a língua por ele falada também seja vista de forma pejorativa e a variante retroflexa seja assim, estigmatizada por alguns falantes de outras comunidades linguísticas.

2.3 Descrição fonológica do dialeto “caipira”

No ano de 1920, foi lançada a primeira edição do livro “O dialeto caipira”, de Amadeu Amaral. Embora o autor já tivesse publicado estudos anteriores sobre o tema em jornais, este livro foi, segundo Castro (2012), um marco nos estudos dialetais no Brasil, devido ao pioneirismo e cuidados metodológicos empregados pelo autor. No livro, Amaral descreve dados do dialeto “caipira” provenientes de falantes reais, das cidades paulistas de Capivari, Piracicaba, Tietê, Itu, Sorocaba e São Carlos.

Noventa e um anos após a publicação de “O dialeto caipira”, a pesquisadora Bortoni-Ricardo publicou em 2011, o livro “Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais”, em que analisou um *corpus* proveniente de gravações realizadas com falantes de Brazlândia, cidade satélite de Brasília, no período de 1980 a 1981. O objetivo do livro, segundo a própria autora, era descrever as adaptações linguísticas que os falantes realizavam ao saírem de um ambiente rural para o urbano. Durante as análises, a autora focalizou os casos de vocalização do /ʎ/ (ex: filha - fia), a redução de ditongos crescentes finais (ex: polícia – poliça) e a concordância verbal de terceira pessoa do plural e primeira pessoa do plural (ex: eles vão/ vai; nós vamos / vai).

Embora o objetivo principal da obra de Bortoni-Ricardo (2011) não seja descrever o dialeto “caipira” na íntegra assim como fez Amadeu Amaral e não obstante o fato dos autores realizarem suas pesquisas com falantes provenientes de áreas distintas, as duas obras estão, de certa forma, interligadas: ambas retratam o dialeto “caipira”. Para Bortoni-Ricardo (2011), o adjetivo “caipira” está relacionado às variedades rurais e urbanas de pouco prestígio social. Portanto, o objetivo dessa seção é traçar um paralelo entre a obra de Amadeu Amaral e de Bortoni-Ricardo para que seja possível identificar semelhanças e diferenças entre o falar “caipira” de 1920 e o de 2011. Cabe ressaltar que neste estudo, o livro “O dialeto caipira” de Amadeu Amaral data de 1976, por ser a terceira edição.

Na introdução de seu livro, Amaral (1976), afirmou que o dialeto “caipira” restringia-se a uma determinada localidade, que abrangia as regiões de Capivari, Piracicaba, Tietê, Itu,

Sorocaba e São Carlos e à fala dos mais velhos. Desta forma, estava fadado a desaparecer. Contrariando o prognóstico pessimista de Amaral, pesquisadores como Brandão (2007), Bortoni-Ricardo (2011) e Castro (2012) demonstraram, através de estudos pautados em análise de dados coletados em comunidades “caipiras”, que esse dialeto continua sendo falado: portanto, não desapareceu e nem está em vias de desaparecimento.

Ao descrever o modo de falar “caipira”, Amaral (1976) disse que este era caracterizado por um frasear lento, plano, originando uma linguagem cantada e vagarosa. Porém, Bortoni-Ricardo (2011) questionou a afirmação de Amaral (1976). Para a autora, dentro do dialeto “caipira” existem muitas variações e, nem sempre, as reduções de encontros consonânticos ou de ditongos decrescentes seriam suficientes para denotar um ritmo mais lento na fala.

Embora existam essas discordâncias entre os autores no que diz respeito à propagação do dialeto “caipira” e ao ritmo de fala, a maioria dos casos de variação fonológica encontrados em Amaral (1976) se assemelham com os encontrados por Bortoni –Ricardo (2011). Dentre os pontos convergentes abordados por ambos os autores sobre o dialeto “caipira”, podemos citar:

- **Neutralização do “r” e “l” em coda silábica e/ou encontros consonantais:**

Bortoni-Ricardo (2011, p. 76) cita como exemplos as palavras /'paɾma/ - “palma”¹; /kõ'pɾetu/ - “completo” e Amaral (1976, p. 52) exemplifica com as palavras /kaɫ'kɛ/ - “qualquer”; /'mɛɫ/ - “mel”. Nesses casos, o “r” e “l” são neutralizados na posição de coda silábica e/ou encontro consonantal, porque, independentemente do modo como os falantes denominados “caipiras” pronunciam esses fonemas (como “l” ou “r”), não há distinção de significado. De acordo com Câmara (1979), o “l” e “r” geralmente estão em relação de oposição, entretanto, em alguns casos, pode-se dizer que há variação livre, como os que ocorrem nas palavras “mel – mer”, “palma- parma” e “qualquer – quarquer”.

- **Vocalização da consoante lateral palatal /ʎ/:**

¹ Durante essa seção, as transcrições fornecidas por Bortoni-Ricardo (2011) serão mantidas de acordo com os exemplos trazidos pela autora em sua obra. Por outro lado, devido ao fato de Amaral (1976) não ter realizado as transcrições em seus exemplos, estas foram realizadas pela pesquisadora deste estudo.

Bortoni-Ricardo (2011, p. 77) cita como exemplo a palavra “milho”- “miu” e Amaral (1976, p. 53) cita a palavra /mu'i'ε/ ‘mulher’. O processo de vocalização acarreta ditongação: /'mi'u/ ‘milho’ e /mu'i'ε/ ‘mulher’.

- **Supressão do “r” quando este segue vogal ou encontra-se em infinitivo de verbos:**

Segundo Cagliari (2002), quando um segmento de um morfema é apagado ou eliminado, afirma-se que ocorreu uma supressão desse segmento. No dialeto “caipira” é comum o falante não pronunciar o “r” em final de palavra ou verbos no infinitivo. Amaral (1976, p. 52) cita como exemplo as palavras [ã'da] - andar e ['i] – ir. Bortoni-Ricardo (2011, p. 71) exemplifica com [lu'ga] – lugar e [kwaɫ' kε] – qualquer.

- **Apagamento das fricativas alveolares /s/ e /z/ em final de palavras que não possuem traços de pluralidade:**

Semelhante ao processo acima descrito, as fricativas alveolares /s/ e /z/ são apagadas em finais de palavras que não indicam plural. Segundo Bortoni-Ricardo (2011), esse processo fonológico é estigmatizado em outros dialetos (embora a autora não cite quais poderiam ser esses outros dialetos). Desta forma, palavras como “ônibus” e “pires” passam a ser pronunciadas no dialeto “caipira” como /'õnibu/ e /'pire/. Os exemplos são, respectivamente, da autoria de Bortoni- Ricardo (2011, p. 70) e Amaral (1976, p. 53).

- **Substituição da consoante lateral /l/ por /ɻ/ em final de sílaba:²**

De acordo com Bortoni-Ricardo (2011, p. 72), em alguns casos a consoante lateral /l/ é substituída pela aproximante retroflexa como ocorre na palavra /karna'va/ - carnaval ou pode ser suprimida, como ocorre em /ã'nε/. No Brasil, a pronúncia corrente é aquela em que a lateral é vocalizada, como por exemplo, /a'nεw. Amaral (1976, p. 52), entretanto, não

² Embora no português brasileiro esta pronúncia não seja comum, optou-se por adotar de forma fidedigna as informações trazidas por Bortoni-Ricardo (2011).

comenta a hipótese de supressão da consoante, apenas exemplifica casos em que ocorre a substituição da lateral /l/ pela retroflexa: /'mɛɫ/ – mel e /pa'pɛɫ/;

- **Assimilação do “d”:**

Segundo Cagliari (2002, p. 99), o processo de assimilação ocorre quando “um som torna-se mais semelhante a outro, que lhe está próximo, adquirindo uma propriedade fonética que ele não tinha”. No dialeto “caipira” é comum ocorrer assimilação em verbos terminados em “ando”, “endo” e “indo”, como podemos observar nos exemplos citados por Amaral (1976, p. 51) e Bortoni-Ricardo (2011, p. 82), respectivamente: /'venu/ – vendo e /fa'lãnu/ – falando.

No caso, por exemplo, da palavra “vendo – venu” ocorreu um processo de assimilação devido ao fato do fonema [n] ser mais nasal que o [d].

- **Prótese e aférese:**

Coutinho (1976, p. 146) define prótese como “o aumento de som no começo de um vocábulo”. Este processo é muito comum no dialeto “caipira” e também na fala infantil, pois palavras como “lembrar”, “voar” e “repetir”, são pronunciadas, segundo Amaral (1976, p. 54), como /alẽ'bra/, /avv'a/ e /axipi'tʃi/. Bortoni-Ricardo (2011) também encontrou casos de prótese na fala dos moradores de Brazlândia, cidade satélite de Brasília;

O oposto do processo de prótese também ocorre no dialeto “caipira”. Coutinho (1976, p. 147) caracteriza aférese como “a queda de um fonema no início de uma palavra”. Tanto Amaral (1976, p. 53) quanto Bortoni-Ricardo (2011, p. 82) constataram casos de aférese, ou seja, quando um fonema é suprimido em início de palavra, como ocorre em /bi'serva/ – observa e /ka'bo/ – acabou;

- **Apócope:**

De acordo com Coutinho (1976), esse processo é caracterizado pela supressão de fonemas em finais de palavras. Amaral (1976, p. 54), exemplifica o processo de apócope no dialeto “caipira” com a palavra “legítimo”- /le'gítʃi/. Nesse caso, houve supressão total de uma sílaba tornando a palavra paroxítona;

- **Metátese do “r” ou “s”:**

O processo de metátese caracteriza-se, de acordo com Cagliari (2002), como uma transposição de fonemas em uma mesma palavra. Tal processo foi encontrado nos dados de Amaral (1976, p. 54) /peɾ'sizʊ/ - preciso e nos de Bortoni-Ricardo (2011, p. 81) /'dɾɔmi/ - dormir. A autora afirma que o processo de metátese no dialeto “caipira” ocorre tanto com o fonema [r] como com o fonema [s], enquanto o autor de “O dialeto caipira” não faz essa observação. Ela cita como exemplo a palavra “satisfeito” - /sastʃis'feitʊ/ (Bortoni-Ricardo, 2011, p. 81). Cabe ressaltar que casos como esse são menos comuns.

- **Desnasalização**

O processo de desnasalização ocorre quando um fonema nasal transforma-se em oral. (Coutinho, 1976). No dialeto “caipira”, esse fenômeno pode ser encontrado em casos como “*virgem –virge*” e “*homem- home*”. Ambos os exemplos são de autoria de Amaral (1976, p. 51).

- **Redução de ditongos:**

De acordo com Bortoni-Ricardo (2011, p. 63), a redução dos ditongos não é característica exclusiva do dialeto “caipira”, pois é comum encontrar na fala de pessoas que não fazem parte dessa comunidade linguística reduções como /'kaʃa/ - caixa, /'peʃi/- peixe e /'akabo/ - acabou. Entretanto, de acordo com a autora, alguns tipos de redução de ditongo ocorrem com maior frequência no falar “caipira” e são vistos de forma pejorativa, como por exemplo, a da palavra /oto'mɔvi/ - automóvel. Amaral (1976, p. 50) também relata no *corpus* analisado exemplos de redução de ditongo: /'baʃʊ/ – baixo; /'faʃa/ – faixa. Cabe ressaltar que essa diferenciação entre as formas que são aceitas como comuns e as que são vistas de forma pejorativa vai depender do tipo de ditongo e da expansão de seus processos. Portanto, é comum e “aceitável socialmente” falar /'kaʃa/, mas a realização /oto'mɔvi/ é vista como uma variedade rural e, portanto, desprestigiada.

Bortoni-Ricardo (2006) comenta que a noção de prestígio que é atribuído a uma variedade linguística é decorrente de fatores sociais, políticos e econômicos. Para a autora, as variedades regionais - rurais apresentam características fonéticas, morfossintáticas e lexicais da Língua Geral falada no Brasil, até meados do século XVII. Quando ocorreu o processo

migratório da zona rural para a urbana, os vernáculos rurais se transformaram em dialetos urbanos da classe menos favorecida social e economicamente e os itens lexicais e /ou expressões da fala regional passaram a ser vistas de forma pejorativa.

Mediante os pontos convergentes descritos acima, podemos perceber que muitas características presentes na fala das pessoas pesquisadas de 1920 ocorrem também na dos falantes denominados “caipiras” de 2011. Entretanto, existem alguns processos fonológicos descritos por Amaral (1976) que não são encontrados nas descrições realizadas por Bortoni-Ricardo (2011), como, por exemplo, a substituição do “e” ou “em/en” pelo “i” nasal em palavras como /'ĩzame/ – exame e /ĩ'prego/ - emprego. A vogal “o” em posição medial também sofre alterações, segundo Amaral (1976, p. 49), pois é pronunciada como “u”, como ocorre em /ku'zina/ – cozinha. Devido ao fato dessas alterações serem um processo comum na fala dos brasileiros, Bortoni-Ricardo (2011) não abordou esses processos em seu estudo, pois não se trata de características exclusivas do dialeto “caipira”.

Em relação às vogais, Bortoni-Ricardo (2011) descreve alguns exemplos de variação na sílaba pretônica que não foram retratados por Amaral (1976). Dentre esses exemplos, encontramos a substituição de “i” por “e” e “u” por “o” como ocorrem nas palavras [o'zina] - usina; /proe'bido/ - proibido; /'veve/ – vive. A autora diz que alguns casos podem ser exemplos de hipercorreção (usina-ozina), mas outros são resultantes de arcaísmos do português (ex: direito- dereito).

Além das considerações acima, cabe ressaltar que Amaral (1976) descreve algumas situações em que aparecem modificações nos fonemas das palavras pronunciadas pelos falantes denominados “caipiras”. Tais modificações compreendem processos de síncope, hipérese e epítese. Por síncope, Coutinho (1976) entende a supressão de um fonema no interior de uma palavra, como exemplo a palavra /'pesgu/ - pêssego. Por outro lado, quando um fonema é acrescentado no final de uma palavra como ocorre em /pale'tɔɿ/ - paletó, temos, de acordo Coutinho (1976) um caso de epítese. Quando a mudança do fonema ocorre de uma sílaba para outra se caracteriza o processo de hipérese /agoɿ'dãu/ - algodão.

Todos os processos acima descritos resultantes das comparações tecidas entre as obras de Amaral (1976) e Bortoni-Ricardo (2011) caracterizam o falar “caipira”. Entretanto, se faz necessário ressaltar que, segundo Castro (2012), o “r” retroflexo ou “caipira” tem sido desde os estudos realizados por Amaral a variante mais marcante do dialeto “caipira”. Desta forma, o “r” retroflexo tornou-se a “marca” dos falantes desse dialeto. Amaral (1976, p. 47) descreve o “r caipira” como “línguo-palatal e guturalizado”, realizado na posição de coda silábica,

como na palavra “mar” e em posição intervocálica, como na palavra “arara”. Estudos mais recentes como o de Castro (2012), que investigou a ocorrência da aproximante retroflexa no estado do Paraná, afirmam que a realização da aproximante retroflexa em posição intervocálica é mais comum em regiões próximas ao interior do estado de São Paulo. No estado do Paraná, por exemplo, a pronúncia do “r” como retroflexo é favorável em posição de coda silábica.

3 IDENTIDADE “CAIPIRA” :definição

Quem é o “caipira”? O que significa ser “caipira”? Como definir a identidade “caipira”? A definição do conceito de identidade é, segundo Oliveira (2006), abordada por várias áreas, como a Linguística, Psicanálise, Antropologia, dentre outras. Isso ocorre, porque, segundo esse antropólogo, o termo “identidade” é polissêmico. Entretanto, independente do conceito que esse vocábulo recobre, é inegável a associação deste com a língua.

A associação entre língua e identidade, no entanto, não é exclusiva dos estudos sociolinguísticos. A Antropologia, por exemplo, reconhece que a língua é fundamental na construção da identidade de um povo, pois, segundo Oliveira (2006), é por intermédio da língua que o homem expressa suas ideias, opiniões e sentimentos. Através da língua, também é possível, segundo o autor, marcar o domínio de uma identidade étnica sobre outra, numa determinada região. Oliveira (2006) cita como exemplo, a situação que ocorre em Barcelona. A língua oficial do país é o castelhano. Entretanto, quando os catalães não querem que os castelhanos, que são em sua maioria imigrantes, participem das decisões e /ou conversas, aqueles falam em catalão para que esses não consigam entender e se sintam excluídos.

A língua como parte constitutiva da identidade social é também um tema abordado pela Psicanálise. Devido ao fato desse estudo ter como embasamento teórico / metodológico pesquisas voltadas para a Sociolinguística, as questões relacionadas à Psicanálise não serão aprofundadas. Entretanto, cabe ressaltar que de acordo com Chnaiderman (2006), o conceito de identidade está relacionado ao de alteridade, ou seja, em colocar-se no “lugar” do outro, identificar-se com o outro. Tal identificação, dentre outros fatores, ocorre por meio da língua.

Para a Sociolinguística, a língua marca a identidade de um grupo (DITTMAR, 1976). Desta forma, através do modo como fala, ou seja, das variedades linguísticas que o falante emprega, é possível saber de onde ele veio e até mesmo sua faixa etária. Segundo Aléong (2001), o indivíduo possui dois tipos de identidade: a social ou coletiva e a individual. Essa se caracteriza pela constituição individual de cada ser e aquela pelas normas sociais e/ou regras de comportamento que regem todas as pessoas que convivem em sociedade. Tais normas, segundo Aléong (2001), são relativas e variam. Isso ocorre porque a sociedade é heterogênea. Por ocorrerem variações nas normas sociais, a língua também varia, ou seja, é heterogênea. Como consequência disso, torna-se possível marcar a identidade de um falante pela língua que este fala.

Mey (2006) afirma que a passagem bíblica em que São Pedro estava no pátio do Sumo Sacerdote é um exemplo de como a língua marca e /ou denuncia a identidade de um

indivíduo. Nessa passagem, após a prisão de Jesus, uma das criadas pergunta ao santo se ele era galileu (um grupo étnico não muito respeitado na época). Embora São Pedro negasse por três vezes sua identidade, as pessoas ao redor sabiam que este mentia, pois diziam que a língua por ele falada tinha-o denunciado.

Entretanto, não são apenas os fatores linguísticos os responsáveis pela caracterização da identidade de um grupo. Embora Rajagopalan (2006) afirme que a identidade de um indivíduo é constituída pela língua e na língua, o autor argumenta que, além dos fatores linguísticos, também existem outros aspectos, como exemplo, os culturais e religiosos que fazem com que um determinado indivíduo sinta-se pertencente a um grupo, ou seja, identifique-se com este. Como exemplo da importância desses fatores extralinguísticos, o autor cita as línguas Hindu (falada na Índia, em Suriname, Guiana, Trinidad e Ilhas Maurício) e Urdu (falada no Paquistão). O que faz essas línguas serem diferentes são as questões religiosas e geopolíticas, pois, do ponto de vista linguístico, possuem a mesma estrutura, podendo ser consideradas uma só língua. Portanto, em determinadas situações, o que diferencia uma língua da outra não são os aspectos linguísticos, mas sim as questões sócio-históricas.

Levando em conta os conceitos apresentados, pode-se dizer, então, que existe uma identidade “caipira”? E se existe essa identidade “caipira”, a forma como esta é percebida pelos seus falantes se assemelha à visão que outros falantes, de comunidades linguísticas distintas, possuem dessa identidade?

3.1 A construção da identidade “caipira” e o preconceito

Scherre (2008) afirma que todos os falantes têm necessidade de se identificar com o grupo que os cerca e a língua é uma forma de identificação ou distanciamento, de dominação e, em alguns casos, de opressão. A língua como forma de opressão ou distanciamento ocorre quando os falantes consideram o falar do outro como “feio” ou “errado”. Tal forma preconceituosa de perceber e caracterizar a linguagem do “outro” ocorre com o dialeto “caipira”, pois, ao invés de considerar a linguagem “caipira” como manifestação de uma cultura ímpar, esta é retratada de forma caricatural pela sociedade.

Isso ocorre porque uma das funções sociais da linguagem é, segundo Aléong (2001), marcar e representar a identidade do indivíduo e seu “status”. Pode-se dizer que a língua colabora para sublinhar uma distinção social e, em alguns casos, ocasiona o preconceito linguístico, que é tão ruim como qualquer outro tipo de preconceito – raça, sexo ou religião,

dentre outros - e deve ser, portanto, combatido. Na maioria das vezes, o preconceito linguístico não é um tema muito abordado ou discutido, pois ocorre de forma “camuflada”, justificado pelo “mito” de que existem construções linguísticas melhores que outras, mais bonitas ou elegantes. Este “mito” constitui-se, segundo Scherre (2008), em uma confusão entre norma padrão escrita e “variedades faladas”. Enquanto aquela está associada a escritores consagrados e variedades de uma elite urbana com aceitação social, essas compreendem os falares de uma língua “viva” e transmitidos em circunstâncias comunicativas do cotidiano. Como diria Oswald de Andrade (1924), “uma língua repleta de contribuição de nossos erros, como somos e falamos”. De acordo com Leite (2008, p. 13), “a linguagem é o que o homem tem de mais íntimo e o que representa sua subjetividade”. Além disso, ela é social e transmite, mesmo que inconscientemente, valores ideológicos. Portanto, cada grupo linguístico, como bem expressa Fiorin (2002), possui um sentimento de “narcisismo” em relação ao seu modo de falar.

O preconceito se dá, de acordo com Leite (2008), pela não aceitação do outro, a exclusão de suas características, causando uma “diminuição” na boa qualidade das relações sociais, pois a atitude linguística de um falante está relacionada às preferências acerca do “status” e do prestígio que determinado falante possui na sociedade. Segundo a autora, o preconceito pode ser construído sobre algo que não foi previamente pensado e/ou julgado, apenas aceito como forma de tradição cultural, portanto, não tem origem na crítica ou no ato de refletir sobre algo, apenas pauta-se na tradição daquilo que é costumeiro ou em argumentos autoritários, tais como: “isso é assim porque tem que ser”. Como consequência disso, comportamentos e / ou atitudes preconceituosas podem ser ocasionados sem antes ocorrer uma reflexão sobre o porquê do não gostar ou não aceitar. Em muitos casos, o preconceito, de acordo com Leite (2008), ocorre de forma silenciosa, pois, muitas vezes, as pessoas apenas **suportam** o jeito, a opção sexual, a religião ou a fala do “outro”, mas não aceitam tais comportamentos e/ou atitudes. Para existir preconceito é preciso, portanto, que ocorra uma não aceitação da diferença, embora a manifestação dessa não aceitação nem sempre seja necessária. A intolerância, diz Leite (2008), também diz respeito à não aceitação da diferença, porém, ao contrário do preconceito, implica na transformação dessa não aceitação em uma atitude de ódio e de agressividade irracional.

Essa falta de compreensão ou não aceitação da diferença pode se manifestar em inúmeras áreas, como a religiosa, cultural, sexual e também na linguagem. Assim, considera-se “inferior”, seja por desconhecimento ou por puro preconceito, por exemplo, o falar das

pessoas pertencentes à comunidade “caipira” quando essas estão em contato com falantes que não fazem parte dessa comunidade.

Segundo Amaral (1976) e como já destacamos em 2.3, a presença do “r” retroflexo é um forte traço do falar “caipira”. Esse, de acordo com Castro (2012), é encontrado, com grande frequência, na fala dos habitantes das cidades do interior de São Paulo, do norte do Paraná, do centro-oeste de Mato Grosso do Sul e Goiás e do sudeste de Minas Gerais. Embora esse traço devesse ser respeitado, isso não acontece, tornando-se uma forma de estigmatização linguística. A mídia televisiva, segundo Scherre (2008), por sua vez, tem contribuído em demasia para o reforço dessa estigmatização, retratando personagens “caipiras”, falantes do “r” como retroflexo, de forma caricatural e estereotipada.

Os estereótipos, segundo Labov (2008) são como marcas que representam determinado modo de falar, contexto social e /ou regional de um grupo de pessoas. O “caipira”, por exemplo, carrega o estereótipo de “habitante do mato, sem instrução social”. Podemos nos perguntar como essa imagem foi construída. Um primeiro aspecto a considerar é o processo histórico de constituição da “comunidade caipira”, e, associado a isso, de um estilo de vida “caipira”. O segundo é o modo como o “caipira” foi retratado, alimentando, assim, a elaboração de uma imagem. Trataremos do primeiro ponto em 3.2 e do segundo em 3.3 e 3.4, a seguir.

3.2 Aspectos sociais, culturais e religiosos da vida “caipira”

Candido (2001) relata que os bandeirantes, ao desbravar o interior do Estado de São Paulo rumo a Minas Gerais na busca por ouro e mão-de-obra escrava, colaboraram para o desenvolvimento de certas culturas, como a “caipira”: caracterizada por uma vida nômade, baseada na subsistência. Tanto nos aspectos agrícolas como no modo de viver, o “caipira” buscava uma vida de aventura, provisória, construindo casas rudes, feitas de varas e pau-a-pique, pois não se fixavam em um lugar específico. Conforme a necessidade de alimentos, mudavam-se de um lugar para outro, pois a agricultura itinerante possibilitava a renovação da terra e, indiretamente, contribuía também para o equilíbrio ecológico. Desta forma, o povoamento disperso possibilitou a manutenção de uma economia de subsistência, resultante de técnicas rudes.

Como consequência da longa distância entre esses povoamentos, os costumes dessas pessoas compreendiam um estilo de vida que fazia com que o “caipira” não conseguisse estreitar, por muito tempo, laços de amizades. Possivelmente, a falta de contato social fez com

que os “caipiras” fossem rotulados como pessoas rudes, sem trato social e, posteriormente, fossem discriminados.

Candido (2001) relata que durante a fase nômade, os alimentos consumidos eram os autóctones, como o feijão, milho e mandioca, que, mais tarde, foi substituída pelo arroz. A base da alimentação “caipira” era proveniente dos costumes indígenas, embora o modo de preparo se diferenciasse, pois gostavam de cozinhar usando banha de porco. Posteriormente, o milho tornou-se o símbolo da alimentação “caipira” e dele se faziam produtos como pamonhas e curais. O consumo de tais produtos é apreciado até hoje na comunidade “caipira”.

Candido (2001) afirma que a vida nômade do “caipira” sofreu alterações no final do século XIX, quando esses começaram a se fixar em um único lugar. O sedentarismo ocasionou o surgimento de pequenos comércios, que, posteriormente, originaram pequenos bairros. O “bairro”, de acordo com Candido (2001), representa um aglomerado de vizinhos que, posteriormente, se desenvolveu e se tornou uma espécie de vila. Tal vizinhança possibilitou a fixação dos “caipiras”, que embora vivessem afastados, já possuíam a oportunidade de conviver socialmente. Além do comércio, outro fator de extrema relevância para o surgimento dos bairros foi a construção de capelas. A religiosidade do “caipira” sempre foi um aspecto muito forte de sua cultura. É tamanha a sua importância, que muitas casas eram construídas por meio de mutirões, baseadas no princípio religioso da solidariedade.

Os mutirões, segundo Candido (2001), eram formados por aglomerados de pessoas que se juntavam e ajudavam nas construções de casas, nas atividades da lavoura, atividades domésticas e o que mais fosse preciso. Esse espírito solidário não se dava apenas em consideração pela pessoa que estava sendo ajudada, mas era uma obrigação perante Deus. Na maioria das vezes, de acordo com o autor, quando eram realizados os mutirões, a pessoa beneficiada oferecia uma festa, pois não havia pagamento pelo serviço prestado. Além de solucionar o problema da mão de obra, os mutirões serviam como forma de distração, colaborando para o desenvolvimento de uma característica marcante na cultura “caipira”: o gosto pelas festividades. Assim, o “caipira” foi se tornando sedentário e mais participativo da vida social.

O excesso de festividades associou ao “caipira” um caráter de ócio, criando assim, a imagem do “caipira” associada à preguiça. Porém, segundo Candido (2001), o lazer era uma parte fundamental da cultura “caipira” e, por possuir esse caráter cultural, não deveria ser mal julgado ou entendido. Além do caráter festivo mal compreendido, os “caipiras” também eram considerados ineptos para o trabalho por possuírem um ritmo diferenciado, pois respeitavam a

natureza e, por plantarem em uma terra muito fértil, não havia a necessidade de se cansar em demasia nas atividades agrícolas. Sendo assim, podiam descansar com frequência.

O modo como o “caipira” trabalhava não era semelhante ao modo como a cultura europeia concebia o trabalho. Como consequência da Revolução Industrial, o trabalho, para os europeus, era sinônimo de lucro e deveria ser realizado com exaustão. Essa visão europeia sobre o trabalho se difundiu em meados do século XIX, quando começaram a ser cultivados os primeiros pés de café no interior paulista. Enquanto o interior se destinava ao cultivo dos cafezais, a capital paulista começava a apresentar traços de industrialização. Como consequência disso, na busca por padrões culturais que se assemelhassem aos padrões difundidos pela potência industrial que era a Europa, o padrão de vida europeia tornou-se altamente valorizado e o “caipira”, segundo Carmo (2008), sentiu-se deslocado, pois seu modo de trabalho não se assemelhava aos modos europeus, tão valorizados pela elite paulista.

Essa desvalorização em relação ao modo de trabalho do “caipira” fez com que os donos das fazendas de café empregassem, além dos “caipiras”, outros trabalhadores em seus cafezais. Como a abolição da escravidão já havia acontecido, a solução foi trazer os imigrantes, principalmente italianos, para trabalhar nas lavouras de café do interior.

A convivência entre os “caipiras” e os imigrantes ocorreu de forma amena. Esses se identificaram com a cultura “caipira”, no que diz respeito ao gosto por festividades e ao caráter solidário dessas festas. Os “caipiras” também foram influenciados pelos imigrantes, principalmente no que diz respeito aos hábitos alimentares: passaram a ser incluídos na dieta “caipira” a polenta e o macarrão.

Segundo Calsani e Giorgiani (2009), na época da plantação do café, os “caipiras” passaram a viver em colônias. Essas colônias eram espaços que compreendiam um aglomerado de várias casas, todas iguais. Essas moradias ficavam perto de um armazém, que vendia alimento para os colonos. O pagamento pela comida era feito de tempos em tempos, pois primeiro comprava-se a mercadoria e depois se pagava por ela. Geralmente, o pagamento era realizado anualmente.

Portanto, com a industrialização ocorrida em São Paulo e a forte influência do sistema capitalista, o estilo de vida do “caipira”, que antes era nômade, passou por significativas mudanças. O “caipira” teve que sair do isolamento e participar das relações comerciais. Antes de ser afetado pelo capitalismo, o “caipira” plantava, caçava e pescava como se fosse uma parte do meio em que vivia, mudava de região para plantar. Desta forma, encontrava-se em harmonia com o ambiente, retirando deste o necessário para sua subsistência. Porém, de acordo com Candido (2001), com o progresso econômico e industrial, a relação homem e

natureza sofreu modificação e, a partir do momento em que o “caipira” se fixou, a busca por produtos manufaturados cresceu em demasia, fazendo com que os hábitos fossem mudados: o “caipira” passou a trabalhar constantemente, inclusive aos domingos, para comprar produtos que, antes, produzia em casa. Essa situação, em muitos casos, ocasionou um grande desequilíbrio, pois as pessoas não caçavam mais, entretanto, não tinham recursos financeiros suficientes para comprar carne; não utilizavam os apetrechos domésticos, mas não podiam adquirir os que eram vendidos nas vendas.

A vida pautada no sistema capitalista ocasionou o surgimento de novas formas de trabalho, de acordo com Candido (2001): (I) a parceria, em que eram estipulados valores para o proprietário e para quem plantasse a terra; (II) a meação, em que o lucro era dividido meio a meio (50% para o proprietário e 50% para o meeiro); (III) o colonato, que reunia os assalariados e (IV) os aforantes, que eram proprietários incompletos, ou seja, aqueles que não eram como os colonos nem possuíam tanto como os sitiantes (pequenos proprietários), podendo interromper o trabalho quando quisessem para ir à vila.

Além das formas de trabalho, de acordo com o mesmo autor, ocorreram mudanças no trato social, pois os mutirões, que antes eram realizados com frequência, restringiram-se apenas aos vizinhos mais próximos e aos familiares e passaram a compreender a troca de alimentos: dividiam-se as carnes, quando um porco era morto ou fazia-se a partilha de alimentos com o intuito de não estragar a comida.

Aos poucos, o “caipira” e sua variedade linguística foram saindo da roça, chegando à cidade. Assim, este foi se acomodando aos padrões culturais que não podiam mudar e essa acomodação foi ocorrendo na medida em que os fatores modernos e tradicionais entravam em contato. Segundo Candido (2001), os aspectos modernos não substituíram os tradicionais, pois ocorreu um processo de ajustamento entre esses valores. Esse processo em que valores distintos se combinam recebe o nome de aculturação.

Com a reformulação dos aspectos sociais e a nova dependência econômica resultante do processo de industrialização de São Paulo, ocorreram mudanças tanto no nível econômico, como social e cultural da vida “caipira” tradicional. Durante o processo de industrialização, ocorreu uma difusão das culturas europeia e americana, tornando-as modelos a serem seguidos na capital. Como consequência disso, ocorreu uma desvalorização da vida “caipira”, por ser relacionada ao interior, percebida como sinônimo de atraso a ser superado.

Ainda nos dias atuais, essa visão preconceituosa em relação ao “caipira” existe e não está restrita apenas aos moradores da zona rural, mas se expandiu aos moradores das cidades do interior. Tal visão, como foi dito anteriormente, é resultante de um processo de

industrialização que culminou na valorização excessiva de padrões estrangeiros. Desta forma, segundo Setubal (2005), as pessoas, principalmente as que não vivem no interior de São Paulo, não valorizam formas de vida que não estejam relacionadas às grandes cidades, fontes de progresso e de modernidade. Isso ocasiona uma desvalorização do interior e sua cultura, por possuírem muitos aspectos sociais tradicionais. Cria-se, portanto, uma visão generalizada do “ser caipira” como sinônimo de atraso social. Entretanto, por outro lado, de acordo com a mesma autora, os paulistanos, por exemplo, valorizam a cultura nordestina e mineira, reconhecendo nelas um caráter exótico e original. Tal visão de patrimônio cultural não é a mesma empregada pelos paulistanos em relação à cultura “caipira”: mais uma vez, o critério de apreço ou desvalorização está pautado nos moldes do que é estrangeiro, pois se valoriza o olhar do exótico, mas não do pertencimento. Ainda afirma a autora, valorizar a cultura “caipira”, para o paulistano, pode ser sinônimo de pertencer ao grupo “caipira” e esse sentimento identificatório em relação a uma cultura tradicional não condiz com os modismos estrangeiros seguidos pela sociedade atual, pautados no progresso e na modernidade.

Candido (2001) afirma que, entre as características que compõem o jeito de ser “caipira”, está o apreço pela família e pela religião. Os “caipiras” viviam em uma sociedade patriarcal e, por isso, o casamento ainda é muito importante nessa comunidade. Atualmente, as tradições “caipiras” passam por um novo processo de aculturação, devido às características e mudanças rápidas que caracterizam a sociedade moderna. Antigamente, de acordo com o autor, era imprescindível, principalmente para o homem, casar-se e constituir família, com exceção daqueles que seguiam a vida religiosa. O namoro também se diferenciava do modo de se relacionar atual: os namorados quase não se viam e se o faziam era na presença dos pais. Quando os casais tinham seus filhos, escolhiam pessoas próximas para batizar as crianças, estabelecendo um laço de compadrio. Os compadres e comadres, se não fossem da família, tornavam-se parte dela, pois a relação de compadresco era muito importante para os “caipiras”.

Ainda de acordo com Candido (2001), muitas dessas relações sofreram alterações. Outras, como o compadresco, ainda persistem. Dentre essas que persistem, está o emprego de apelidos, pois é muito comum dentre os “caipiras” o chamamento pelo apelido, que, em muitos casos, torna-se uma espécie de nome ou sobrenome da pessoa, embora essa não seja uma característica exclusiva do “caipira”.

Mediante todas as mudanças ocorridas, é comum, principalmente entre os mais velhos, o surgimento de um sentimento de saudosismo em relação à época em que os “caipiras” não estavam muito articulados com a vida da cidade. Muitas vezes, a saudade existe em relação a

fatos irreais, como por exemplo, quando os “caipiras” se referem à fartura de alimentos, pois, na verdade, muitas pessoas só comiam o que era cultivado em suas casas e algumas não tinham condições de complementar as refeições com os alimentos comercializados nas vendas. Tal sentimento é encontrado e cantado nas músicas de raiz, que segundo Setubal (2005), possuem como objetivo o resgate da origem “caipira”.

Porém, nem sempre os acontecimentos sócio-históricos pelos quais os “caipiras” passaram foram retratados como forma de resgate da cultura do habitante do interior, como será abordado na seção 3.3 e 3.4.

3.3 O retrato do “caipira”: de Saint-Hilaire a Antonio Candido

De acordo com Silva (2008), a imagem do “caipira” tem sido abordada pelos segmentos cultural, midiático e literário de forma diversa. Segundo o autor, enquanto em alguns desses segmentos como na culinária e nas músicas sertanejas universitárias há uma valorização do modo de vida “caipira”, em outros, isso não ocorre, uma vez que ser “caipira”, em alguns casos, passa a ser sinônimo de pessoa “jacu” (sem trato social) e mal vestida.

Ainda nos dias atuais, essa dicotomia entre a valorização x desvalorização do ser “caipira” perdura no imaginário e nas relações sociais. Esse conflito tem suas raízes na forma como a imagem do “caipira” tem sido construída ao longo do tempo.

De acordo com Silva (2008), a imagem do “caipira” na literatura apareceu pela primeira vez nos escritos de Saint-Hilaire, Spix e Martius, datados da segunda metade do século XIX. Tais escritores eram, segundo o autor, exploradores enviados pela coroa portuguesa ao interior do país com o intuito de doutrinar os povos contra possíveis revoltas contra os portugueses. Os relatos desses exploradores sobre os povos do interior, seus costumes, culinária e crenças acabaram tornando-se uma espécie de diário. Nesses diários, o “caipira” era retratado de forma negativa. Silva (2008, p. 37) afirma que, na visão desses exploradores, “o caipira é um ser miscigenado, resultado do cruzamento entre brancos e índios e tal mistura implica deficiência, seja psíquica ou social”.

Tal visão pejorativa do “caipira” não é encontrada, entretanto, nas telas de José Ferraz de Almeida Júnior, pintor ituano que viveu entre os anos de 1850-1899. De acordo com Perutti (2012), o pintor retratava em suas obras regionalistas o dia-dia dos “caipiras”, seus costumes, seu modo de socialização. Para Almeida Júnior, o “caipira” era descendente dos bandeirantes, e estes possuíam, segundo Perutti (2012), um caráter simples, corajoso e aventureiro. Entretanto, faz-se necessário ressaltar que, para Almeida Junior, retratar o

“caipira” significava muito mais que mostrar o caráter heroico desses descendentes dos bandeirantes. Para o pintor, o importante era analisar o cotidiano e o comportamento do viver “caipira” (Perutti, 2012,).

Abaixo, segue a representação de uma obra de Almeida Júnior intitulada “O violeiro”. De acordo com Perutti (2012), essa obra é um exemplo de pintura regionalista do artista que retrata a forma de socialização do “caipira” através da música, ou seja, da repetição de tradições orais. Perutti (2012) afirma que nas obras em que o pintor retrata as famílias burguesas de São Paulo, as personagens utilizam álbuns de fotografia, ou seja, material impresso como forma de distração e socialização. O mesmo não ocorre com as obras regionalistas: a memória do passado é acionada por meio da transmissão oral e não por meio do papel.

Figura1- “O violeiro”, de José Ferraz de Almeida Júnior



Fonte: ALMEIDA JR; José Ferraz de. *O violeiro*. Disponível em:<<http://www.cecac.org.br>>. Acesso em: 18. jan. 2012.

Embora o “caipira” não tenha sido retratado de forma negativa nas telas de Almeida Júnior, foi nas obras de Cornélio Pires que a identidade “caipira” foi, de fato, valorizada. De acordo com Silva (2008), Cornélio Pires foi o defensor da cultura “caipira”³. Com mais de vinte obras sobre o “caipira” e seu modo de viver, Cornélio, diferentemente de Monteiro

³ De acordo com informações veiculadas no site < <http://www.violatropeira.com.br>>. Acesso em: 24. abr. 2013, Cornélio Pires foi um grande divulgador da cultura “caipira”, seja através da música, de palestras ou da literatura. Jornalista, escritor e folclorista, Cornélio nasceu em Tietê- SP em 1884 e faleceu em 1958.

Lobato, enfatizava o homem rural, seu trabalho, sua simplicidade e o amor que este externava à natureza. Segundo Silva (2008), além de escritor, Cornélio Pires também foi conferencista da cultura “caipira”. Durante suas palestras, o autor tinha como intuito difundir a imagem do “caipira” como alguém trabalhador e possuidor de uma cultura ímpar.

Dentre as obras de Cornélio Pires, Silva (2008), destaca como as mais relevantes “Conversas ao pé do fogo (1921)”, “As estrambóticas aventuras de Joaquim Bentinho – o queima campo (1924)”, “Quem conta um conto (1916)” e “Mixórdia (1927)”. A linguagem empregada pelo autor caracteriza-se, segundo Silva (2008), pelo modo de falar “caipira” e, para melhor entendimento do leitor, no final de cada livro, Cornélio criou um glossário para explicar alguns termos que permeavam o modo de falar nesse dialeto.

Abaixo, segue um trecho da poesia “Ideal do caboclo”, publicada em 1910, no livro “Musa caipira”, de autoria de Cornélio Pires. Nesse poema, a linguagem empregada caracteriza-se como “caipira” e é possível encontrar alguns processos fonológicos descritos por Amaral (1976) e Bortoni-Ricardo (2011), como característicos desse modo de falar. Para ilustrar alguns desses processos, podemos citar o alçamento de “e” em “i”, como ocorre nas palavras [kɪ'ria] e [fɪlɪsɪ'dade]; a vocalização da lateral palatal [ʎ] como ocorre na palavra [moɪɛ]; a supressão do “r” em infinitivo verbal como em [ʃo'ra], a substituição do “r” e “l” em [kõpre'ta]; a neutralização e a supressão de fonemas em ['põɪva]; a redução de ditongo em ['bera], [ʃo'dade] e ['poka], dentre outros.

“Ai, seu moço, eu só quiria
Pra minha filicidade,
Um bão fandango por dia,
E um pala de qualidade
Pórva, espingarda e cutia,
Um facão fala-verdade
E uma viola de harmonia
Pra chorá minha sódade
Um rancho na bêra d'água,
Vará de anzó, pôca mágoa,
Pinga boa e bão café...
Fumo forte de sobejo...

Pra compretá meu desejo,
Cavalo bão – e muié.”⁴

Concomitante com o período em que Cornélio publicou suas obras retratando o “caipira”, outro escritor brasileiro também se dedicou a retratar o habitante do interior. De acordo com Dias (2010), no ano de 1914, Monteiro Lobato lançou um artigo intitulado “Velha Praga”, que trouxe para a literatura a figura do “caipira” como o arquétipo do anti-herói. Na tentativa de desmistificar a figura romântica do caboclo como um “Jesus nacional”, segundo Dias (2010), Lobato rompeu com essa visão do “caipira” como forte e sadio e o retratou como sinônimo da preguiça, ou seja, um homem regido pela lei do menor esforço. Através do olhar do homem da cidade sobre o homem do campo é que se originou a forma estereotipada do “caipira”.

Enquanto, segundo Silva (2008), Cornélio Pires retratava o “caipira” como uma pessoa vitimada pela ignorância, mas, ao mesmo tempo, inteligente, capaz de aprender e alcançar o progresso, Lobato criou Jeca Tatu, um “caipira” que carregava em sua formação biológica o gene da incapacidade.

Entretanto, em 1918, Lobato publicou “Jeca Tatu: a ressurreição”. Embora trouxesse para o panorama literário os mesmos preconceitos retratados na publicação anterior, o escritor apresentou Jeca como vítima da estrutura agrária, jogado “às traças” devido aos privilégios que eram apenas oferecidos aos latifundiários, que, na época, eram a classe social que compunha a elite brasileira. Desta forma, de acordo com Dias (2010), Jeca Tatu, o habitante do interior, sofria de preguiça não por esta ser resultante da lei do menor esforço, mas porque tinha ancilostomose, uma doença que popularmente é conhecida como “amarelão”. Por estar doente, somente a ciência, no caso, o doutor, poderia curá-lo. O tratamento médico era a salvação do “caipira” e ao mesmo tempo, seu fim, pois sem o traço da preguiça, Jeca Tatu não seria o mesmo. Portanto, segundo Dias (2010, p. 66), “a ‘salvação’ do caipira, enfim, encontrar-se-ia na sua extinção”.

Com a consolidação do Partido Comunista na década de trinta e obras voltadas para a literatura engajada, em 1945, Lobato realizou a última publicação da trilogia Jeca Tatu: “Zé Brasil”, um “caipira” cujos traços do primitivismo faziam parte da cultura do indivíduo. A concepção do que é ser “caipira” nesse livro de Lobato, de acordo com Dias (2010), se

⁴ Pires, Cornélio. *Ideal do Caboclo*. Disponível em: < <http://www.recantocaipira.com.br>>. Acesso em: 03. jan. 2013.

assemelha ao perfil que Candido, em 2001, traça do habitante do interior. Morador do interior, Zé Brasil se muda para a cidade e torna-se vítima do sistema, entretanto, tem consciência de seu papel social: é o pedido formal de desculpas de Lobato para o modo como havia retratado os “caipiras” em 1914. Embora tenha tentado se retratar, a visão do “caipira” como “habitante do interior, sem trato social”, cristalizou-se na obra de Lobato e na memória discursiva do povo brasileiro.

A figura do “caipira” não se restringiu apenas à literatura e às pinturas. No ano de 1952, Amácio Mazzaropi, ator e diretor, aproveitou-se do estereótipo criado por Lobato em 1914, e lançou nos cinemas “Sai da frente”, um filme que trazia o “caipira” como um agente de suas ações, buscando retratar um país sem “maquiagem”, ou seja, a realidade.

Posteriormente, em 1959, Mazzaropi criou um novo filme: “Jeca Tatu”, que alcançou muito sucesso, pois, segundo o próprio Mazzaropi, o filme foi construído tendo como base não a obra de Lobato de 1914 ou 1918, mas o almanaque “Jeca Tatuzinho”, proveniente da propaganda comercial do *Biotônico Fontoura*, elaborado por meio de uma cartilha impressa, distribuída por todo o país. Porém, de acordo com Dias (2010), diferentemente da personagem de “Jeca Tatuzinho”, Mazzaropi retratava um Jeca muito parecido com o que Lobato retratou em 1914, pois, para Amácio, Jeca não era doente: tinha em sua essência a preguiça. Dias (2010) defende que o grande aspecto que diferenciava o Jeca Tatu lobatiano de 1914 em relação ao de Mazzaropi era o fato de que, no filme, o “caipira” foi retratado segundo sua própria ótica, como uma pessoa que conseguia tirar proveito das situações vividas e, na história de Lobato, o “caipira” foi retratado mediante o olhar do “outro”, ou seja, do fazendeiro.

Os filmes de Mazzaropi contribuíram para a fixação do estereótipo do “caipira” como alguém preguiçoso, sem vontade de trabalhar, que aplica a lei do menor esforço. Tal cristalização ocasionou uma enorme distância entre o “caipira” real e o retratado nas telonas.

Segundo Dias (2010), no filme “Jeca Tatu”, de Mazzaropi, o “caipira” e o dono da fazenda, o senhor Giovani, um imigrante italiano que ascendeu socialmente, representavam, respectivamente, a tranquilidade do campo e o progresso. Desta forma, Mazzaropi representava o “caipira” puro e inocente e, segundo Dias (2010), as pessoas iam ao cinema para ver Mazzaropi e não os filmes que ele produzia. Foi assim que o estereótipo do “caipira” ganhou as telonas e o gosto popular.

Tamanha aceitação por parte do público ocorreu porque Mazzaropi não tinha como intuito desprezar a cultura popular. Ao contrário, seus filmes eram assistidos inclusive em cidades onde não existiam salas de projeção. Embora muitos críticos considerassem a obra de

“Mazza” como de baixa qualidade, o sucesso obtido era resultante da valorização do popular. Tal sucesso não ocorreu, por exemplo, com os filmes produzidos pelo Cinema Novo, pois os representantes desse desconsideravam o conhecimento da maior parte da população, taxando-os de “ignorantes”, desprezando sua cultura. Dias (2010) afirma que o Cinema Novo fazia filmes sobre o Brasil, enquanto Mazzaropi fazia filmes para o povo brasileiro: essa diferença foi a grande responsável pelo sucesso desse e a não popularidade daquele.

Os filmes de Mazzaropi retrataram um tipo regional, o habitante do interior, e eram, portanto, uma forma de engajamento do cinema em um cenário social, embora a intenção de “Mazza” não fosse essa: o produtor e ator buscava apenas retratar o “caipira” com o intuito de emocionar e divertir o público, isentando-o de qualquer compromisso social ou político. De acordo com Dias (2010), os recursos para as filmagens de Mazzaropi eram próprios, pois este era proprietário de uma indústria de cinema, a PAM- Filmes.

Nos filmes produzidos por Mazzaropi entre os anos de 1959 e 1980, a construção da personagem “caipira” não sofreu alteração: este sempre foi representado como preguiçoso, esperto, portador de um andar característico, sempre acompanhado da espingarda de pau, com mesma forma e cor, muito próximo ao estereótipo criado por Lobato, em 1914.

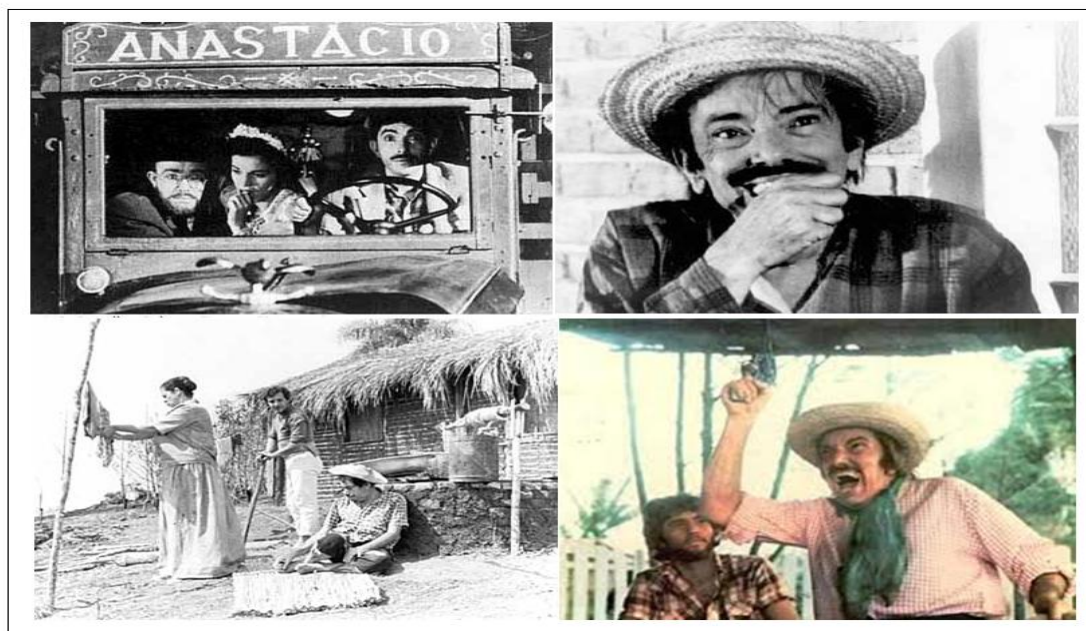
Segundo Dias (2010), mesmo com o objetivo de entreter a população, durante o período de 1964 – 1968, os filmes de Mazzaropi emitiram algumas críticas sutis ao governo ditatorial, que havia transformado o INC, Instituto Nacional de Cinema, em um órgão capaz de garantir a hegemonia do sistema político brasileiro. Embora tentasse fazer uma obra cinematográfica que não fosse voltada aos aspectos políticos, durante esses quatro anos, “Mazza” não se calou nas telas dos cinemas: deu algumas “alfinetadas” no governo. A principal obra desse período foi “O Jeca e a Freira”, produzida em 1967. Em o “Jeca e a Freira”, Dias (2010) afirma que o discurso contra o governo ditatorial não pôde ser feito “às claras”, ou seja, era inviável criticar a ditadura militar devido às represálias vindas do governo. Para “disfarçar” esse discurso antiditatorial, Mazzaropi inseriu Jeca em um contexto rural escravocrata. Desta forma, foi possível retratar o modo como os afrodescendentes sofriam represálias e eram castigados, na tentativa de assemelhar as torturas sofridas na época da escravidão com o regime político vigente no Brasil, sem levantar nenhuma suspeita de tal comparação. Embora essa obra tivesse implícita uma crítica política, o filme não perdeu o objetivo dos demais: o de alegrar os telespectadores.

Sintetizando a representação do “caipira” na obra de Mazzaropi, Dias (2010) afirma que o “caipira” foi sempre retratado da mesma forma: preguiçoso, com costumes culturais próprios e dotado de um bom caráter, fator que o diferenciava do fazendeiro, ou seja, dos

personagens com maiores recursos financeiros da trama. Embora o “caipira” de “Mazza” fosse dono de uma personalidade bondosa, possuía certa malandragem. Tal malandragem fazia com que a preguiça do “caipira” perdesse um pouco da relevância, pois este sempre conseguia aquilo que almejava. Essa forma estereotipada do “caipira”, de acordo com Dias (2010), perdurou até o último filme de Mazzaropi, em 1980, intitulado “O Jeca e a égua milagrosa”.

Tanto Lobato quanto Mazzaropi contribuíram para reforçar a ideia do “caipira” como estereótipo do atraso social, símbolo da resistência em relação à cultura do “outro”, ou seja, da classe social dominante. A figura 2 ilustra a construção dos personagens “caipiras” nos filmes de Mazzaropi, respectivamente, da esquerda para a direita: “Sai da frente”, “Jeca Tatu”, “O Jeca e a freira” e “O Jeca e a égua milagrosa”. Os personagens “caipiras” são sempre retratados com chapéu de palha, roupa xadrez, com sentimentos puros, embora tenham certo “ar” de malandragem. A figura mostra que, ao longo dos filmes, a imagem do “caipira” retratado por Mazzaropi não sofreu alterações, pois este se mostra vestido em trajes simples, demonstrando a simplicidade do povo “caipira”.

Figura 2-Imagem do “caipira” nos filmes de Mazzaropi

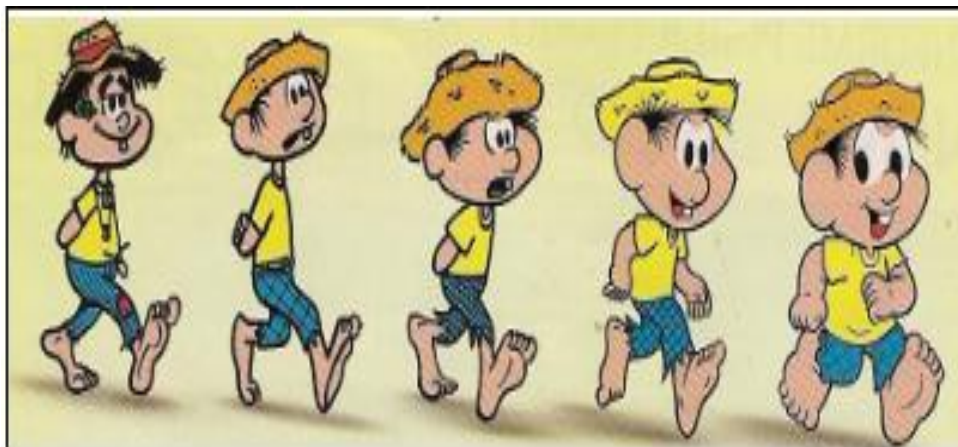


Fonte: Imagens disponíveis em: <<http://www.museumazzaropi.com.br>>. Acesso em: 04. abr. 2012.

O “caipira” como estereótipo do homem simples, sem trato social, cristalizou-se também nas histórias em quadrinhos, tendo como exemplo mais representativo Chico Bento,

personagem da “Turma da Mônica”, criado por Maurício de Souza, em 1963. Abaixo, seguem algumas imagens das mudanças da personagem desde sua criação até a forma como é conhecido atualmente:

Figura 3- Evolução da personagem Chico Bento



Fonte: SOUSA, Maurício de. *Almanaque do Chico Bento*. Panini Comics. n.36.

Segundo Fernandes (2011), Maurício de Souza pautou-se nos moldes lobatianos para criar a personagem “caipira” Chico Bento. Essa personagem ganhou o gosto popular de grupos de faixas etárias diversas, por ser um menino que apresenta características “caipiras” tradicionais e, ao mesmo tempo, transmitir a ideia de um futuro promissor, pois, segundo a autora Fernandes (2011), embora faça muitas traquinagens, como “colar nas provas”, roubar goiabas do vizinho, não fazer a lição de casa, Chico Bento possui boa índole e os leitores consideram suas más ações ou deslizes de conduta como estripulias comuns, que podem ser cometidas por qualquer criança.

Por ser sempre perdoado, o menino “caipira”, assim como Mazzaropi em seus filmes, sempre acaba “se saindo bem” de qualquer enrascada, afirmando a imagem do “caipira” como aquele que não age por maldade, mas por ignorância ou incompreensão das regras estabelecidas na sociedade. Como consequência disso, de acordo com Fernandes (2011), o público, seja o telespectador ou leitor, entende e perdoa os deslizes cometidos pelas personagens “caipiras” porque, em muitos casos, se vê como uma espécie de cúmplice e se vê nessas personagens; ou seja, como pessoas que também possuem preguiça e cometem deslizes que infringem as regras sociais, como por exemplo, “colar” nas provas da escola, apanhar frutas da árvore do vizinho sem pedir permissão, ou até mesmo passar quando o sinal está

fechado, jogar papel no chão. Esse processo de identificação faz com que tais personagens tenham grande aceitação do público e tornem-se adorados.

As semelhanças entre as personagens Chico Bento, Jeca Tatu e Mazzaropi não são apenas de caráter, mas também físicas. A figura 4 aponta essas semelhanças físicas entre essas personagens. Mediante uma análise comparativa entre as imagens, percebe-se que, desde a criação do Jeca Tatuzinho, as personagens “caipiras” se vestem quase da mesma forma: usam chapéu de palha, calças curtas, roupas xadrez e andam descalços. Entretanto, tais semelhanças não se restringem apenas ao vestuário: elas também estão presentes na fisionomia feliz, risonha das personagens e no semblante sereno, que transmitem uma sensação de tranquilidade, como se o “caipira” fosse sempre alegre, risonho, calmo e alguém que não tem preocupação em relação ao modo de se vestir, ou seja, veste-se de forma simples e, muitas vezes, jocosa. Tais características somadas resultam na imagem do “caipira” como uma pessoa humilde, pobre e simplória.

Figura 4- De Jeca Tatu a Chico Bento



Fonte: Sites diversos⁵

A imagem do “caipira” como “atrasado” e como trabalhador rural teve suas origens nos diários de viagens, que eram regidos pelos moldes europeus e foi difundida a com criação de personagens como o Jeca Tatu, de Monteiro Lobato e, posteriormente, Mazzaropi.

⁵ As imagens que compõem a figura 4 foram extraídas, respectivamente, dos sites: <<http://acervomonteirolobato.blogspot.com.br/2011/01/jeca-t-atuzinho-1925.html>>. Acesso em: 30. mar. 2012; <<http://criticaretro.blogspot.com.br/2012/04/centenario-de-mazzaropi.html>>. Acesso em : 04. abr. 2012; <<http://profjaborritmo.blogspot.com.br/2012/03/o-brasil-de-jeca-tatu-chico-bento.html>>. Acesso em: 04. abr. 2012.

Com a criação dessa personagem, Lobato reforçou a construção de sentido do termo “caipira” como algo pejorativo, pois a figura do “caipira” criada pelo escritor como sendo habitante do mato, “piolho da terra”, homem preguiçoso e baldio, inadaptável à civilização, perdura até hoje na memória discursiva do povo. É significativo o fato de que o termo “caipira”, de acordo com a definição do dicionário Ferreira (2001, p. 119), significa “habitante do campo ou da roça. Adj2g. Diz-se de caipira (1) [sin. Ger.: jeca, matuto, roceiro, sertanejo, caboclo, capiau, tabaréu]”. Portanto, o “caipira” ficou sendo reconhecido pelo lugar onde mora: o campo, a roça, o sertão, em oposição à cidade - futurista, progressista, símbolo de avanço tecnológico. Até os dias atuais, o caipira é visto de forma preconceituosa, pois ainda considera-se uma oposição entre rural e urbano. Como consequência disso, as pessoas acabam transferindo a não aceitação dos falantes para sua língua, surgindo daí as piadas sobre o modo de falar “caipira” e a representação desses falantes com roupas xadrez, poucos dentes e chapéu de palha.

De acordo com Silva (2008), na tentativa de reverter essa imagem pejorativa cristalizada no imaginário popular, Antonio Cândido, em 2001, lançou o livro “Os parceiros do Rio Bonito”. Em sua obra, o autor descreveu a pesquisa que realizou nos arredores de Bofete, retratando a vida “caipira”: seus aspectos culturais, sociais, familiares, religiosos, econômicos, ecológicos e alimentícios. Esta pesquisa compartilha a visão de Candido e Cornélio Pires sobre o “caipira”. No entanto, temos ciência de que a visão dominante nos meios literários, artísticos e midiáticos é aquela que foi construída a partir da obra de Lobato e reforçada pela filmografia de Mazzaropi e pelos quadrinhos de Maurício de Souza.

3.4 A criação do estereótipo do “caipira”

Possenti (2009) afirma que é comum os falantes de uma língua ou dialeto criarem representações das formas de falar distintas das por eles empregadas. Tais representações compreendem associações entre formas de falar e conceitos de valores como ocorre, por exemplo, com o “r caipira” que para alguns falantes está associado à vida rural (Possenti, 2009). Os criadores dessas associações muitas vezes, as consideram engraçadas, entretanto, para o autor, essas podem soar como forma de exclusão e gozação.

Infelizmente, algumas pessoas não consideram a variação linguística como parte intrínseca da língua, mas como meio de sobrepor grupos sociais (um grupo como sendo “melhor” ou mais poderoso que outro) e demarcar conceitos errôneos de “valor” (uma determinada forma de falar como sendo melhor ou mais bonita que outra), pois “o simples

fato de se falar uma dada língua ou dialeto em vez de outra língua ou dialeto identifica de pronto uma afinidade com um grupo social e um distanciamento com outros” (Camacho 2013, p. 240).

Em alguns casos, essa afinidade ou distanciamento podem ocasionar uma tendência de valorizar o que é nosso e desvalorizar as características presentes nos grupos aos quais não pertencemos. Para Pereira (2002), constantemente valorizamos as características do *ingroup* (grupo ao que pertencemos) e emitimos para os membros do *outgroup* (grupo ao qual não pertencemos) valores preconceituosos e/ ou negativos. Essa forma de valorizar as características de um grupo em relação a outro pode ocorrer por meio da criação de estereótipos. Os estereótipos favorecem a diferença social, uma vez que acentuam as diferenças entre os grupos sociais, tornando possível a valorização de um grupo em detrimento a outro (Pereira, 2002). Desta forma, o grupo que está avaliando mantém sua autoestima e assegura sua autoimagem em relação ao grupo avaliado e estereotipado.

Pereira (2002) afirma também que a criação de um estereótipo é resultante de um processo de observação. Portanto, o termo “estereótipo” não deve, necessariamente, ser associado apenas aos aspectos negativos de um grupo, pois em um processo de observação é possível abstrair tanto os aspectos positivos quanto os negativos. Entretanto, segundo o autor, geralmente os aspectos negativos de um grupo são mais focalizados que os positivos e, como consequência disso, o estereótipo acaba colaborando para a manifestação de preconceito e discriminação, que podem se manifestar mediante a rejeição verbal (anedotas e comentários preconceituosos) e até por ameaças. Isso ocorre com o estereótipo do “caipira”, que é caracterizado como “tímido habitante do mato, sem trato social”.

A definição do que seja um estereótipo não é algo simples. Pereira (2002), no livro intitulado “Psicologia social dos estereótipos”, começa a explicar o conceito pela origem etimológica da palavra: *stereos* (rígido) e *uipos* (traço). Posteriormente, o autor apresenta a origem histórica do termo: usado pela psiquiatria no século XIX, fazia referência a pacientes que sofriam de *dementia praecox* (repetição mecânica do mesmo gesto).

Muitos psicólogos, ao longo do tempo, relacionaram o termo “estereótipo” aos mais variados contextos. Para alguns, o estereótipo era uma espécie de “fotografia” resultante de uma “soma” entre as impressões individuais e as que são preexistentes na sociedade. Outros consideravam o estereótipo como estruturas cognitivas resultantes de conhecimentos, crenças e expectativas (Pereira, 2002). Independente das definições associadas ao termo “estereótipo”, é inegável o fato de que existam alguns fatores que o caracterizam. Para Pereira (2002), esses fatores são: consenso (o estereótipo é compartilhado pela sociedade), homogeneidade

(escolhe-se um traço que seja comum aos membros do grupo estereotipado, pois características individuais não originam estereótipos); distintividade (traços que distinguem o grupo estereotipado do *ingroup*) e fatores descritivos e avaliativos (todo estereótipo carrega componentes avaliativos).

O conceito de estereótipo para Souza (2006) está relacionado à forma como a sociedade julga os grupos sociais. Tal julgamento é realizado mediante uma busca pela homogeneidade de traços e ou características presentes em um determinado grupo. Além de emitir julgamentos em relação aos traços coletivos, são estabelecidas crenças sobre esses atributos julgados. Portanto, Pereira (2002) considera a mudança de um estereótipo um processo muito lento, pois as crenças que foram cultivadas desde muito cedo demoram muito tempo para serem mudadas e/ou transformadas. Geralmente, as mudanças que podem ocorrer nos estereótipos são resultantes de um maior contato entre o *ingroup* e o *outgroup*, mas o processo, como foi citado anteriormente, é muito lento (Pereira, 2002).

A falta de contato com o *outgroup* pode favorecer a criação de estereótipos. Isso ocorre, porque desde crianças possuímos a tendência de distinguir grupos sociais e valorizar o grupo do qual fazemos parte. De acordo com Pereira (2002), todo estereótipo é criado mediante um processo de categorização, ou seja, o *ingroup* observa uma categoria que está presente na maioria dos indivíduos do *outgroup* e que não se faz presente nos indivíduos do próprio grupo, com o intuito de diferenciar e sobrepor os grupos. Geralmente, essa é uma forma de os indivíduos do *ingroup* lidarem com a insegurança e a insatisfação que ocorrem no próprio grupo: “atacando” o grupo a que não pertencem (Pereira, 2002).

Quando um estereótipo é criado, o ambiente familiar, a escola e a cultura de massa ajudam na propagação ou não desse. A televisão, por exemplo, propaga figuras estereotipadas, como por exemplo, a figura do “caipira” que aparece nas novelas. Pereira (2002, p. 90) afirma que os meios de comunicação de massa “contribuem para o desenvolvimento de crenças estereotipadas coletivamente compartilhadas”. Nas escolas, os livros didáticos colaboram para a standardização dos comportamentos, veiculando ideias estereotipadas. Isso ocorre porque uma das características do estereótipo é o impedimento de ser questionado, pois é visto uma verdade absoluta (Citelli, 1986).

As ideias elencadas acima nos sugerem os seguintes questionamentos: se o estereótipo é resultante de um processo de observação, categorização, crenças, busca pela homogeneidade de traços, até que ponto podemos dizer que representa algo verdadeiro? As características presentes nos estereótipos podem, de fato, ser observadas nos membros do *outgroup*? Quais características que compõem o estereótipo do “caipira” estão presentes nos membros dessa

comunidade? Se o “caipira” mudou com o passar do tempo, porque o estereótipo não acompanhou tais mudanças?

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com o objetivo de analisar e descrever o modo como o falante “caipira” se reconhece linguística e socialmente e o modo como a mídia o retrata, na busca de contrastar a imagem do “eu” e do “outro”, este estudo foi dividido em duas partes distintas. A primeira delas consiste na fundamentação teórica e bibliográfica sobre o “caipira”, seu modo de ser, sua cultura e história apresentada nas seções 2 e 3. A segunda parte compreende a análise de nove novelas selecionadas (seção 5) e de uma pesquisa de campo, realizada nos modelos labovianos, que consiste na gravação e posteriormente, análise de dados de fala de vinte pessoas (seção 6). Passamos a detalhar os procedimentos referentes às duas etapas da análise de dados.

4.1 Descrição da coleta de dados provenientes da mídia

De acordo com Rocco (1989), o século XX foi caracterizado pelo grande desenvolvimento de produtos eletrônicos. Dentre esses produtos, a televisão se destacou como principal veículo da era eletrônica e teve, segundo a autora, grande aceitação por parte das famílias. Ela afirma que “a televisão exerce um efeito mágico, encantatório sobre as pessoas” Rocco (1989, p. 36) e que a razão de tal encantamento resulta de uma somatória de fatores, dentre eles, a união entre a imagem (movimento, expressão corporal, figurino) e a palavra (falas, músicas).

A linguagem da televisão é, segundo Rocco (1989), mais parecida com o oral do que com a escrita. Isso ocorre, porque “a televisão, na verdade, veicula oralmente suas mensagens. A oralidade é seu canal de transmissão”, Rocco (1989, p. 29). Portanto, se os grupos sociais distintos revelam comportamentos e tendências que se diferenciam, a linguagem da televisão deveria refletir essas tendências e comportamentos específicos. Entretanto, não é isso que acontece.

De acordo com Massini-Cagliari (2004), os programas televisivos não refletem a diversidade linguística existente no Brasil. As emissoras apenas valorizam uma única variedade da língua, como se existisse no Brasil uma homogeneidade linguística. Cria-se, portanto, uma imagem que não corresponde à realidade linguística do nosso país.

Embora, segundo Massini-Cagliari (2004), não possamos definir uma única variedade como modelo de padrão a ser seguido por todos os falantes do Brasil, as emissoras de televisão, principalmente a Rede Globo, que segundo a autora é a mais importante rede de TV brasileira, tentam criar uma linguagem “neutra”, resultante de uma “mistura” entre o falar da

cidade do Rio de Janeiro e o falar paulistano. Tal variedade criada é artificial e tem, de acordo com a autora, o propósito de resolver os possíveis problemas linguísticos decorrentes do fato de existir uma grande heterogeneidade linguística no Brasil. Como consequência disso, os apresentadores de telejornais, por exemplo, utilizam essa variedade “neutra”, como se esta representasse a variedade padrão da língua portuguesa e representasse, segundo Massini-Cagliari (2004), a fala de pessoas educadas e instruídas, que passam credibilidade aos telespectadores. Por outro lado, as variedades de menor prestígio social são faladas pelas pessoas mais pobres vítimas de tragédias ou criminosos que dão seus depoimentos durante as entrevistas.

Além das situações acima descritas, as variedades de menor prestígio também são, segundo Massini-Cagliari (2004), encontradas nas falas de personagens de novelas. Ao invés de serem escalados atores nativos para representar o modo de falar de cada região, opta-se por atores que não são nativos e acabam “carregando” no sotaque. Desta forma, as variedades são retratadas de forma caricatural colaborando para a criação de estereótipos. Como exemplo dessa situação, podemos citar o modo como o “caipira” é retratado pela mídia televisiva.

Para entender como essa identidade “caipira” é apresentada pela mídia, optou-se pela análise de fala das personagens “caipiras” nas novelas veiculadas pela Rede Globo de televisão. A opção pelas novelas ocorreu devido à grande fascinação que estas exercem sobre os brasileiros, de um modo geral. Como a emissora Globo é a que tem maior alcance no Brasil, foram selecionadas para o “*corpus*” do estudo apenas cenas de novelas dessa emissora. Entretanto, em nenhum momento, pretende-se emitir nenhuma crítica à Rede Globo, apenas será analisado o modo como o “caipira” tem sido retratado nas novelas.

Segundo Leite (2008), a expansão das mídias, no mundo moderno, tem ocasionado um aumento de episódios em que as pessoas podem vivenciar ou assistir cenas repletas de preconceito e de intolerância, geradas por intermédio da linguagem. O que tem acontecido é um reflexo do modo de pensar da maioria das pessoas que compõem a sociedade, pois a mídia não retrata a realidade, mas uma construção do imaginário social que opera uma representação do indivíduo em relação à realidade concreta. Portanto, se as cenas veiculadas são preconceituosas, logo, representam uma sociedade que também é.

Atualmente, de acordo com Scherre (2008), os preconceitos racial, religioso, sexual e de gênero têm sido combatidos, tanto por meio de projetos de leis como nas cenas veiculadas pela mídia televisiva. Essas retratam, por meio de personagens fictícios, situações que levam a população, de uma forma geral, a refletir sobre determinados conceitos ou pré-julgamentos. Talvez isso seja um reflexo oriundo das mudanças comportamentais pelas quais os indivíduos

dos séculos XX e XXI têm passado. Embora existam muitos progressos em relação a esses aspectos, o preconceito linguístico, que é tão nocivo como qualquer outro tipo de preconceito, ainda tem sido retratado de forma livre e estimulado pela mídia.

Na tentativa de entender como a sociedade constrói a imagem do “caipira” e, principalmente, compreender se a sociedade compartilha das mesmas concepções sobre o ser “caipira” retratado por Lobato, optou-se pela constituição de um *corpus* composto por falas de personagens “caipiras” que permitisse identificar a visão atual da sociedade sobre esse tema. Devido à intenção de fazer uma análise da figura atual do “caipira”, fez-se um recorte de onze anos e foram analisadas apenas as personagens “caipiras” das novelas entre os anos de 2000 e 2011.

Os critérios para a seleção das novelas e, conseqüentemente, das cenas foram a presença do núcleo “caipira” e a qualidade das cenas disponíveis nas mídias digitais (na cena é possível entender com clareza o que está sendo falado?; esta possui boa imagem e som?; os personagens pronunciam palavras com “r”?). As cenas analisadas foram obtidas via internet, uma vez que, por serem novelas que já foram exibidas, estas ficam disponíveis para apreciação e observação do público nos meios digitais. As cenas analisadas foram extraídas das seguintes novelas:

Quadro 1- Seleção das novelas



O cravo e a rosa - 2000
Coração de estudante - 2002
Chocolate com pimenta- 2003
Cabocla - 2004
Alma Gêmea - 2006
Pé na Jaca - 2006
Malhação -2007
Paraíso - 2009
Morde e Assopra - 2011

Fonte: Dados da pesquisa.

Na novela “O cravo e a rosa”, o núcleo “caipira” é formado pelas personagens Petruchio, Neca e Calixto. Já na novela “Coração de estudante”, o simplório Nélio é quem dá vida ao “caipira” da trama. Em “Chocolate com pimenta”, o núcleo “caipira” é composto pela família de Ana Francisca, a protagonista da história: Márcia, Timóteo, tio Margarido e a vó são “caipiras” que vivem em um sítio, com muita simplicidade e amor. Foi o amor e o jeito doce de Zuca, a “moça do campo” da novela “Cabocla” que fez Luís, um “doutor”, se apaixonar pela vida simples e pacata. Outra família “caipira” também ganha o amor do público: na novela “Alma Gêmea”, Mirna, Crispim e tio Nardo divertem e emocionam com toda simplicidade que se acredita que só o morador do campo possui. No mesmo ano em que Mirna e sua família ganham a simpatia dos brasileiros, primo Candinho surge na novela “Pé na jaca”, divertindo o público com seu modo preguiçoso de ser. As personagens “caipiras” também ganham o gosto do público “teen” de “Malhação” com a “agro-girl” Marcinha, uma estudante do interior que se muda para a cidade em busca de uma melhor qualificação escolar. O núcleo “caipira” também desperta grandes paixões nas novelas “Paraíso” e “Morde e assopra”: Aninha e Abner conquistam, respectivamente, os corações de Ricardo e Júlia, personagens urbanos, que não gostam da vida campestre e simples do interior.

Para realizar a coleta de dados, as cenas foram assistidas e foram anotadas as características da fala dos personagens. Tais características, nesse estudo, consistem em analisar e descrever o emprego ou não da variante retroflexa na fala das personagens que compõem o núcleo “caipira”. Portanto, a coleta das amostras não foi realizada aleatoriamente, pois foram priorizadas as cenas em que ocorria a maior quantidade de palavras pronunciadas com “r”. Posteriormente, devido à grande quantidade de material disponível nas mídias digitais, dentre as cenas previamente escolhidas foram selecionadas aquelas que fariam parte do *corpus* mediante critérios pré-estabelecidos, como por exemplo, a clareza no entendimento das falas das personagens, a qualidade da imagem e do som, dentre outros. Algumas cenas tiveram trechos de falas transcritos e analisados, perfazendo um total de aproximadamente 110 minutos. As informações obtidas nessa análise foram quantificadas com auxílio do programa Goldvarb (Sankoff, Tagliamonte, Smith, 2005).

A variável dependente do estudo inclui as variantes retroflexa e não retroflexa, ou seja, a pronúncia do “r” como retroflexo e como não retroflexo. Também, foram quantificadas as variáveis independentes. Por se tratar de cenas de novelas, considerou-se o sexo do falante, região e o contexto linguístico em que o “r” aparecia na palavra, uma vez que não era possível aferir com precisão fatores como classe social, profissão ou etnia.

As variáveis independentes estão correlacionadas entre si, uma vez que, ao analisar a variável sexo, por exemplo, torna-se necessário, segundo Paiva (2004), observar o papel do homem ou da mulher na sociedade ou o “status” social que cada um ocupa dentro da sociedade. No mundo árabe, por exemplo, a mulher não fala a língua padrão. Isso ocorre porque as mulheres são desprestigiadas socialmente. De acordo com a autora, nas sociedades que têm o inglês ou o português como língua majoritária, ocorre o oposto: as mulheres querem ascensão social, logo, falam o inglês ou o português padrão. Portanto, a variável sexo está intimamente relacionada à cultura de uma determinada sociedade. Tais diferenças são resultantes do processo de socialização de cada sociedade e, conseqüentemente, dos papéis desempenhados por homens e mulheres. Nas sociedades ocidentais, segundo Paiva (2004), as mulheres possuem uma tendência ao emprego de formas linguísticas mais tradicionais, acarretando o predomínio de formas oriundas do padrão na fala feminina. A análise dos dados coletados permitirá entender se essa correlação também ocorre nas novelas.

O lugar onde o falante mora também foi escolhido como variável. As categorias dessa variável compreendem: zona rural, urbana, migração da zona rural para a urbana e migração da zona urbana para a rural. A análise desses dados fornecerá resultados capazes de promover discussão sobre o fato do emprego da variante retroflexa (que se tornou uma espécie de “marca linguística” do “caipira”) estar ou não associado às personagens que moram na zona rural, assim como ocorre nas obras de Monteiro Lobato e nos filmes de Mazzaropi.

Além das variáveis sexo e região, o estudo do contexto de ocorrência de uma variante também se torna de extrema importância, pois é preciso entender, além dos aspectos sociais, os demais fatores, em particular os linguísticos, que propiciam o emprego de uma variante em detrimento de outra. Em busca de homogeneidade na forma de analisar dos dados e comparabilidade de resultados, foram mantidos os mesmos contextos linguísticos nas análises dos dados provenientes da mídia e resultantes da pesquisa de campo. Dentre os fatores linguísticos, foi analisado o contexto seguinte ao “r” em posição de coda:⁶

a) Consoante fricativa, que se encontra na mesma palavra ou na palavra seguinte, como nos exemplos abaixo:

⁶ A princípio, além dos contextos linguísticos acima selecionados, também foi cogitado o contexto: “r” em posição de coda seguido por vogal que ocupa a posição de núcleo da sílaba da palavra seguinte, como em “arrumar a fazenda”. Entretanto, esse contexto não foi selecionado pelo programa Goldvarb, pois não ocorreu variação. Geralmente os “erres” tornam-se tepes em junção de palavras. Nesse caso, ocorre um processo chamado sândi. Segundo Cagliari (1999), na regra de sândi ocorre uma re-silabificação. Desta forma, o enunciado “beijar uma pessoa” pode ser pronunciado como /berzaroma pesoa/, em que o “r” é pronunciado como tepe devido ao processo de sândi.

- “Márcia” (na mesma palavra tem-se o “r” em posição de coda seguido por consoante fricativa);
 - “Desmanchar seu noivado” (“r” em posição de coda seguido por consoante fricativa que se encontra em posição de ataque na palavra seguinte);
- b) Consoante oclusiva, que se encontra na mesma palavra ou na palavra seguinte, como nos exemplos abaixo:
- “Importante” (na mesma palavra tem-se o “r” em posição de coda seguido por consoante oclusiva);
 - “Professor pegador” (“r” em posição de coda seguido por consoante oclusiva que se encontra em posição de ataque na palavra seguinte);
- c) Consoante nasal, que se encontra na mesma palavra ou na palavra seguinte, como nos exemplos abaixo:
- “Formosa” (na mesma palavra tem-se o “r” em posição de coda seguido por consoante nasal);
 - “Ir metendo” (“r” em posição de coda seguido por consoante nasal que se encontra em posição de ataque na palavra seguinte).
- d) Pausa, como no exemplo:
- “sem bater?” (final de uma frase em que a variante retroflexa é seguida de pausa);
- e) Contexto em que a variante retroflexa alterna com [l] ou [u], como nos exemplos abaixo:
- “almoço” (pronunciada como “armoço”- rotacismo);
 - “saudade” (pronunciada como “sardade”);

O “r” em posição de ataque (ataque simples e/ou segunda posição de ataque complexo) não foi analisado porque uma análise prévia demonstrou que, nesse contexto linguístico, apenas em sete ocorrências (Geraldo, garantiu, pendurado, seria, palavras, grato e prova) ocorreu a pronúncia como retroflexo. Desta forma, com o intuito de buscar uma homogeneidade entre os fatores analisados na pesquisa de campo e no *corpus* das cenas das

novelas, optou-se por não incluir esse contexto linguístico na análise, visto que inexistia a presença da variante retroflexa na posição de ataque no *corpus* coletado com os falantes das cidades de Sales Oliveira e Orlândia.

O *corpus* analisado é composto por palavras faladas por personagens “caipiras” e personagens que não são “caipiras”, mas faziam parte dos diálogos analisados. Portanto, as análises realizadas foram executadas de duas formas: uma em que foram analisadas as falas das personagens “caipiras” e das demais personagens que participavam da cena e outra apenas com a fala das personagens “caipiras”. A primeira análise, além de permitir identificar os aspectos que caracterizam a fala “caipira” na mídia, também possibilitou comparar o modo de falar das personagens “caipiras” e o modo de falar das personagens que não são “caipiras”, identificando características que se assemelham ou se distinguem. Por outro lado, a análise restrita às falas das personagens “caipiras” possibilitou um maior enfoque aos aspectos que compõem a fala “caipira”.

4.2 Descrição da coleta de dados proveniente dos sujeitos da pesquisa

Com o objetivo de entender o “olhar” do próprio falante “caipira” para si mesmo, foram coletados dados nessa comunidade linguística. A coleta de dados foi realizada com vinte sujeitos (10 homens e 10 mulheres), moradores das cidades de Sales Oliveira e Orlândia (interior do Estado de São Paulo). Na maioria dos casos, a abordagem dos sujeitos participantes da pesquisa ocorreu por intermédio de indicações de amigos ou conhecidos da pesquisadora. Essas pessoas além de indicar possíveis participantes para a pesquisa, funcionavam como um “canal” entre a pesquisadora e o sujeito que seria entrevistado, pois faziam as apresentações necessárias para que o falante pudesse receber a entrevistadora em sua casa e ceder à entrevista. Em alguns casos, esses amigos acompanhavam a pesquisadora até as casas dos sujeitos entrevistados para facilitar esse contato. Esse tipo de abordagem facilitou a realização da pesquisa, pois muitas pessoas não gostam ou não se sentem à vontade para participar de pesquisas e /ou gravações e a presença de um “amigo em comum” pode facilitar o processo, pois o sujeito participante acaba se sentindo mais seguro e aceita fazer a gravação.

Em relação ao lugar onde as gravações ocorreram, algumas foram realizadas nas casas dos sujeitos participantes e outras foram realizadas no ambiente escolar, pois a pesquisa contava com a gravação de 10 professores.

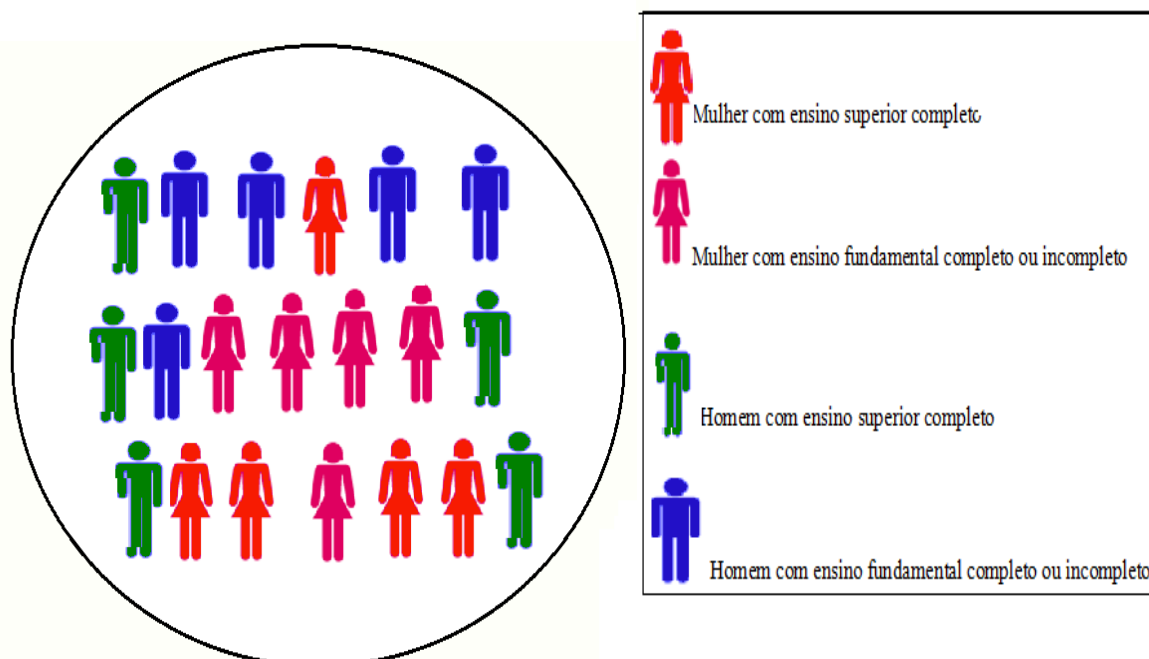
A pesquisa seguiu os padrões labovianos, incluindo, como primeira etapa, a coleta de dados de vinte falantes em três situações. Na primeira delas, o falante contou uma experiência que tivesse marcado sua vida, pois esperava-se que, desta forma, ao se envolver emocionalmente com aquilo que falava, não tenderia a tornar sua fala mais normatizada, expressando-se com espontaneidade. A segunda situação compreendeu a leitura de um texto intitulado “Um dia”, de Mário Quintana, que possui 30 palavras grafadas com a letra “r” (coda silábica). A terceira envolveu a leitura de uma lista de vinte e quatro palavras grafadas com “r”, sendo elas cinco em início de sílaba e dezenove em coda (final de sílaba). A gravação das falas e as análises fonéticas dos enunciados gravados foram processadas pelo PRAAT⁷, um programa computacional que auxilia nos estudos de análise de voz. As informações obtidas nessa análise foram quantificadas com auxílio do programa Goldvarb (Sankoff, Tagliamonte, Smith, 2005).

A divisão da pesquisa em três situações teve como referência a pesquisa realizada por Labov (2008), estudo em que o pesquisador propõe cinco estilos contextuais. No caso do estudo em questão, não foi realizada a leitura dos pares mínimos e nem se obteve amostra de fala casual, pelas próprias características da situação de entrevista.

Os vinte sujeitos participantes foram selecionados mediante os fatores: faixa etária, sexo, escolaridade e região onde moram. Para a seleção dos falantes não foram seguidos os mesmos critérios utilizados para compor o *corpus* proveniente da mídia, pois as pesquisas possuem motivações distintas. Enquanto a pesquisa de campo de campo tem como objetivo analisar e descrever o emprego da variante retroflexa em situações de maior e menor formalidade, a coleta de dados provenientes da mídia não possui essa motivação. A figura 5 permite melhor entendimento sobre a seleção dos falantes:

⁷ BOERSMA, P. & WEENINK, D. *PRAAT: doing phonetics by computer*. Disponível em: <<http://www.praat.org>>. Acesso em: 16. mar. 2011.

Figura 5- Modelo representativo da seleção dos falantes ⁸



Fonte: Dados da pesquisa.

A escolha por falantes com faixa etária entre vinte e sessenta e cinco anos ocorreu pelo fato de estes estarem ativos no mercado de trabalho e, desta forma, em maior contato com a norma aprendida na escola. O intuito de analisar a fala dessas pessoas é saber se, pelo fato de estarem em maior contato com variedades de maior prestígio social, esses falantes empregam ou não o “r” como retroflexo, pois, segundo Scherre (2008), esta é uma variante alvo de preconceito linguístico.

Ao selecionar dez falantes com ensino superior completo (cinco homens e cinco mulheres professores de ensino fundamental, médio ou técnico) e dez com ensino fundamental completo ou incompleto (cinco homens e cinco mulheres) tivemos o mesmo objetivo da seleção da faixa etária: entender se a variante retroflexa é vista como uma forma desprestigiada na comunidade “caipira” ou não. Os falantes mais escolarizados empregam a variante retroflexa com menos frequência na tentativa de obscurecer a identidade “caipira” ou fazem uso desta variante até mesmo em contextos de maior formalidade?

O lugar onde o falante mora também foi outro fator para a seleção dos sujeitos participantes da pesquisa, pois restringiu-se a participação na coleta de dados apenas aos moradores das cidades de Sales Oliveira e Orlandia, interior do Estado de São Paulo. Essas

⁸ Modelo representativo baseado em Bortoni-Ricardo (2011, p. 149).

idades estão a dez quilômetros de distância uma da outra. Localizadas no noroeste do Estado de São Paulo, as cidades vizinhas sempre tiveram suas histórias relacionadas, pois até o ano de 1948, Sales pertencia a Orlândia.

A cidade de Orlândia, segundo Félix (2012), está a 362 quilômetros de distância da capital paulista e faz parte da região administrativa de Franca. Foi fundada no ano de 1909 e possui cerca de 39.781 habitantes. Cidade de clima chuvoso e quente, a cidade interiorana tem sua origem nos movimentos pela busca de ouro, em 1700. No ano de 1725, segundo Félix (2012), Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera, encontrou ouro em Goiás e, para chegar até as jazidas, abriu estradas no interior paulista. Dentre essas estradas ou caminhos que foram abertos para se chegar a Goiás, a mais conhecida foi a do Guaiases ou a de Goiás. “O Caminho de Goiás” atraiu muitas pessoas, que foram se estabelecendo em fazendas. Conhecidas pelas riquezas da região, essas fazendas atraíram cada vez mais pessoas. Foi assim que Francisco Antônio Junqueira, juntamente com sua família e com a família de seu cunhado, veio para a região onde atualmente é a cidade de Orlândia, em 1816. A princípio, Francisco Antônio Junqueira comprou a fazenda Invernada e seu cunhado, João José, a fazenda Santo Inácio. Com o passar dos anos, o neto de João José, Francisco Orlando, tornou-se dono das duas fazendas e doou partes de suas terras para a Companhia Mogiana de Estradas de Ferro. Ao redor dos trilhos do trem surgiu um povoado, que posteriormente transformou-se na cidade de Orlando e recebeu o nome de Orlândia. Hoje, a cidade possui indústrias de refinação de óleo e de terminais elétricos. O grande orgulho dos cidadãos orlandinos é ser a cidade denominada “capital paulista do futsal”.

Assim como Orlândia, Sales Oliveira também se originou da implantação da estrada de ferro, em 1900, mediante a venda de terras da fazenda de José Pereira Lima para a Companhia Mogiana. Segundo Campanhole (1991), o nome da cidade é uma homenagem ao presidente da companhia Francisco de Sales Oliveira Júnior. Atualmente, a cidade conta com 10.000 habitantes e desenvolve atividades econômicas voltadas para a pecuária, agricultura e, principalmente, produtos oriundos da palha. A cidade salense é conhecida como a “capital da palha”.

A escolha dessas cidades para a pesquisa ocorreu porque ambas são cidades relativamente pequenas em que o estilo de vida dos habitantes corresponde aos costumes de cidades do interior. Nessas cidades, as pessoas se cumprimentam nas ruas, conhecem os moradores mais antigos, cultivam amizades com os vizinhos. Muitas pessoas, principalmente em Sales Oliveira, desconhecem os nomes das ruas, mas quando são perguntadas onde mora “fulano ou beltrano” sabem dizer com precisão. Enfim, podemos dizer que essas cidades são

um retrato de cidades interioranas. Portanto, analisar o falar de moradores dessas cidades é analisar a fala de pessoas de cidades do interior que ainda prezam por alguns costumes antigos. O mesmo não ocorreria, por exemplo, se analisássemos falantes da cidade de Ribeirão Preto, que, embora também seja uma cidade do interior do Estado de São Paulo, possui um estilo de organização, economia e vida social totalmente diferentes dos encontrados nas cidades analisadas.

O quadro 2 retrata os dados dos falantes analisados. Devido ao sigilo sobre as informações pessoais dos falantes, como nome e filiação, foram designados números para caracterizá-los nas análises. O quadro apresenta as informações que são importantes para a pesquisa, sem revelar a identidade dos falantes pesquisados:

Quadro 2- Caracterização dos falantes

Código do falante	Cidade onde mora	Idade	Escolarização	Sexo
FALANTE 01	Sales Oliveira	34 anos	Ensino superior	Feminino
FALANTE 02	Sales Oliveira	55 anos	Fundamental	Feminino
FALANTE 03	Sales Oliveira	52 anos	Fundamental	Masculino
FALANTE 04	Sales Oliveira	47 anos	Fundamental	Masculino
FALANTE 05	Sales Oliveira	45 anos	Fundamental	Feminino
FALANTE 06	Sales Oliveira	54 anos	Fundamental	Masculino
FALANTE 07	Orlândia	48 anos	Fundamental	Feminino
FALANTE 08	Jardinópolis	61 anos	Fundamental	Feminino
FALANTE 09	Sales Oliveira	53 anos	Fundamental	Masculino
FALANTE 10	Sales Oliveira	39 anos	Fundamental	Feminino
FALANTE 11	Sales Oliveira	25 anos	Ensino superior	Masculino
FALANTE 12	Sales Oliveira	64 anos	Fundamental	Masculino
FALANTE 13	Orlândia	31 anos	Ensino superior	Feminino
FALANTE 14	Sales Oliveira	27 anos	Ensino superior	Masculino
FALANTE 15	Orlândia	32 anos	Ensino superior	Feminino
FALANTE 16	Orlândia	55 anos	Ensino superior	Feminino
FALANTE 17	Orlândia	49 anos	Ensino superior	Masculino
FALANTE 18	Orlândia	26 anos	Ensino superior	Masculino
FALANTE 19	Orlândia	23 anos	Ensino superior	Masculino
FALANTE 20	Orlândia	60 anos	Ensino superior	Feminino

Fonte: Dados da pesquisa.

As pessoas entrevistadas compreendem, como foi citado anteriormente, a faixa etária entre 20 e 65, ou seja, são pessoas ativas no mercado de trabalho. Os falantes 12 e 09, embora

sejam aposentados, exercem atividades remuneradas, ou seja, ainda continuam trabalhando como autônomos. Todos os falantes, com exceção da falante 08, moram em Sales Oliveira e Orlandia, cidades do interior do Estado de São Paulo. A falante 08 nasceu em Sales Oliveira e se mudou para Jardinópolis, também interior do Estado de São Paulo, com mais de 20 anos. A priori, foi realizada uma rodada do programa Goldvarb (Sankoff, Tagliamonte, Smith, 2005) considerando as cidades de Sales Oliveira, Orlandia e a da falante em questão. Porém, achou-se melhor amalgamar a cidade de Jardinópolis à cidade de Sales Oliveira, uma vez que os resultados provenientes de análises com a cidade amalgamada foram os mesmos obtidos quando a cidade de Jardinópolis foi considerada em separado na análise. Devido ao fato da falante ser originária de Sales Oliveira, optou-se então, por manter os seus dados amalgamados aos demais.

Um processo semelhante ocorreu com os falantes 09, 07 e 16, pois tais falantes não eram originários das cidades de Sales Oliveira e Orlandia. Respectivamente, nasceram nas cidades de Ipuã-SP, Arcos-MG, e Jardinópolis-SP. Porém, tais falantes moram em Sales Oliveira ou Orlandia há mais de quinze anos. Alguns, como os falantes 09 e 07 vieram para Sales Oliveira e Orlandia, respectivamente, com meses de idade e com seis anos. Portanto, foram considerados como falantes dessas cidades. A falante 16 mora há mais de quinze anos em Orlandia e, portanto, foi considerada como falante dessa cidade.

Os sujeitos participantes não foram avisados sobre o objetivo da pesquisa, ou seja, que seria observado o emprego ou não do “r” retroflexo. Apenas foi dito que se tratava de uma pesquisa em que o falante teria sua fala gravada e analisada. O intuito da gravação foi revelado apenas no final, quando os dados tinham sido gravados. Isso foi feito para que fosse possível observar o nível de atenção que falantes empregam em um contexto comunicativo formal. Segundo Labov (2008), durante os processos de gravações, os falantes se automonitoram na tentativa de obter o “padrão”, as formas de maior prestígio. Desta forma, se o falante não souber o que será analisado, pode usar mais vezes o “r” retroflexo se comparado com aquele que sabe o que será analisado durante a gravação. Portanto, mesmo em situação comunicativa formal, será possível obter uma fala em que não se evite o uso do “r” retroflexo. Desta forma, foi possível avaliar de fato, sem interferência consciente do falante, se o não emprego da variante retroflexa está associado ao fato do sujeito procurar ocultar sua identidade social e linguística. Após a gravação, no que denominamos de quarta etapa, o falante respondeu a um questionário sobre o que é ser “caipira”.

A aplicação do questionário composto por seis perguntas (duas abertas e quatro de múltipla escolha) propiciou, através das respostas fornecidas, o entendimento do conceito que

os sujeitos participantes da pesquisa possuem sobre o que é ser “caipira”, ou seja, a visão do habitante do interior sobre seu modo de ser e falar.

A primeira questão “Você se considera caipira” buscou entender se o falante se acha ou não “caipira”. A resposta para essa questão estava relacionada à da sexta pergunta: “o que é ser caipira para você?”, ou seja, ser ou não “caipira” depende muito do significado que este termo tem para a pessoa que está respondendo o questionário. Portanto, o objetivo dessas questões é entender como os sujeitos participantes se autodenominam. A segunda questão “você já sofreu algum tipo de preconceito em relação ao modo como fala?” também está associada às questões quatro e cinco, em que é questionado ao entrevistado se as outras pessoas o consideram “caipira” ou dizem que o entrevistado “puxa o r” ao falar. Se o entrevistado não costuma deixar a região onde nasceu com frequência ou se não possui contato com pessoas que não fazem parte da comunidade “caipira”, certamente responderá que não sofreu nenhum tipo de preconceito. Entretanto, como tínhamos a intenção de analisar essa relação entre o sujeito participante da pesquisa e o falante de outras variedades linguísticas, achamos pertinente deixar as perguntas, pois retratam o “olhar do outro” sobre o modo de ser “caipira”. A terceira questão corresponde à característica que o entrevistado acha marcante na fala de quem é do interior. Essa questão foi elaborada com o objetivo de confirmar se a variante retroflexa é de fato uma característica saliente da fala de quem é do interior.

A elaboração do questionário e sua aplicação foram de extrema importância no estudo em análise, pois possibilitaram o entendimento de determinados comportamentos linguísticos gravados durante a entrevista e a leitura do texto e da lista de palavras.

5 O “CAIPIRA” E A MÍDIA

Os resultados obtidos mediante a análise de cenas das novelas serão discutidos em três sub-seções: análise das vozes sociais presentes nos discursos veiculados pela mídia, descrição e quantificação da ocorrência da variante retroflexa em diferentes contextos linguísticos na fala de todas as personagens das cenas analisadas e descrição e quantificação da ocorrência da variante retroflexa em diferentes contextos linguísticos apenas na fala das personagens “caipiras”. Tal subdivisão foi realizada com a finalidade de facilitar o entendimento do processo de caracterização das personagens “caipiras” pela mídia televisiva.

A priori, foram analisadas as histórias das personagens “caipiras” (onde moram, situação em que vivem), o modo como falam, como são caracterizadas e, conseqüentemente, as vozes sociais que permeiam os discursos que circundam essas personagens. Hirschkop (2010), afirma que Bakhtin considera que o todo enunciado (inclusive o que é veiculado pela mídia) possui uma intenção que está associada a um sujeito e a um contexto social. Sendo assim, é imprescindível entender o lugar social de onde o sujeito “caipira” emite seus discursos. Para tal entendimento, torna-se necessário conhecer sua história.

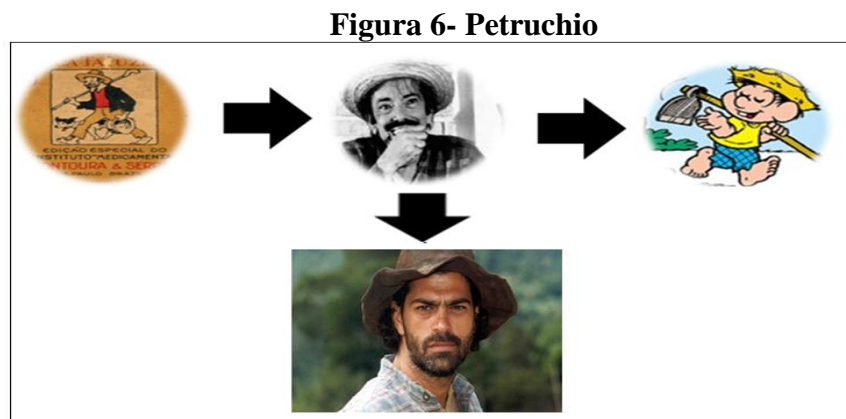
Após a identificação das vozes sociais que permeiam o discurso “caipira” veiculado pela mídia, os dados obtidos pela observação das cenas e posteriormente quantificados pelo programa computacional Goldvarb (Sankoff, Tagliamonte, Smith, 2005), foram analisados seguindo duas etapas. A primeira delas consistiu em analisar, descrever e quantificar a fala de todas as personagens que participavam das cenas de onde os dados foram extraídos. Desta forma, por exemplo, em uma cena onde Petruccio, personagem “caipira”, conversava com Catarina, personagem “não caipira”, foram analisadas, descritas e quantificadas as falas de ambas as personagens. Ao analisar a fala de todas as personagens que participavam das cenas foi possível entender quais variantes eram empregadas nas falas das personagens “caipiras”, quais variantes eram empregadas nas falas de personagens não caipiras e os contextos linguísticos que, eventualmente, poderiam favorecer o emprego de uma ou de outra variante.

A segunda etapa compreendeu apenas a quantificação e análise dos dados de fala das personagens “caipiras” e teve como objetivo analisar a forma como a mídia retrata o falar “caipira”.

5.1 Vozes sociais presentes nos discursos midiáticos sobre o “caipira”

A primeira novela a ser analisada, por ordem cronológica de exibição, foi “O cravo e a rosa”, veiculada no horário das dezoito horas, no período de junho de 2000 a março de 2001. Petruccio, a personagem principal, era um fazendeiro falido que se apaixonou pela megera indomável, Catarina: uma moça de família abastada, com alto grau de escolarização, feminista, moradora da cidade. Durante as cenas analisadas, torna-se notória a presença da variante retroflexa na fala de Petruccio e de seus funcionários, que viviam na fazenda. Em contrapartida, Catarina fala o “r” como não retroflexo, mais precisamente, como tepe.

Além disso, o figurino do mocinho “caipira” também ajuda na composição de um personagem bravo, sem trato social, mas dotado de um grande coração. Petruccio se veste de forma simples, sempre com camisas xadrez e chapéu, como se fosse uma extensão de Jeca Tatu, Mazaropi e Chico Bento, conforme mostra a figura abaixo:



Fonte: Sites diversos.⁹

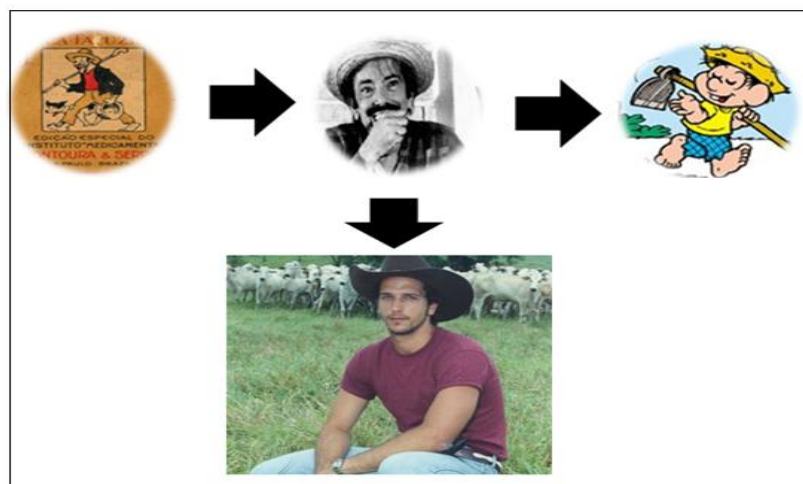
De acordo com Stam (2010), para Bakhtin, os discursos que permeiam os sujeitos de um enunciado são constituídos por diferentes vozes sociais (ou discursos sociais), que se entrecruzam. Partindo da caracterização da personagem Petruccio, podemos dizer que existem várias vozes sociais que se fazem presentes na composição dessa personagem. Dentre elas, existe aquela que remete ao discurso de Lobato, em que a imagem do “caipira” é associada a “jacu” e a simplicidade é vista como forma de atraso social e econômico. Por outro lado, também existe a voz social em que a simplicidade é vista de forma positiva, como

⁹ As imagens que compõem a figura 6 foram extraídas, respectivamente, dos sites: <<http://acervomonteirolobato.blogspot.com.br/2011/01/jeca-t-atuzinho-1925.html>>. Acesso em: 30. mar. 2012; <<http://criticaretro.blogspot.com.br/2012/04/centenario-de-mazaropi.html>>. Acesso em: 04. abr. 2012; <<http://profjaborritmo.blogspot.com.br/2012/03/o-brasil-de-jeca-tatu-chico-bento.html>>. Acesso em: 04. abr. 2012; <<http://sic.sapo.pt/online/entretenimento/cravoearosa/Personagens/Petruccio.htm>>. Acesso em: 04. abr. 2012.

sinônimo de boas intenções, de amor à natureza e harmonia com os valores familiares. Embora sejam vozes opostas em sentidos opostos, elas se relacionam e constituem o sujeito “caipira”.

Já no ano de 2002, quem ganhou o carinho do público foi Nélio, um “caipira” “muito bonito”, segundo as personagens femininas da novela, apaixonado pela filha do patrão, Amelinha. Embora não fosse adepto da moda xadrez, Nélio usava chapéu e também falava o “r” como retroflexo. A principal característica do “caipira” era a bondade e inocência. Apesar de sua boa índole, era tratado como uma pessoa sem estudo, que falava o português não padrão. Isso fazia com que as outras personagens o rotulassem de “burro” e “ignorante”. Na verdade, segundo Scherre (2008), o que a mídia retrata é o pensamento da maioria da população. Sendo assim, Nélio era denominado “burro” e “ignorante”, porque é dessa forma que a sociedade rotula as pessoas que não empregam a norma “cultura” falada pela elite brasileira. Portanto, Nélio era o representante de muitos brasileiros que eram e ainda são vistos como “xucros” por não empregarem em situações comunicativas do dia-a-dia essa norma. O sucesso da personagem se deve ao autorreconhecimento que esses falantes encontraram com a figura de Nélio, sua simplicidade e o modo como a personagem falava. A figura 7 retrata o modo como Nélio aparecia na telinha:

Figura 7- Nélio



Fonte: Sites diversos.¹⁰

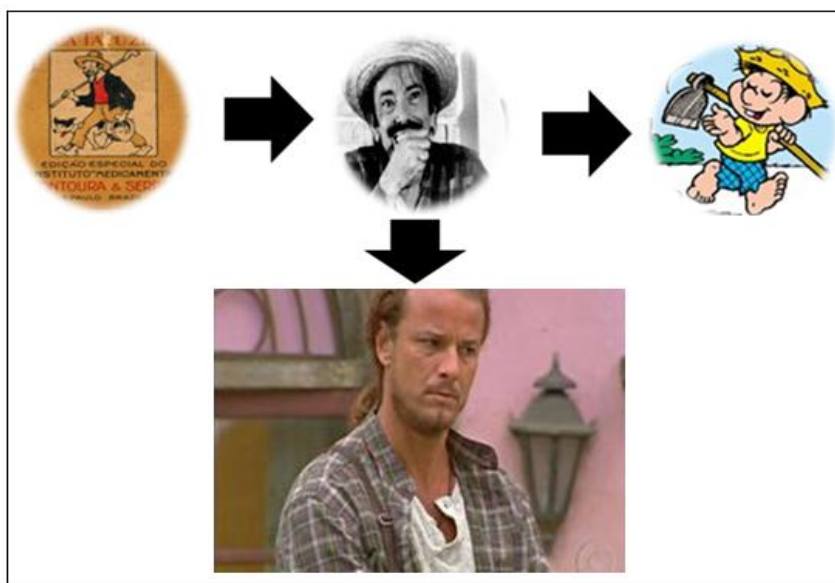
¹⁰ As imagens que compõem a figura 7 foram extraídas, respectivamente, dos sites: <<http://acervomonteirolobato.blogspot.com.br/2011/01/jeca-t-atuzinho-1925.html>>. Acesso em: 30. mar. 2012; <<http://criticaretro.blogspot.com.br/2012/04/centenario-de-mazzaropi.html>>. Acesso em: 04. abr. 2012; <<http://profjaborritmo.blogspot.com.br/2012/03/o-brasil-de-jeca-tatu-chico-bento.html>>. Acesso em: 04. abr. 2012; <<http://www.tvediversao.com/2012/02/news-tv.html>>. Acesso em 04. abr. 2012.

No ano de 2003, iniciou-se a novela “Chocolate com pimenta”, e a família de Ana Francisca deu vida ao núcleo “caipira”. Moradores de um sítio perto da cidade, a avó Carmem, tio Margarido, Márcia e Timóteo eram pessoas simples, trabalhadoras, desconfiadas do “povo da cidade”. Márcia, personagem de Drica Moraes, possuía o sonho de ser “chique”, ou seja, deixar de morar na zona rural para viver na cidade de Ventura. Nesse núcleo, com exceção de Márcia, todas as outras personagens se vestiam de forma simples e Timóteo vestia-se de xadrez. Mesmo buscando ascensão social, Márcia não deixa de falar o “r” como retroflexo. Existe, portanto, uma valorização das práticas sociais e culturais existentes na cidade em relação aos existentes na zona rural. São as dicotomias entre rural /urbano, bom/ruim, simples/ sofisticado que aparece na elaboração das personagens da novela, pois Márcia é “caipira”, mas não quer assumir essa identidade, porque o conceito de ser “caipira”, na novela, é sinônimo de ser atrasado, simplório, não sofisticado. Percebemos, então, um obscurecimento da identidade “caipira” por parte de Márcia, pois o preconceito das outras personagens faz com que ela também tenha preconceito em relação ao seu modo de viver. Podemos dizer, portanto, que nessa novela existiam algumas vozes sociais que dialogavam entre si: a dos “não caipiras”, a dos “caipiras” “assumidos” e a dos “caipiras” que não queriam ser “caipiras”. O telespectador, por sua vez, ao assistir a novela se identificava com uma delas. Quem é denominado de “caipira” e tem orgulho de sê-lo se reconhecia na pureza de coração, na bondade e na simplicidade de tio Margarido, Timóteo e avó Carmem. Por outro lado, quem é “caipira”, mas tem vergonha de sê-lo, ou seja, busca incessantemente ocupar uma posição social de grande prestígio, viver em harmonia com o progresso e com os valores provenientes da vida urbana, reconheceu em Márcia seu autorretrato. Já os telespectadores que não são “caipiras” se identificavam com as personagens que moravam em Ventura.

A figura 8 assim como as anteriores 7 e 6, demonstra que, esteticamente, não ocorreu nenhuma mudança significativa em relação ao modo de se vestir do “caipira”, pois desde a época do Jeca Tatu, as vestimentas se assemelham. A presença do chapéu ou da roupa xadrez são características sempre presentes: quando uma personagem não usa chapéu, usa roupa xadrez e vice-versa. A grande diferença a ser observada é no comportamento das personagens, pois o “caipira” deixa de ser preguiçoso e passa a ser um grande batalhador.

Na página 67, segue uma ilustração mostrando a personagem Timóteo, que era a representação da voz social dos “caipiras” que se orgulhavam de ser “caipiras”.

Figura 8- Timóteo

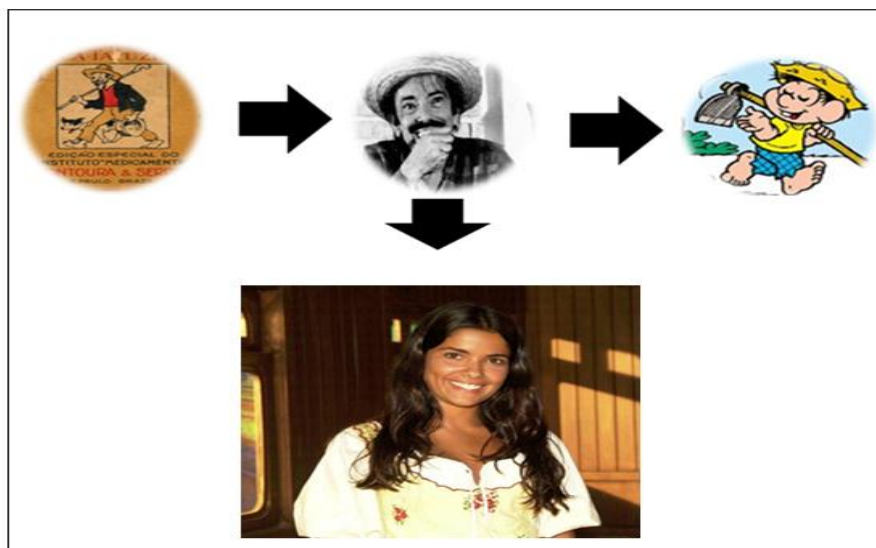


Fonte: Sites diversos.¹¹

No ano subsequente, foi a vez de Zuca, a doce menina do interior, conquistar o coraçãozinho do “doutor” Luís, advogado da cidade grande, que passava férias na fazenda do primo Boanerges, na tentativa de se curar de uma tuberculose. Tendo sua primeira versão de sucesso no ano de 1979, a novela “Cabocla”, foi exibida novamente em 2004. Nessa novela, fica nítida a diferença existente entre a fala do advogado Luís, que fala o “r” como não retroflexo, e de Zuca, que pronuncia a variante retroflexa. Existe, assim como nas novelas anteriormente analisadas, uma grande diferenciação entre o falar dos habitantes do interior ou da zona rural e os falantes da zona urbana. Esses falam sempre o “r” como não retroflexo e aqueles sempre como retroflexo. Porém, as diferenças entre as personagens “caipiras” e não “caipiras” não se limitam à linguagem: na novela “Cabocla” não temos apenas uma linda história de amor entre pessoas de classe social diferente, mas também a representação da imagem do “caipira” como alguém tímido, sem escolarização e o não “caipira” como alguém instruído.

¹¹ As imagens que compõem a figura 8 foram extraídas, respectivamente, dos sites: <<http://acervomonteirolobato.blogspot.com.br/2011/01/jeca-t-atuzinho-1925.html>>. Acesso em: 30. mar. 2012; <<http://criticaretro.blogspot.com.br/2012/04/centenario-de-mazzaropi.html>>. Acesso em: 04. abr. 2012; <<http://profjaborritmo.blogspot.com.br/2012/03/o-brasil-de-jeca-tatu-chico-bento.html>>. Acesso em: 04. abr. 2012; <<http://globo.com/rede-globo/chocolate-com-pimenta/v/danilo-visita-olga/1913114/>>. Acesso em: 04. Abr. 2012.

Figura 9- Zuca



Fonte: Sites diversos.¹²

No ano de 2006, com o bordão “Ô Mirna”, a família de Mirna, Crispim e tio Nardo ganhou o gosto popular integrando o núcleo “caipira” da novela “Alma Gêmea”. Moradores de um sítio perto de Roseiral, cidade onde se passava a trama da novela, a família de “caipiras” também era adepta da moda xadrez, a vida simples e eram caracterizados por serem inocentes e de bom coração. Crispim e Mirna foram enganados durante quase toda a trama, por serem muito inocentes. Isso ocorreu porque Crispim se apaixonou por “Anja”, uma mulher que, para os padrões sociais vigentes na época em que se passa a história, não possuía boa reputação, uma vez que era mãe solteira e mantinha relações amorosas com moços para obtenção de dinheiro e status. Porém, Crispim acreditava que “Anja” fosse, de fato, uma mulher angelical e, embora as pessoas tentassem alertá-lo, ele não conseguia perceber que estava sendo ludibriado. Enquanto seu irmão é enganado, Mirna também sofre nas mãos de Jorge, amante de “Anja”. Jorge aproveita-se do grande desejo que Mirna possuía de se casar e engana a moça também. Enfim, mediante as histórias ocorridas com as personagens, torna-se possível perceber que a imagem do “caipira” está relacionada aos habitantes da zona rural, que se vestem de xadrez e possuem bom coração, ou seja, são tão honestos e bondosos que se tornam alvos fáceis para enganação.

¹² As imagens que compõem a figura 9 foram extraídas, respectivamente, dos sites: <<http://acervomonteirolobato.blogspot.com.br/2011/01/jeca-t-atuzinho-1925.html>>. Acesso em: 30. mar. 2012; <<http://criticaretro.blogspot.com.br/2012/04/centenario-de-mazzaropi.html>>. Acesso em: 04. abr. 2012; <<http://profjaborritmo.blogspot.com.br/2012/03/o-brasil-de-jeca-tatu-chico-bento.html>>. Acesso em: 04. abr. 2012; <<http://entretenimento.r7.com/famosos-e-tv/fotos/veja-os-principais-personagens-caipiras-das-novelas-20110619-1.html>>. Acesso em: 04. abr. 2012.

Figura 10- Tio Nardo e Crispim



Fonte: Sites diversos.¹³

O ano de 2006 foi de muita repercussão do grupo “caipira” na mídia. Enquanto a novela das dezoito horas apresentava a família de Mirna, Tio Nardo e Crispim, nas dezenove horas, era a vez de primo Candinho compor o núcleo “caipira” da novela “Pé na Jaca”, de Carlos Lombardi. A novela possuía como cenário uma cidadezinha fictícia chamada “Deus me livre”, situada perto de Piracicaba, interior de São Paulo. A trama contava a história de cinco amigos que saíram de “Deus me livre” para tentar alcançar o sucesso em uma cidade com mais oportunidades e acabaram se reencontrando vinte e cinco anos depois, quando retornaram para a cidade de origem. Dentre os personagens da novela, o primo Cândido é o que mais se destaca como morador do interior, que nunca saiu de sua cidadezinha natal. Falante do “r” retroflexo, o emprega com ênfase nas palavras como “porcaria”, “arma”. Mora em um sítio com seus primos vindos da cidade grande e se distingue desses por não empregar a variante tepe. Tem-se, portanto, a construção da identidade “caipira” como o morador que vive no interior, que não tem contato com aquilo que acontece nas grandes cidades, que está à margem do desenvolvimento.

¹³ As imagens que compõem a figura 10 foram extraídas, respectivamente, dos sites: <<http://acervomonteirolobato.blogspot.com.br/2011/01/jeca-t-atuzinho-1925.html>>. Acesso em: 30. mar. 2012; <<http://criticaretro.blogspot.com.br/2012/04/centenario-de-mazzaropi.html>>. Acesso em: 04. abr. 2012; <<http://profjaborritmo.blogspot.com.br/2012/03/o-brasil-de-jeca-tatu-chico-bento.html>>. Acesso em: 04. abr. 2012; <<http://www.diversao.terra.com.br>>. Acesso em: 04. Abr. 2012.

Figura 11- Primo Candinho

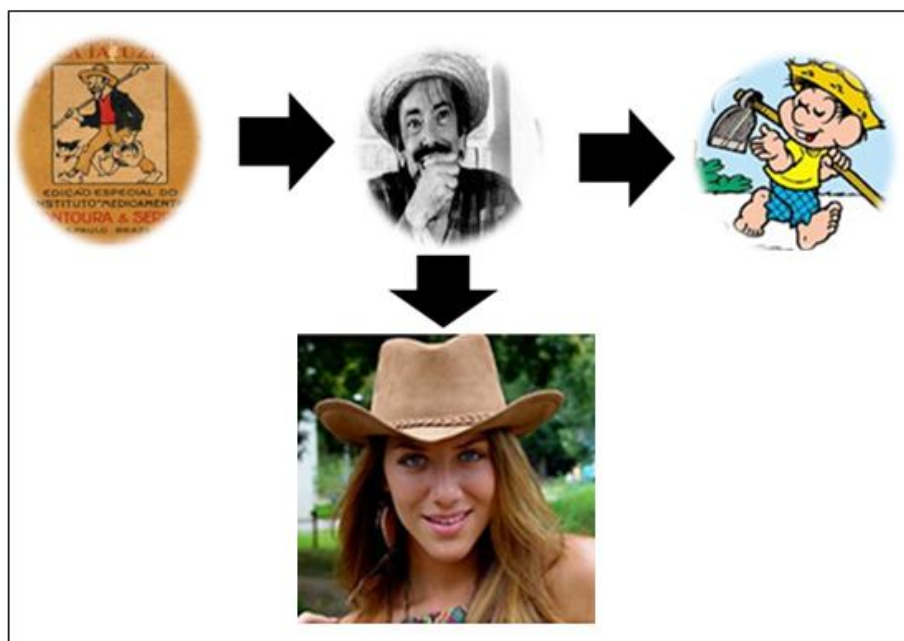


Fonte: Sites diversos.¹⁴

A mídia televisiva também criou outro estereótipo para o “caipira”. Na tentativa de agradar ao público “teen”, no ano de 2007, “Malhação” trouxe a “agrogirl” Marcinha, uma estudante do interior, que veio estudar no colégio mais “badalado” pelos adolescentes para conseguir ser aprovada no vestibular de agronomia. Fã de rodeios, a menina, que se vestia com um estilo *country* (calça *jeans*, saia *jeans*, blusa xadrez e botas) era falante do “r” retroflexo. Marcinha vivia em uma república estudantil onde convivia com Priscila Bittencout, uma patricinha que, no início da trama, era sua rival. Priscila, assim como as demais personagens da trama falavam o “r” como não retroflexo, demarcando assim, o falar da menina que veio do interior como “caipira” e o falar dos demais alunos, moradores da cidade, como “não caipira”.

¹⁴ As imagens que compõem essa figura 11 foram extraídas, respectivamente, dos sites: <<http://acervomonteirolobato.blogspot.com.br/2011/01/jeca-t-atuzinho-1925.html>>. Acesso em: 30. mar. 2012; <<http://criticaretro.blogspot.com.br/2012/04/centenario-de-mazzaropi.html>>. Acesso em: 04. abr. 2012; <<http://profjaborritmo.blogspot.com.br/2012/03/o-brasil-de-jeca-tatu-chico-bento.html>>. Acesso em: 04. abr. 2012; <<http://entretenimento.r7.com/famosos-e-tv/fotos/veja-os-principais-personagens-caipiras-das-novelas-20110619-11.html>>. Acesso em: 04. Abr. 2012.

Figura 12- Marcinha

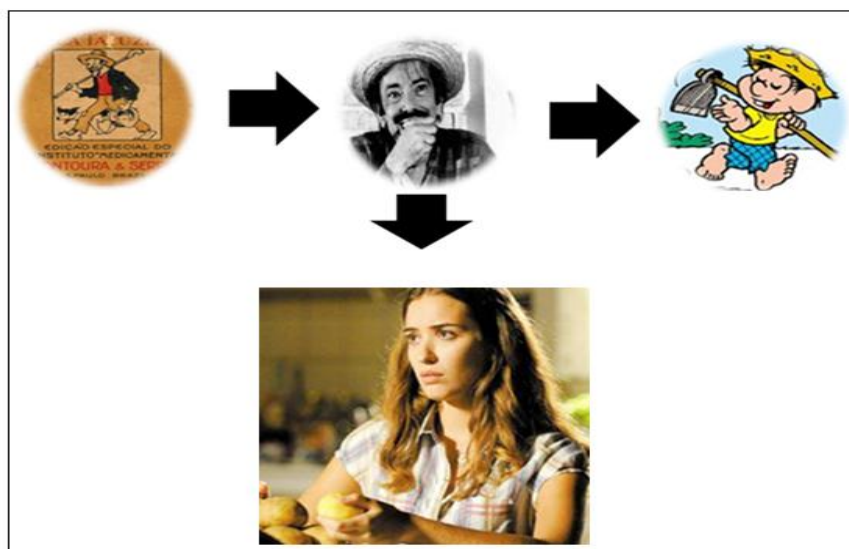


Fonte: Sites diversos.¹⁵

No ano de 2009, a história de amor da santa com o “filho do demônio” ganhou um colorido especial com a personagem Aninha, uma moradora de Paraíso, cidade do interior que deu nome à trama das dezoito horas. Aninha era uma moça simples, de muita beleza e timidez, que se apaixona por Ricardo, um jornalista amigo de Zeca, que inaugura um jornal na cidade. Ricardo e Aninha vivem um amor muito forte, alvo de grandes diferenças culturais (ele possui ideias e costumes de um morador de uma metrópole enquanto ela possui costumes de uma moradora do interior) e linguísticas, uma vez que Aninha fala o “r” como retroflexo e Ricardo como não retroflexo, demarcando a distinção entre morador do interior e morador da “cidade grande”.

¹⁵ As imagens que compõem a figura 12 foram extraídas, respectivamente, dos sites: <<http://acervomonteirolobato.blogspot.com.br/2011/01/jeca-t-atuzinho-1925.html>>. Acesso em: 30. mar. 2012; <<http://criticaretro.blogspot.com.br/2012/04/centenario-de-mazzaropi.html>>. Acesso em: 04. abr. 2012; <<http://profjaborritmo.blogspot.com.br/2012/03/o-brasil-de-jeca-tatu-chico-bento.html>>. Acesso em: 04. abr. 2012; <<http://malhacaoarquivo.blogspot.com.br/2007/01/personagem-marcia-de-souza-marcinha.html>>. Acesso em: 04. Abr. 2012.

Figura 13- Aninha



Fonte: Sites diversos.¹⁶

Recentemente, a figura do “caipira” também esteve em foco na telinha. A novela “Morde e assopra” trouxe, em seu núcleo principal, a família de Abner, um fazendeiro viúvo e endividado, que se apaixonou por Júlia, uma caçadora de dinossauros. Nessa novela torna-se possível perceber a presença de vozes sociais “opositoras”: a que denomina os “caipiras” como habitantes da fazenda, pobres e incultos e a dos “não caipiras” como moradores da cidade e instruídos.

Ao observar o modo como as personagens falam, torna-se possível perceber quais personagens compõem o núcleo urbano e quais integram o núcleo rural. Tal distinção pode ser feita mediante o uso da variante retroflexa e o uso de aférese (“você” transforma-se em “cê”), omissão de concordância (“as vaca”, por exemplo), a ditongação (“vez” é pronunciado como “veiz”). Embora esses outros fenômenos não sejam exclusivos do dialeto “caipira”, ocorrem com grande frequência nesse dialeto, segundo Amaral (1976) e Bortoni-Ricardo (2011).

Por outro lado, os moradores da cidade, os “não caipiras”, empregam, na maioria das vezes, o “r” como não retroflexo, fazem concordâncias verbais e nominais de acordo com a

¹⁶ As imagens que compõem a figura 13 foram extraídas, respectivamente, dos sites: <http://acervomonteirolobato.blogspot.com.br/2011/01/jeca-t-atuzinho-1925.html>. Acesso em: 30. mar. 2012; <http://criticaretro.blogspot.com.br/2012/04/centenario-de-mazzaropi.html>. Acesso em: 04. abr. 2012; <http://profjaborritmo.blogspot.com.br/2012/03/o-brasil-de-jeca-tatu-chico-bento.html> >. Acesso em: 04. abr. 2012; <http://www.jornalnh.com.br/imagens/193749-galeria/juliana-boller-a-doce-aninha-da-novela-das-seis-paraiso.html>. Acesso em: 04. Abr. 2012.

norma escolar, distinguindo-se assim dos moradores da fazenda. Esse fato pode ser observado na cena em que Júlia, a caçadora de dinossauros, e Abner, o fazendeiro endividado, trocam seu primeiro beijo de amor. Ao se declarar para a pesquisadora, o personagem principal diz que Júlia possui um “brilho que brilha muito [ˈfoʝfi]”.

A diferenciação dos personagens através da escolha de determinadas variantes linguísticas também pode ser analisada na cena em que Abner vai procurar por sua amada no Hotel de Preciosa. Ao conversar com um funcionário, o fazendeiro faz uso do “r” retroflexo, enquanto seu interlocutor emprega o tepe na palavra [ˈʒarda].

O uso do “r” como não retroflexo também é comum na fala de Júlia quando está sentada ao redor da fogueira junto com Abner, admirando a lua. Mais uma vez, ocorre a diferenciação entre o habitante da cidade e o fazendeiro. Na novela, Abner, que é adepto da moda xadrez, é retratado como o habitante da zona rural, puro de sentimentos, sem muito trato social: o estereótipo do “caipira”:

A figura 14 retrata Abner, personagem de “Morde e Assopra”. Assim como as personagens “caipiras” das novelas anteriores, Abner se veste de xadrez, mas, ao invés de usar chapéu, opta pelo uso do boné. Percebe-se, portanto, que, ao fazermos uma comparação entre as personagens “caipiras” retratadas nas novelas entre os anos de 2000 e 2011, notamos que todas elas possuem um mesmo padrão: vestem-se de modo simples, são adeptos da moda xadrez, em sua maioria usam chapéu, e possuem sempre o mesmo comportamento, apresentando-se humildes, portadoras de bom coração e, por isso, fáceis de serem ludibriadas.

Pode-se dizer também que, no requisito vestimenta, as personagens da televisão se assemelham à figura do Jeca Tatu, devido ao fato de se vestirem com simplicidade. Entretanto, essa semelhança com a personagem de Lobato não se estende ao comportamento, pois todas as personagens “caipiras” são muito trabalhadoras, não são preguiçosas como o Jeca.

As personagens “caipiras” das novelas não só se assemelham ao Jeca como também a Mazzaropi e Chico Bento. O fato de serem sempre ludibriadas, mas conseguirem alcançar êxito no final é uma herança do “caipira” de Mazza. Por outro lado, as estripulias que as personagens “caipiras” aprontam nas tramas os aproximam de um “caipirinha” muito amado em todo Brasil: Chico Bento. A bondade de coração é uma característica herdada tanto de Chico Bento como de Mazzaropi.

Figura 14- Abner



Fonte: Sites diversos.¹⁷

As análises provenientes do *corpus* midiático propostas nesse estudo foram fundamentadas na abordagem bakhtiniana que, de acordo com Stam (2010), entende os discursos veiculados pela mídia como resultado de vozes sociais que se entrelaçam. De acordo com esse autor (2010, p. 349), para Bakhtin, os discursos “não se excluem um ao outro, mas em vez disso, entrecruzam-se”. Brandist (2010) afirma que essa união entre os discursos se dá por intermédio de relações de poder, em que o discurso do dominante se impõe sobre o do dominado. Portanto, as relações de poder não são neutras, desta forma, os discursos também não são e nem a mídia é (Hall, 2010).

Mediante as situações acima descritas, podemos perceber que a caracterização do sujeito “caipira” é condicionada por discursos que ora caracterizam os “caipiras” como pessoas simples, habitantes da roça, demarcando a supremacia do homem da cidade em relação ao homem do interior ou sitiante, ora os aproximam da natureza e enaltecem o caráter digno e honesto que são caracterizados como “marcas” de suas personalidades.

¹⁷ As imagens que compõem a figura 14 foram extraídas, respectivamente, dos sites: <<http://acervomonteirolobato.blogspot.com.br/2011/01/jeca-t-atuzinho-1925.html>>. Acesso em: 30. mar. 2012; <<http://criticaretro.blogspot.com.br/2012/04/centenario-de-mazzaropi.html>>. Acesso em: 04. abr. 2012; <<http://profjabiorritmo.blogspot.com.br/2012/03/o-brasil-de-jeca-tatu-chico-bento.html>>. Acesso em: 04. abr. 2012; <<http://furiarosa.com.br/pop-2/celebridades/novela-morde-e-assopra-elenco-principal/>>. Acesso em: 04. Abr. 2012.

De acordo com Hall (2010, p. 308), a televisão é um “meio de comunicação predominante do discurso e da representação social”. Entretanto, segundo o autor, a mídia não tem como função apenas reproduzir os discursos presentes na realidade como se fosse um espelho. Ela os define por meio dos recursos midiáticos, como por exemplo, narrações, efeitos visuais, caracterização de personagens, resultando em um produto simbólico que nos remete, segundo Hall (2010), à ilusão de ser o retrato fiel da realidade.

Portanto, podemos dizer tomando como base as informações encontradas no *corpus* descrito, que os recursos usados para caracterizar o “sujeito caipira” (como por exemplo, a linguagem, o modo de se vestir, de se portar das personagens) podem criar no telespectador a ilusão de que os “caipiras” retratados pela mídia sejam um retrato fiel dos falantes que moram no interior do estado de São Paulo, Minas Gerais, norte do Paraná e Goiás. Isso pode ocasionar uma generalização do termo “caipira” como sinônimo daquele que é inocente e fácil de ser ludibriado, que possui um estilo de vida simples e que não é instruído. Entretanto, tais características não se aplicam a todos os moradores do interior, como veremos na discussão presente nas seções 6 e 7.

5.2 O falar das personagens “caipiras” X “não caipiras”

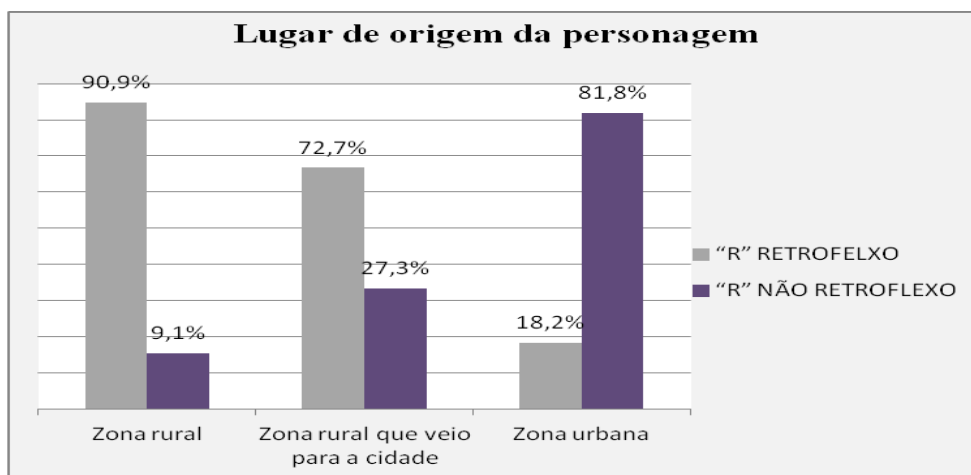
O corpus analisado compreende um total de 119 *tokens*, tendo *ausência ou presença da variante retroflexa*, como variável dependente. Os grupos de fatores ou variáveis independentes analisados foram *o sexo do sujeito da pesquisa* (masculino e feminino); *o lugar de origem do sujeito* (personagem imigrante da zona urbana; personagem morador da zona rural; personagem imigrante da zona rural para a urbana; personagem morador da zona urbana) e os fatores linguísticos. Dentre os fatores linguísticos foram analisados: *o contexto seguinte ao emprego da variante* (consoante fricativa, que se encontra na mesma palavra ou na palavra seguinte; consoante oclusiva, que se encontra na mesma palavra ou na palavra seguinte; consoante nasal, que se encontra na mesma palavra ou na palavra seguinte; pausa) e *o contexto em que a variante retroflexa alterna com [[] vs outros contextos*

Os resultados obtidos foram processados através da análise *Binomial Up and down*, responsável pela obtenção da informação de melhor e pior rodada, ou seja, foram processados os grupos de fatores que são relevantes para que ocorra o favorecimento ou não da variante retroflexa na fala das personagens da novela.

Dentre os grupos de fatores analisados, o grupo considerado o mais relevante pelo programa Goldvarb para a ocorrência da variante retroflexa foi o lugar onde as personagens

moram. Abaixo, segue um gráfico com os dados obtidos com o programa computacional Goldvarb (Sankoff, Tagliamonte, Smith, 2005), especificando os dados sobre o lugar de origem das personagens das novelas analisadas¹⁸:

Gráfico 1- Lugar de origem da personagem: mídia



Fonte: Dados da pesquisa.

Os resultados apresentados sugerem que há uma maior tendência à articulação do "r" como retroflexo pelas personagens que moram na zona rural ou que saem do campo para morarem na cidade. Segundo Bortoni-Ricardo (2011), os traços do português não-padrão ocorrem de maneiras variadas na fala de todas as pessoas, independentemente do lugar onde estas vivem. Entretanto, esses traços se fazem mais presentes na fala da população rural. A autora afirma que na fala de pessoas que moram na cidade, esses traços não-padrão funcionam como marcadores estilísticos, enquanto que na fala das pessoas que moram na zona rural, alguns desses traços são categóricos.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2011), esses traços não-padrão acabam sendo alvo de estigmatização e caracterizam as variedades caipiras. Para a autora a classificação de um traço como estigmatizado ou não socialmente não é uma tarefa simples de ser realizada para o linguista, pois tal classificação depende de pesquisas qualitativas e quantitativas. Embora comente essa dificuldade, ela afirma que, entre as variáveis mais estigmatizadas está o "r" retroflexo quando este substitui o [r] em posição de coda, como em "balde" [ˈbaldʒi], por exemplo. A realização do "r" como retroflexo em posição de final de palavra foi considerada

¹⁸ Em peso relativo, temos: zona rural (0,758 para retroflexo e 0,242 para não retroflexo), zona rural para urbana (0,455 para retroflexo e 0,545 para não retroflexo) e zona urbana (0,065 para retroflexo e 0,935 para não retroflexo).

com um grau de estigma de médio a alto, segundo a autora. Já o apagamento de infinitivo, possui, segundo Bortoni-Ricardo (2011), baixo índice de estigma.

A análise dos dados sugere que a mídia reforça esse forte estigma existente em relação ao “r” retroflexo, destinando seu emprego apenas às personagens menos instruídas e moradoras da zona rural. Vale ressaltar que a categoria “migração da zona urbana para rural” foi desconsiderada por falta de dados.

Ao levarmos em consideração a perspectiva do dialogismo, presente em Bakhtin (1988), partiremos do conceito de que a língua está ligada ao homem e produz significações. Por ser social, há sempre uma relação entre o “eu” e o “outro”, ou seja, uma relação dialógica permeada de vozes sociais, que, segundo o autor, constroem a identidade cultural dos sujeitos. Portanto, todo discurso é voltado para aqueles que o circundam e os enunciados revelam uma posição social, pois, segundo o autor, possuem um destinatário (telespectador, neste caso) e permitem uma resposta: uma alta audiência.

No caso das cenas das novelas analisadas coexistem vozes sociais opostas: uma que ressalta o lado bom de ser “caipira” e outra que associa o “caipira” ao atraso social e econômico. Isso ocorre em consequência da divisão da sociedade em grupos sociais: a própria sociedade é permeada por vozes que se opõem. Nas cenas analisadas, a distinção dessas vozes ocorre mediante o emprego ou não da variante retroflexa. Percebe-se que há uma distinção marcante entre o falar das personagens da zona rural e da cidade. Como o “r” retroflexo é a característica mais saliente da fala do “caipira”, isso evidencia que a mídia associa a figura deste com o “habitante do mato”, assim como Lobato e Mazzaropi o retratavam.

Segundo Cagliari (1999, p.54), o “r” em posição de coda pode ser pronunciado como tepe ou como um segmento complexo, resultante de um tepe mais uma fricativa dental retroflexa surda ou sonora anterior. Já no dialeto “caipira”, segundo o autor, predomina a realização do retroflexo como uma consoante posterior sonora. Em relação ao contexto de ocorrência da variante retroflexa nas cenas analisadas, a maior ocorrência da variante retroflexa se dá na posição de coda seguida por consoante fricativa (88,9% como retroflexo), que se encontra na mesma palavra ou na palavra seguinte.. Também se observa que há um predomínio do emprego do “r” como retroflexo na posição de coda seguida de consoante oclusiva (74,3%), que se encontra na mesma palavra ou na palavra seguinte, embora o uso de variante não retroflexa esteja relativamente tão presente quanto no contexto anteriormente avaliado. Em contextos linguísticos em que o “r” é seguido por pausa tem-se ocorrência da

variante retroflexa em 57% dos casos. Quando o “r” é seguido por consoante nasal /m/ e /n/, esse índice cai para 46,2%, conforme tabela abaixo:¹⁹

Tabela 1- Contexto linguístico: dados da mídia

Posição Linguística	“r” como retroflexo	“r” como não retroflexo
“r” seguido por consoante fricativa	88,9%	11,1%
“r” seguido por consoante oclusiva	74,3%	25,7%
“r” seguido por pausa	57%	43%
“r” seguido por consoante nasal	46,2%	53,8%

Fonte: Dados da pesquisa.

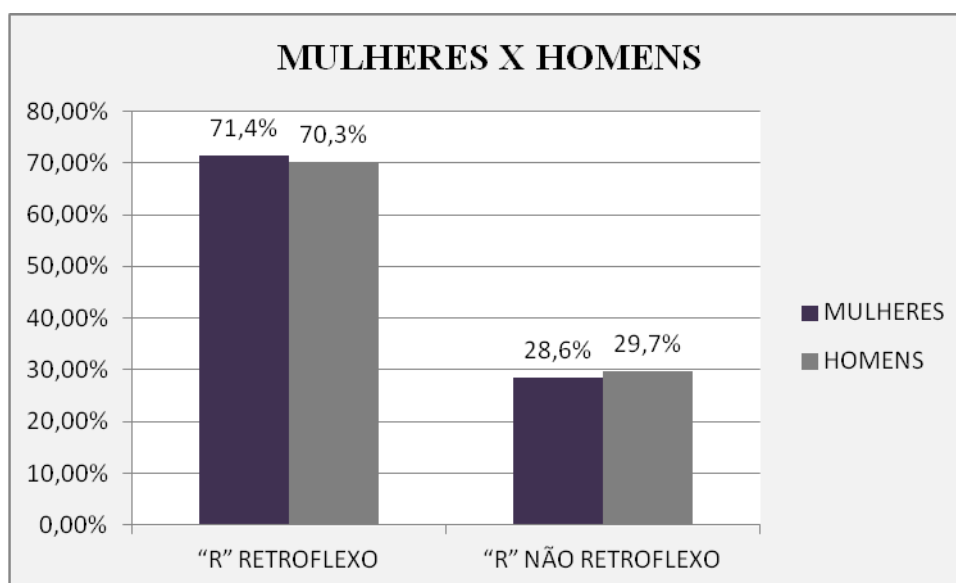
Dentre os contextos linguísticos selecionados pelo programa Goldvarb, o menor índice de ocorrência da variante retroflexa ocorre quando esta é seguida por consoante nasal. É importante ressaltar que nesse contexto linguístico o índice de ocorrência da variante retroflexa não atinge 50%.

Em relação ao sexo das personagens, a análise mostra que não ocorre uma diferença estatisticamente significativa entre homens e mulheres no emprego da variante retroflexa, já que fica em 1% (cf. atesta o gráfico 2).²⁰

¹⁹ Cabe ressaltar que a variável *contexto linguístico* não foi selecionada como fator relevante pelo programa Goldvarb, entretanto, os resultados foram apresentados nesse estudo por serem importantes para compreender o modo como a mídia caracteriza o falar “caipira”. Devido ao fato da variável não ter sido selecionada pelo programa, os dados quantificados em peso relativo não foram apresentados. Desta forma, optou-se por apresentá-los em forma de porcentagem.

²⁰ Idem nota de rodapé 19.

Gráfico 2- Personagens masculinas e femininas



Fonte: Dados da pesquisa.

Ao todo, foram analisadas as falas de 13 mulheres: Catarina e Neca (*O cravo e a Rosa*), Amelinha e Esmeralda (*Coração de estudante*), Márcia e sua avó (*Chocolate com pimenta*) Mirna e Cátia (*Alma Gêmea*), Zuca (*Cabocla*), Maria Rita e Aninha (*Paraíso*), Marcinha (*Malhação*) e Júlia (*Morde e Assopra*) e 20 personagens masculinos, sendo eles: Petrushio e Calixto (*O cravo e a Rosa*), Nélio (*Coração de estudante*), Timóteo e tio Margarido (*Chocolate com pimenta*), Sr. José, Boanerges e Luís (*Cabocla*), Zeca, Ricardo e Tobe (*Paraíso*), Bodão (*Malhação*), Crispim, Jorge, policial, pretendente de Mirna e Vitório (*Alma gêmea*), primo Candinho (*Pé na jaca*) e Abner e funcionário do hotel (*Morde e assopra*).

Cabe ressaltar que o índice de personagens masculinas que não compunham o núcleo “caipira”, porém apareciam na cena, foi maior que o das personagens femininas. Dentre as personagens femininas apenas Júlia (*Morde e assopra*), Catarina (*O cravo e a rosa*), Cátia (*Alma gêmea*), Amelinha e Esmeralda (*Coração de estudante*) não são “caipiras”. Por outro lado, Luís (*Cabocla*), Ricardo (*Paraíso*), Bodão (*Malhação*), policial, Jorge, Vitório e pretendente de Mirna (*Alma gêmea*) e o funcionário do hotel não são “caipiras”. Portanto, a participação de homens não “caipiras” nas cenas analisadas é maior do que a de mulheres não “caipiras”. Entretanto, esse fato não é responsável pelo índice maior de ocorrência da variante retroflexa na fala das personagens femininas.

Os dados expostos acima sugerem que o emprego da variante retroflexa destina-se à fala das personagens “caipiras”. Pode-se dizer também que a identidade “caipira” está

relacionada ao viver na zona rural, ou seja, ao distanciamento dos valores sociais vivenciados nas cidades. Portanto, a fala “não caipira” está relacionada ao emprego do “r” como não retroflexo.

5.3 O falar das personagens “caipiras”

Com o objetivo de entender como as personagens “caipiras” possuem suas falas estruturadas, foram analisadas oitenta e três palavras com “r” proferidas pelas personagens “caipiras”: Petruccio, Calixto, Neca, Márcia, avó de Márcia, Margarido, Timóteo, Mirna, Crispim, tio Nardo, Nélio, Candinho, Zuca, José, Boanerges, Marcinha, Abner, Zeca, Tobe, Aninha e Maria Rita.

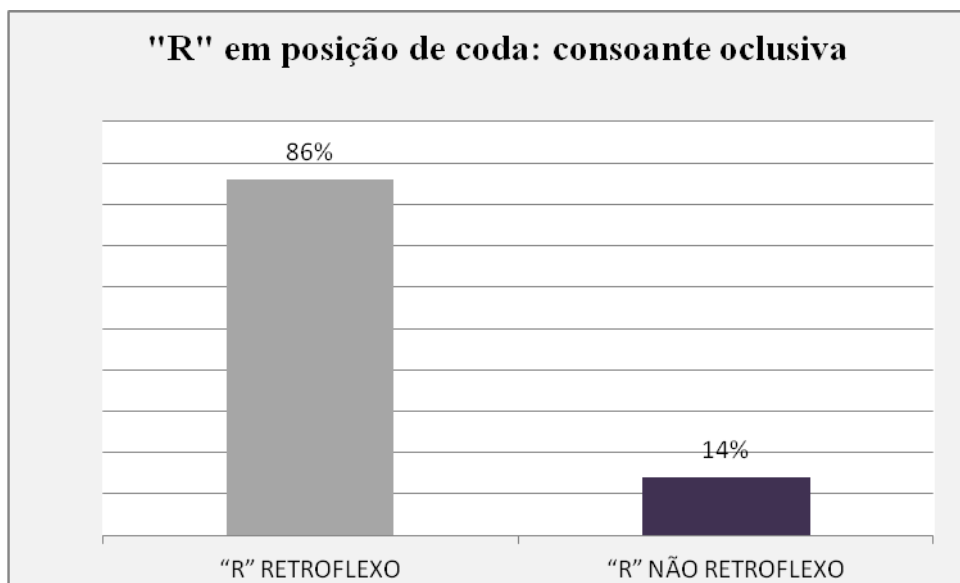
O uso das variantes foi analisado em função dos seguintes grupos de fatores: ausência ou presença da variante retroflexa, como variável dependente; o sexo do sujeito da pesquisa (masculino e feminino); o lugar de origem do sujeito (personagem imigrante da zona urbana; personagem morador da zona rural; personagem imigrante da zona rural para a urbana; personagem morador da zona urbana) e um grupo de fatores linguísticos: *o contexto seguinte ao emprego da variante*: consoante fricativa, que se encontra na mesma palavra ou na palavra seguinte; consoante oclusiva, que se encontra na mesma palavra ou na palavra seguinte; consoante nasal, que se encontra na mesma palavra ou na palavra seguinte; o contexto em que a variante retroflexa alterna com [r] vs outros contextos.

Os resultados encontrados nessa análise se aproximam dos obtidos na análise em que foram rodadas as falas de todas as personagens (“caipiras e não caipiras”).

Dentre as semelhanças encontradas nos resultados, podemos destacar o fato de haver um comportamento muito semelhante das mulheres e dos homens, ainda que aqui fica mais delineado um índice relativamente um pouco mais alto no emprego da variante retroflexa por parte das mulheres (86,4%, para as mulheres e 81,4%, para os homens). Além disso, podemos destacar como semelhança o alto índice de emprego da variante retroflexa seguida por consoante oclusiva, que se encontra na mesma palavra ou na palavra seguinte, conforme gráfico 3²¹:

²¹ O programa Goldvarb não selecionou as variáveis *sexo* e *contexto linguístico*. Como consequência disso, as informações apresentadas no texto e nos gráficos 3e 4 estão apenas em forma de porcentagem.

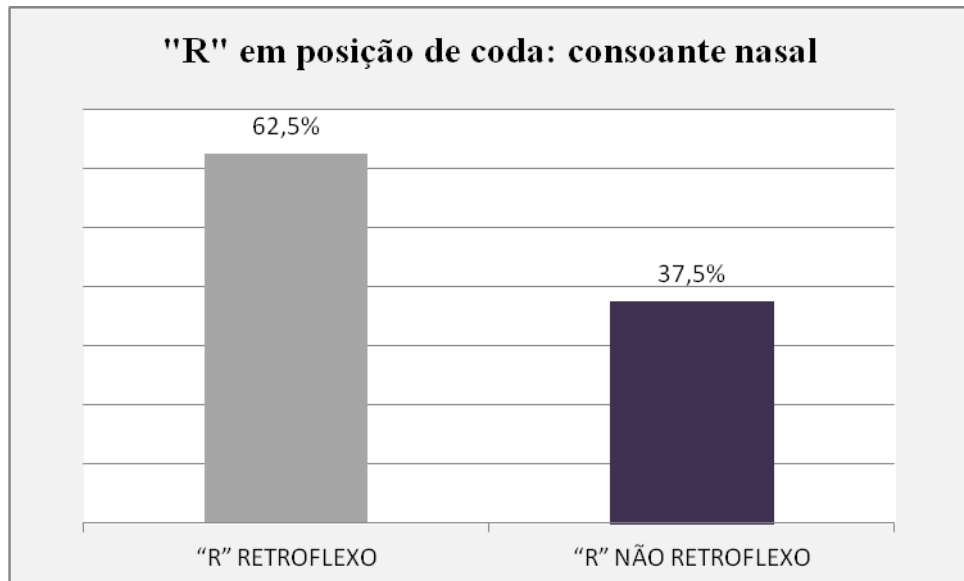
Gráfico 3-Consoante oclusiva: fala “caipira” retratada pela mídia



Fonte: Dados da pesquisa.

O programa Goldvarb não selecionou os contextos linguísticos em que o “r” é seguido de consoante fricativa e por pausa. A não seleção desses contextos linguísticos se deu ao fato de não ter ocorrido variação, pois em todos os dados em que esses contextos apareciam, a variante empregada foi a retroflexa. Esse resultado mostra o quão relevante são esses contextos para a realização do “r” como retroflexo.

Em relação ao contexto linguístico em que o “r” é seguido por consoante nasal, registrou-se um alto índice de ocorrência da variante retroflexa na fala das personagens “caipiras” (62,5%), diferentemente do resultado obtido na descrição e análise dos dados das personagens “caipiras” e “não caipiras” (apenas 46,2% como retroflexo). Mediante uma comparação entre a tabela 1 e o gráfico 4 podemos perceber que há uma tendência por parte da mídia em enfatizar o emprego do “r” retroflexo na fala das personagens “caipiras” com o intuito de diferenciar não só o modo de falar dessas personagens como também os papéis sociais que elas exercem na comunidade em que estão inseridas na história fictícia, pois, como afirma Bortoni-Ricardo (2006), as escolhas linguísticas estão associadas aos papéis sociais e ao “status” que os falantes possuem ou assumem em uma determinada comunidade linguística.

Gráfico 4- Nasal: fala “caipira” retratada pela mídia

Fonte: Dados da pesquisa.

Portanto, mediante os dados descritos acima, podemos dizer que o falar “caipira” retratado pela mídia televisiva compreende as seguintes características: o emprego da variante retroflexa em contextos em que o “r” é seguido por consoantes fricativas, pausa, consoantes oclusivas e nasais; a associação do “r” como retroflexo ao falar da zona rural e a presença da variante retroflexa tanto na fala de homens como na de mulheres, embora na fala feminina os índices de ocorrência da variante sejam maiores.

6 O FALANTE “CAIPIRA”: pesquisa de campo

6.1 O falar dos habitantes de Sales Oliveira e Orlândia

Na pesquisa de campo, a variável dependente binária estudada foi a ausência ou presença do “r” retroflexo e as variáveis independentes foram *sexo ou gênero, lugar onde o informante mora* (Sales Oliveira ou Orlândia), *escolaridade* (ensino fundamental completo ou incompleto e ensino superior), *estilo* (texto, entrevista ou lista de palavras) e o *contexto linguístico de ocorrência*²² (contexto linguístico seguinte – pausa, consoante oclusiva, consoante fricativa, consoante nasal). O “r” em posição de ataque e o “l” ou “u” em posição de coda, pronunciados como “r” não foram analisados, visto que uma análise preliminar mostrou que não havia nenhuma ocorrência de retroflexo nesses contextos. Ou seja, não havia variação.

O *corpus* do estudo compreende dados de vinte falantes, dentre os quais dez (cinco homens e cinco mulheres) são escolarizados até o ensino fundamental completo ou incompleto e dez (cinco homens e cinco mulheres) são professores de ensino fundamental II, ensino médio e técnico, portanto possuem ensino superior completo.

Após consentimento dos falantes, as gravações foram iniciadas de forma individual, sem que estes soubessem que seria analisado o emprego ou não da variante retroflexa. Para entender o comportamento linguístico dos falantes em situação comunicativa de menor formalidade, foi pedido que os participantes da pesquisa respondessem à seguinte questão: “conte um acontecimento que tenha marcado sua vida”. Ao se sentir emocionado por narrar um acontecimento marcante, esperava-se que o falante tivesse uma menor preocupação com sua fala, utilizando assim, a variante que emprega em situações comunicativas mais informais, o que minimizaria o efeito do “paradoxo do observador” (Labov, 2008; Tarallo, 2007). As entrevistas realizadas foram breves: todas tiveram tempo inferior a 15 minutos.

Abaixo, encontram-se os resultados dessa etapa da pesquisa de campo. Os gráficos mostram a porcentagem de palavras com “r” retroflexo que cada falante pronunciou durante a entrevista e a quantidade de “r” como não retroflexo. Cabe ressaltar que não foram analisadas as ocorrências em que o “r” aparece em posição de ataque, pois nessa comunidade linguística, não há variação quando o fonema encontra-se nesse contexto linguístico. No apêndice B encontram-se gráficos com os resultados de cada participante para visualização.

²² Ver explicação em nota de rodapé 6.

Tabela 2 – Distribuição das variantes nos dados das entrevistas

Identificação do falante	Total de palavras com “r” em coda		Palavras: “r” como retroflexo		Palavras: “r” como não retroflexo	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
FALANTE 01	14	100	07	50	07	50
FALANTE 02	11	100	07	63,64	04	36,36
FALANTE 03	10	100	10	100	0	0
FALANTE 04	2	100	2	100	0	0
FALANTE 05	2	100	2	100	0	0
FALANTE 06	06	100	06	100	0	0
FALANTE 07	17	100	14	82,7	03	17,65
FALANTE 08	01	100	01	100	0	0
FALANTE 09	03	100	03	100	0	0
FALANTE 10	09	100	07	77,78	02	22,22
FALANTE 11	02	100	01	50	01	50
FALANTE 12	02	100	01	50	01	50
FALANTE 13	03	100	03	100	0	0
FALANTE 14	02	100	01	50	01	50
FALANTE 15	02	100	02	100	0	0
FALANTE 16	04	100	04	100	0	0
FALANTE 17	21	100	13	61,9	08	38,10
FALANTE 18	15	100	14	93,33	01	6,67
FALANTE 19	05	100	03	40	02	60
FALANTE 20	01	100	01	100	0	0

Fonte: Dados da pesquisa.

Após a entrevista, foi solicitado que os participantes lessem um texto intitulado “Um dia”, de Mário Quintana. A escolha do texto foi condicionada por alguns fatores, dentre eles: a grande quantidade de palavras grafadas com “r” (30 palavras com “r” em posição de coda), a presença de vocabulário do cotidiano (este texto não possui palavras que dificultam a leitura, uma vez que o texto proposto deveria ser o mesmo tanto para falantes escolarizados como para os menos escolarizados, portanto, adequado aos diversos graus de escolarização) e o gênero textual. Embora leitura de poemas não seja tão comum no dia-dia das pessoas como é a leitura do texto jornalístico, por exemplo, a escolha por um poema foi intencional, pois era esperado que os sujeitos da pesquisa prestassem mais atenção ao que estavam lendo, ocasionando assim, uma fala mais “cuidada”. As palavras grafadas com “r” e posteriormente analisadas foram:

Quadro 3- Palavras do texto

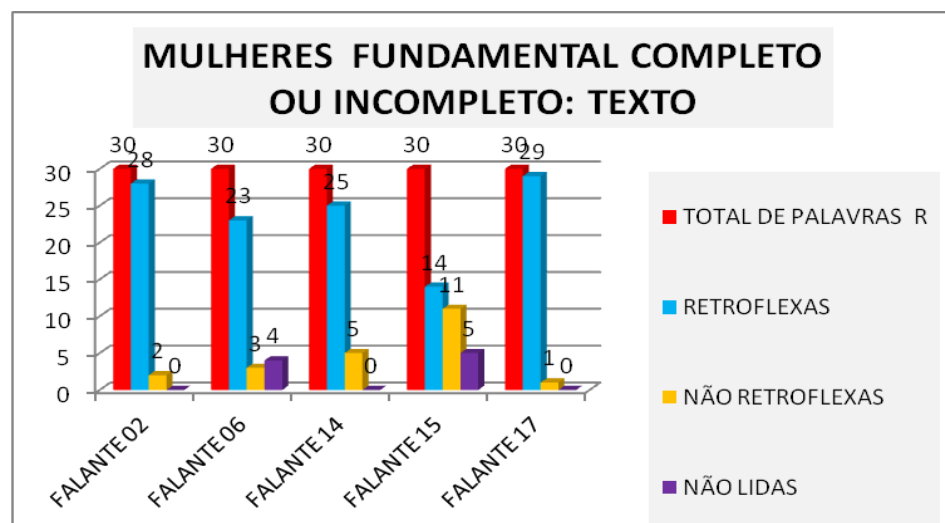
BEIJAR
ESQUECER
PERCEBEMOS
CAÇADOR
QUALQUER
SOFRER
APAIXONAR

PERCEBEMOS
AMOR
PERCEBEMOS
SER
PERCEBEREMOS
IMPORTÂNCIA
TORNAS
ETERNAMENTE
POR
PERCEBEMOS
IMPORTANTE
VALOR
PERCEBEMOS
TARDE
APESAR
VIVER
REALIZARMOS
BEIJARMOS
DIZER
SER
CONFORMAMOS
REALIZAR
OLHAR

Fonte: Dados da pesquisa.

Dentre as 30 palavras do texto, podemos dizer que a maioria das mulheres com ensino fundamental completo ou incompleto pesquisadas empregou mais o “r” retroflexo durante a leitura do texto. O gráfico 10 foi elaborado considerando a quantidade total de palavras grafadas com “r” no texto (30 palavras), a quantidade de palavras não lidas, o número de palavras pronunciadas como retroflexa e como não retroflexa:

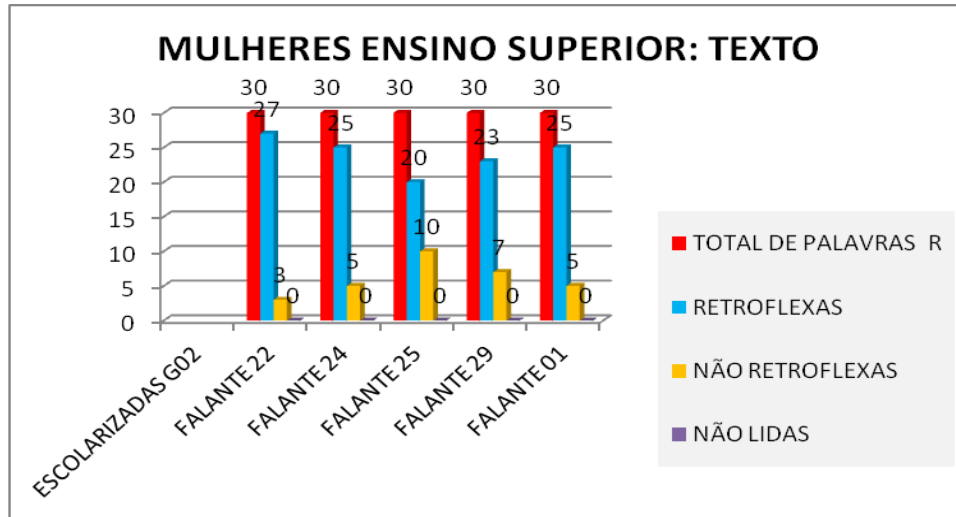
Gráfico 5- Análise prévia com mulheres ensino fundamental: texto



Fonte: Dados da pesquisa.

Em relação às mulheres com ensino superior completo temos os resultados:

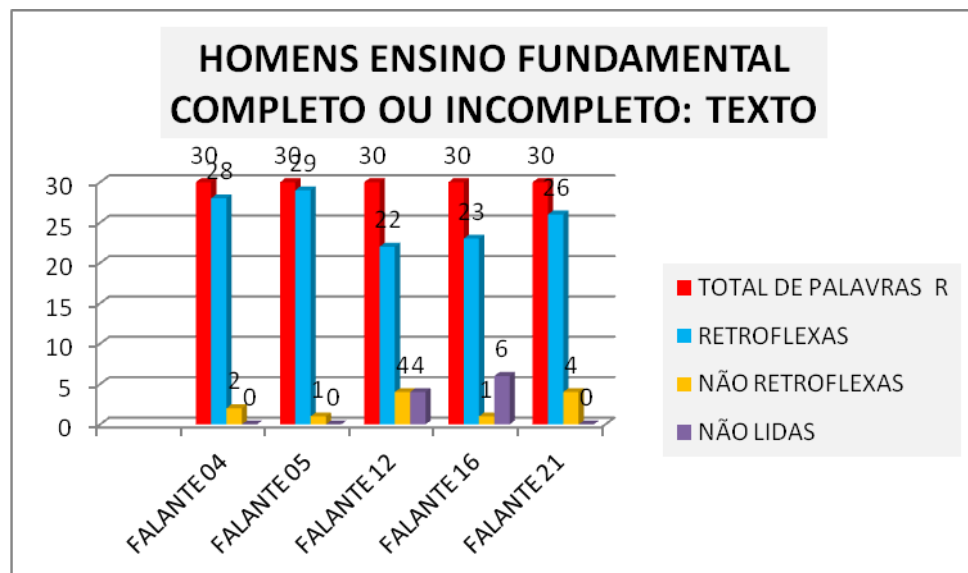
Gráfico 6- Análise prévia com mulheres ensino superior: texto



Fonte: Dados da pesquisa.

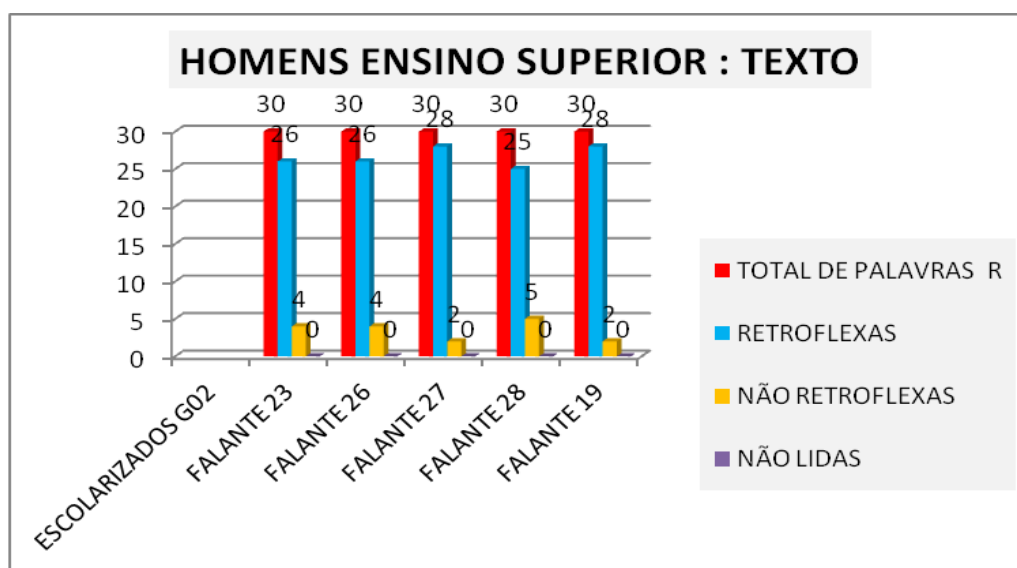
Na leitura do texto, a maioria dos falantes do sexo masculino com ensino fundamental completo ou incompleto apresentou os seguintes resultados:

Gráfico 7- Análise prévia com homens ensino fundamental: texto



Fonte: Dados da pesquisa.

Os falantes masculinos com ensino superior completo apresentaram o seguinte resultado:

Gráfico 8: Análise prévia com homens ensino superior: texto

Fonte: Dados da pesquisa.

A terceira etapa da pesquisa compreendeu a leitura de uma lista com 19 palavras grafadas com “r” em diferentes contextos linguísticos. A lista foi composta pelas seguintes palavras:

- Rato: “r” em início de palavra;²³
- Beijar: “r” em posição de coda seguido por pausa;
- Arara: “r” em posição de ataque;
- Esquecer: “r” em posição de coda seguido por pausa;
- Camarada: “r” em posição de ataque;
- Perceber: “r” em posição de coda seguido de consoante fricativa;
- Relógio: “r” em início de palavra;

²³ De acordo com Cagliari (2002), em início de palavras não ocorre [r] e nem [ɹ]. Portanto, quando a lista de palavras foi elaborada, esperava-se que as palavras “rato”, “relógio” e “rádio” não apresentassem a pronúncia retroflexa (como de fato, não apresentaram), ao contrário das demais palavras em que é possível a pronúncia tanto da variante retroflexa como a do tepe. Entretanto, optou-se por colocar essas três palavras para que durante a leitura, o falante não percebesse que, dentre os aspectos que foram analisados, estávamos observando se nas regiões onde os dados foram coletados existiam casos de emprego da variante retroflexa na posição de ataque, como na palavra “arara”. Portanto, o uso dessas palavras foi intencional. Também é preciso ressaltar que não foi considerado o contexto linguístico em que o “r” ocupa a posição de coda seguido por pausa, pois em se tratando da leitura de uma lista de palavras, espera-se que o falante realize pausas entre a leitura das palavras. Assim como no caso anterior, o emprego de palavras grafadas com “r” seguidas por pausa foi feito intencionalmente. O intuito era que o entrevistado não percebesse que o enfoque da lista eram os contextos linguísticos em que o “r” é seguido por consoantes nasais, fricativas e oclusivas. A preferência por esses contextos linguísticos se deve aos altos índices de ocorrência da variante retroflexa observados durante a leitura do texto e a entrevista realizada, sempre que o “r” é seguido por consoantes fricativas, oclusivas e nasais.

- Caçador: “r” em posição de coda seguido por pausa;
- Rádio: “r” em início de palavra;
- Qualquer: “r” em posição de coda seguido por pausa;
- Apaixonar: “r” em posição de coda seguido por pausa;
- Amor: “r” em posição de coda seguido por pausa;
- Ser: “r” em posição de coda seguido por pausa;
- Tornas: “r” em posição de coda seguido por nasal;
- Importância: “r” em posição de coda seguido por oclusiva;
- Valor: “r” em posição de coda seguido por pausa;
- Eternamente: “r” em posição de coda seguido por nasal;
- Tarde: “r” em posição de coda seguido por oclusiva;
- Realizarmos: “r” em posição de coda seguido por nasal;
- Beijarmos: “r” em posição de coda seguido por nasal;
- Dizer: “r” em posição de coda seguido por pausa;
- Realizar “r” em posição de coda seguido por pausa;
- Olhar: “r” em posição de coda seguido por pausa.

A priori, assim como no texto e na entrevista, foi realizada a transcrição das palavras e uma contagem manual dos resultados obtidos para que pudéssemos ter uma ideia inicial do comportamento dos falantes. A hipótese inicial deste estudo era a de que os falantes que participaram da pesquisa não pronunciariam a variante retroflexa em situação comunicativa mais formal, devido ao fato de a mídia televisiva utilizar essa variante como forma de estigma social, na construção de personagens estereotipados, moldados na figura do Jeca Tatu. Porém, conforme as transcrições foram sendo realizadas, percebeu-se que o comportamento esperado não condizia com o apresentado pelos falantes, pois independente do grau de escolarização, os falantes apresentam comportamentos linguísticos que se assemelham e fazem grande uso da variante retroflexa na maioria das palavras em que o “r” encontra-se em posição de coda.

As análises acima apresentadas nos gráficos 10, 11, 12 e 13 compreenderam apenas dados meramente quantitativos realizados como forma de melhor compreender o *corpus* pesquisado. Ao realizar o processamento dos dados pelo programa Goldvarb, foram levados em consideração:

- a) Variável dependente: uso ou não do “r” como retroflexo;

b) Variáveis independentes: escolarização, sexo, lugar onde o falante mora e contexto linguístico de ocorrência do “r”.

Como já exposto na seção dedicada aos procedimentos metodológicos, no que diz respeito à *escolarização*, optou-se por gravar falantes com ensino superior completo, professores, pois estes estão em maior contato com a variedade ensinada nas escolas. Devido a esse maior contato com a norma ensinada na escola, espera-se que utilizem variedades de maior prestígio social. Foram gravadas também dez pessoas com ensino fundamental completo ou incompleto. Esses dois grupos foram escolhidos, pois era preciso entender se o fator escolarização e, conseqüentemente, o contato com a norma ensinada na escola influenciariam a escolha linguística do falante.

A variável *lugar* compreende gravação de falantes das cidades de Sales Oliveira e Orlandia, interior do Estado de São Paulo. Além das variáveis escolaridade e região, também foram levados em consideração o sexo do falante (masculino e feminino) e os contextos linguísticos abaixo descritos:

- a) “r” em posição de coda seguido por consoante fricativa, que se encontra na mesma palavra ou na palavra seguinte: “percebemos”;
- b) “r” em posição de coda seguido por consoante oclusiva, que se encontra na mesma palavra ou na palavra seguinte: “ser dito”;
- c) “r” em posição de coda seguido de consoante nasal, que se encontra na mesma palavra ou na palavra seguinte: “beijarmos”;
- d) “r” em posição de coda seguido por pausa: “sofrer”;

Em relação ao contexto “r” em posição de coda seguido por pausa é necessário ressaltar que foram consideradas: (i) as situações em que tínhamos uma pausa na leitura ocasionada por ponto final e/ou vírgula, como por exemplo, em “(...) fazem qualquer homem sofrer” e (ii) os contextos linguísticos em que o falante realizava pequenos intervalos durante a leitura do texto, mesmo com a ausência da pontuação que indicasse essas paradas, como por exemplo, em “(...) têm instinto "caçador e fazem (...)”. Nesse enunciado, não existe pontuação que favoreça a pausa, entretanto, muitos falantes realizaram uma pausa entre a leitura da palavra “caçador” e do conectivo “e”. Portanto, não seria possível considerar esse contexto linguístico como “r seguido por vogal”, uma vez que o leitor realiza uma “parada” entre as palavras. Muitos falantes pesquisados, por não terem o ensino fundamental completo, apresentaram uma leitura menos fluída e, conseqüentemente, mais pausada. Essas pausas

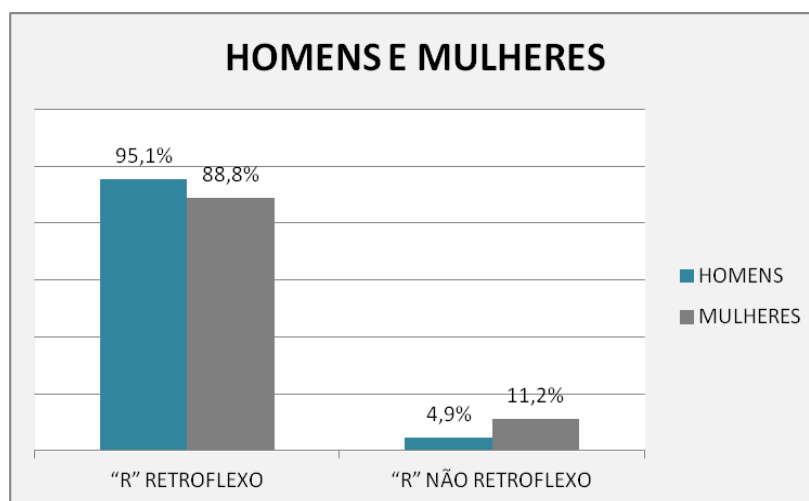
realizadas foram consideradas no momento da transcrição dos dados, pois Cagliari e Massini-Cagliari (2008, p. 117) afirmam que as “variações de velocidade de fala tendem a causar modificações fonéticas”. O mesmo critério foi adotado para os dados provenientes das entrevistas.

Levando em consideração as variáveis acima descritas, os resultados processados pelo programa Goldvarb selecionaram, em ordem de relevância, as variáveis *sexo do falante* e *estilo* como fatores explicativos da variação entre a variante retroflexa e a não retroflexa.

No que diz respeito à variável sexo, o índice de emprego da variante retroflexa foi alto tanto na fala dos homens como na das mulheres, pois, em ambos os casos, atingiu mais de 85%, havendo uma diferença de 6,3% entre o emprego da variante na fala dos homens e das mulheres. Ao considerarmos os índices de peso relativo fornecidos pelo programa para o uso da variante retroflexa teremos: homens com 0,629 e mulheres com 0,394.²⁴ Ao analisarmos os pesos relativos a diferença entre o emprego da variante retroflexa na fala de homens e mulheres, o que justifica a seleção dessa variável pelo programa.

Abaixo, segue o gráfico 9 com os índices do emprego da variante retroflexa na fala de homens e mulheres:

Gráfico 9- Emprego da variante retroflexa na fala dos homens e mulheres



Fonte: Dados da pesquisa.

De acordo com Labov (2008, p. 348), a “diferenciação sexual da fala frequentemente desempenha um papel importante no mecanismo de evolução linguística” Para o autor, essa

²⁴ Os pesos relativos fornecidos pelo programa Goldvarb são: mulheres (0,394 para retroflexo e 0,606 para não retroflexo) e homens (0,629 para retroflexo e 0,371 para não retroflexo).

diferenciação não está apenas relacionada às características físicas ou ao aparelho fonador, mas também aos fatores e valores sociais, ou seja, ao papel social que homens e mulheres desempenham na sociedade e a postura expressiva que cada um deve ter em determinadas situações comunicativas. As mulheres, segundo Labov, possuem mais sensibilidade em relação aos padrões de maior prestígio social e em muitos casos, elas lideram as mudanças linguísticas. Sendo assim, o comportamento linguístico depende de uma série de fatores tanto físicos como sociais que se entrelaçam.

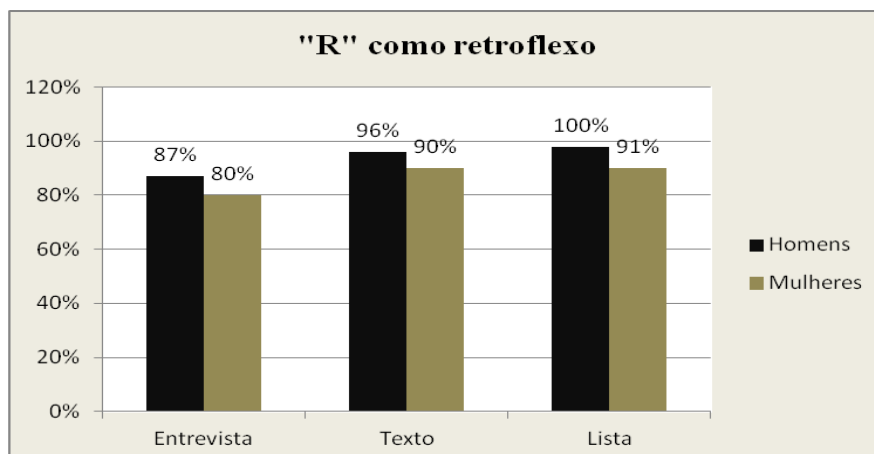
Mediante o resultado acima (gráfico 9), percebemos que, embora seja pequena, há uma diferença entre a fala de homens e mulheres nas cidades de Sales Oliveira e Orlândia. Talvez essa pequena diferença seja resultante do fato das mulheres tentarem policiar mais a fala e buscar empregar variantes de maior prestígio social. Embora a maioria das mulheres salenses e orlandinas trabalhem e sejam independentes financeiramente, ainda, em muitas famílias, há a prevalência da figura do homem como chefe de família. Sendo assim, muitas mulheres, em alguns lares, são subordinadas socialmente a seus maridos ou pais. Portanto, ao fazer maior uso de traços do padrão, as mulheres tentam adequar suas falas às variedades de prestígio na intenção de serem assim, mais valorizadas socialmente.

De acordo com Scherre (2008), a rejeição ao “r” retroflexo é muito grande, principalmente por parte dos falantes que não fazem parte da comunidade “caipira”. Tal rejeição faz com que muitos falantes dessa variante não a pronunciem quando estão fora da região onde moram. No caso do *corpus* em questão, as falantes tiveram suas falas coletadas na própria região onde moram e a pesquisadora que realizou a coleta de dados também faz parte da mesma comunidade linguística. Desta forma, não existiriam motivos que caracterizassem situações de constrangimento ou que pudessem fazer com que os entrevistados se sentissem envergonhados e mudassem seu modo de falar.

Cabe ressaltar, entretanto, que foi detectada a porcentagem mais baixa de ocorrência da variante retroflexa (considerando os três estilos: texto, entrevista e lista) na fala das mulheres na etapa da entrevista, em que eram esperados os maiores índices de emprego da variante retroflexa. O gráfico 10 ilustra essa situação:²⁵

²⁵ Em peso relativo, os dados fornecidos pelo programa são: texto (0,527 para retroflexo e 0,473 para não retroflexo); lista (0,620 para retroflexo e 0,38 para não retroflexo) e entrevista (0,284 para retroflexo e 0,716 para não retroflexo).

Gráfico 10- Sexo X estilo



Fonte: Dados da pesquisa.

Esse resultado inesperado pode ter sido ocasionado pelo fato da entrevista ter sido realizada antes da leitura do texto e das listas de palavras, resultando em maiores índices de variantes não retroflexas, pois se tratava da primeira vez que muitas entrevistadas conversaram com a entrevistadora e/ou estavam passando pela experiência de ter suas falas gravadas. Sendo assim, as falantes podem ter ficado mais preocupadas com o modo como deveriam falar e isso pode ter acarretado um maior policiamento da fala, ocasionando o emprego de variedades de maior prestígio social. Essa hipótese se comprova ao analisarmos o contexto linguístico em que as palavras pronunciadas com “r” aparecem na entrevista realizada com as mulheres, conforme tabela 3:

Tabela 3- Contexto linguístico: entrevista do sexo feminino

Contexto linguístico	Quantidade de palavras	Porcentagem
“r” seguido por consoante oclusiva	25	54,4%
“r” seguido por consoante nasal	7	15,2%
“r” seguido por vogal	2	4,3%
“r” seguido por consoante fricativa	7	15,2%
“r” seguido por pausa	5	10,9%
Total de palavras	46	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

De acordo com os dados apresentados na tabela 3, podemos perceber que o contexto linguístico mais presente nos dados coletados é quando o “r” está em posição de coda seguido

por consoante oclusiva. Conforme os resultados apresentados na tabela 3, na parte mais formal da pesquisa os contextos linguísticos mais favoráveis ao emprego da variante retroflexa (embora seja preciso ressaltar que a porcentagem chega a ser superior a 89%) ocorrem quando o “r” está seguido por consoantes oclusivas e fricativas. O gráfico 11 ilustra o emprego da variante retroflexa em cada contexto linguístico na etapa da entrevista. Percebe-se que antes de consoante nasal, o “r” apresenta um menor índice de emprego da variante retroflexa.

Gráfico 11: Uso do “r” segundo o contexto linguístico na fala das mulheres



Fonte: Dados da pesquisa.

Portanto, mediante o que foi exposto, não podemos afirmar que o contexto linguístico tenha sido a motivação para as entrevistadas, durante a etapa da entrevista, terem feito menor uso da variante retroflexa. Desta forma, acredita-se que a preocupação das entrevistadas em serem gravadas deve ter levado ao emprego de outras variantes que não a retroflexa.

Conforme pode ser observado do gráfico 10, a entrevista foi a parte em que tanto homens como mulheres realizaram menos a pronúncia da variante retroflexa. A leitura do texto e da lista de palavras foram as situações em que a variante retroflexa foi mais empregada, ocorrendo uma inversão dos resultados esperados.

No estudo em questão, considerou-se a lista de palavras como a situação comunicativa que requer maior atenção em relação à fala, depois a leitura do texto e a situação menos formal, ou seja, a que requer menos atenção em relação ao modo como fala, como sendo a entrevista.

Por ser a situação mais formal da pesquisa, esperava-se que os falantes empregassem durante a leitura da lista de palavras as variedades de maior prestígio social. Como o “r” retroflexo é estigmatizado socialmente, esperava-se que sua ocorrência fosse menor na

leitura da lista e maior na entrevista. Porém, os resultados comprovam que a maior ocorrência da variante retroflexa ocorre na leitura de palavras e a menor, na entrevista, conforme as análises realizadas com o *corpus* coletado.

A tabela 4 apresenta os contextos linguísticos que favorecem o emprego da variante retroflexa nas situações de maior formalidade. Mediante os resultados apresentados, pode-se afirmar que quando o “r” está seguido por consoante nasal, em quase 100% das ocorrências é realizado como retroflexo.

Tabela 4: Contexto linguístico: lista e texto²⁶

CONTEXTO LINGUÍSTICO	TEXTO		LISTA	
	Retroflexo	Não retroflexo	Retroflexo	Não retroflexo
“R” em posição de coda seguido por pausa	94%	6%	Sem dados	Sem dados
“R” em posição de coda seguido por consoante fricativa	89%	11%	100%	0%
“R” em posição de coda seguido por consoante oclusiva	92%	8%	89%	11%
“R” em posição de coda seguido por consoante nasal	100%	0%	97%	3%

Fonte: Dados da pesquisa.

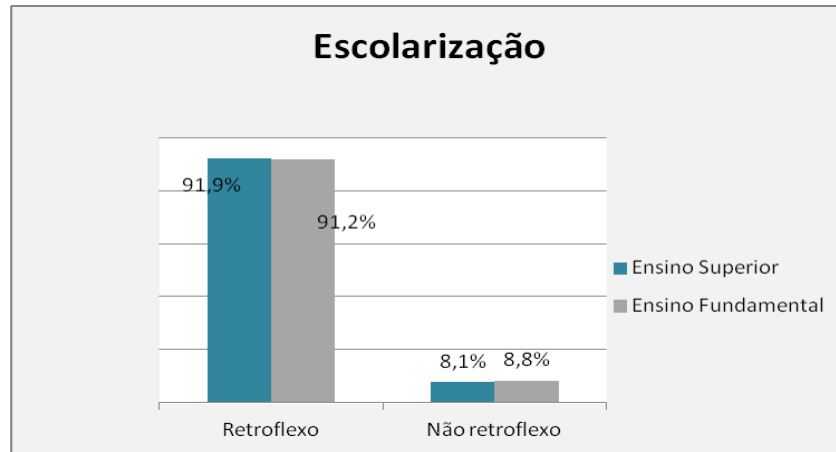
É necessário ressaltar que embora os contextos em que o “r” em posição de coda é seguido por consoante nasal e fricativa sejam os mais favoráveis ao emprego da variante retroflexa, as diferenças percentuais entre os demais contextos são pequenas; ou seja, nas comunidades linguísticas analisadas, encontramos altos índices de realização da variante retroflexa em contextos linguísticos variados: quando o “r” é seguido de consoante fricativa, oclusiva, nasal e pausa. O resultado aponta para uma certa neutralização do contexto linguístico seguinte.

Além das variáveis *sexo*, *estilo* e *contexto linguístico*, embora não tenha sido selecionada pelo programa Goldvarb, a variável *escolarização* também foi observada. Mediante os resultados obtidos, percebeu-se que, independentemente do grau de

²⁶ Os dados apresentados nos gráficos 12, 13 e na tabela 4 são resultantes de cruzamento de variáveis distintas. No gráfico 12 foram cruzadas as variáveis *contexto linguístico* e *sexo*; na tabela 4 foram cruzadas as variáveis *contexto linguístico* e *estilo* e no gráfico 13 foram cruzadas as variáveis *estilo* e *escolarização*. Devido aos cruzamentos realizados, os resultados foram apresentados em forma de porcentagem, uma vez que, o programa Goldvarb não fornece pesos relativos para dados oriundos de cruzamento de variáveis.

escolarização, a variante retroflexa é empregada com muita frequência pelos falantes, conforme ilustra o gráfico 12.

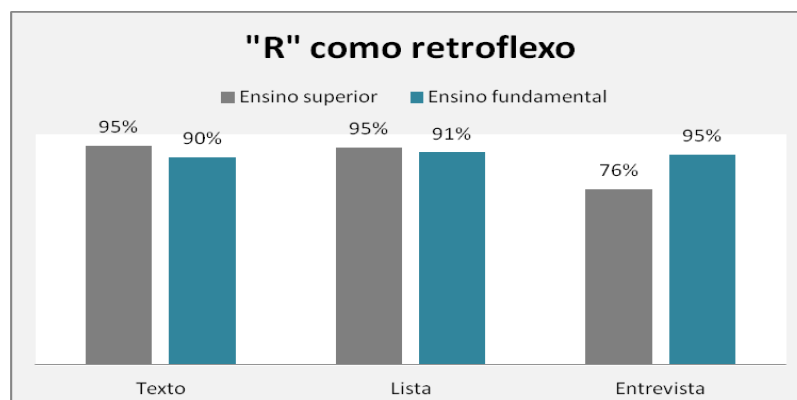
Gráfico 12- Escolarização



Fonte: Dados da pesquisa.

De acordo com Scherre (2008), na escola fazem-se, muitas vezes, associações perversas em relação à “beleza ou feiura” de formas linguísticas que não estejam associadas às previstas na norma-padrão. Desta forma, quanto mais escolarizado é um falante, maior será seu policiamento em situações que exijam uma maior formalidade. No caso em análise, os falantes mais escolarizados empregam em menor proporção a variante retroflexa. Embora os falantes com ensino superior completo tenham atingido altos índices de ocorrência do emprego da variante retroflexa durante a entrevista (75%), pode-se dizer que existe uma diferença no comportamento linguístico entre falantes com ensino superior e com fundamental, conforme gráfico 13:

Gráfico 13- Escolarização X estilo



Fonte: Dados da pesquisa.

Mediante as descrições realizadas ao longo dessa seção, podemos dizer que, a princípio, a observação e análise dos resultados acima quantificados sugerem que o emprego da variante retroflexa não é visto como uma forma de desprestígio pelos sujeitos participantes da pesquisa, pois em todas as situações analisadas, o emprego da variante atinge percentuais maiores que 75%.

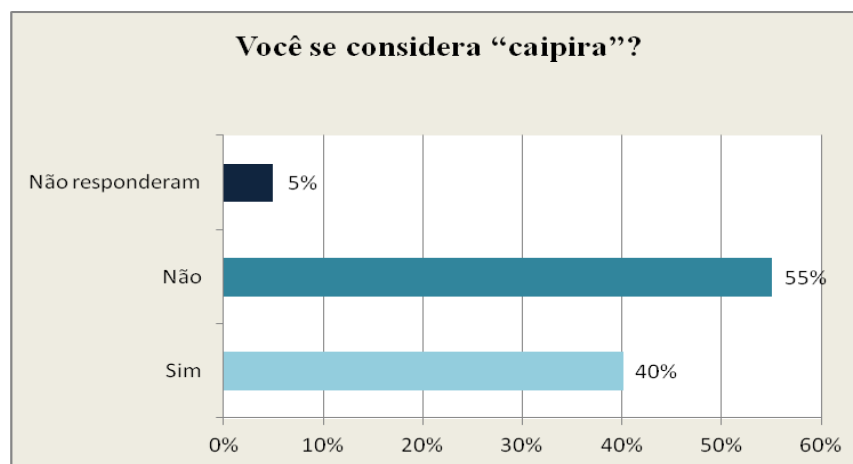
6.2 Definição do “ser caipira”: respostas do questionário

Ao contrastar os dados obtidos na pesquisa de campo com as respostas que os falantes deram para as questões propostas no questionário, percebe-se certa incoerência nos resultados, pois esse falante realiza o “r” como retroflexo, afirma que essa variante é uma espécie de “marca registrada” do falar do interior, mas nega ser “caipira”, pois o termo “caipira” sugere, de acordo com os resultados apresentados abaixo, uma conotação negativa.

Para um melhor entendimento desse contraste, torna-se necessário ressaltar que os falantes que responderam ao questionário foram os mesmos que tiveram suas falas gravadas e analisadas. A aplicação do questionário composto por seis perguntas (sendo quatro de múltipla escolha e duas abertas) teve como finalidade entender o que o sujeito participante da pesquisa considera “ser caipira”.

A primeira questão teve como objetivo entender se o falante se considera “caipira”. A maioria dos falantes, habitantes do interior do Estado de São Paulo (mais precisamente das regiões de Orlandia e Sales Oliveira) não se consideram “caipiras”. O resultado encontra-se abaixo representado:

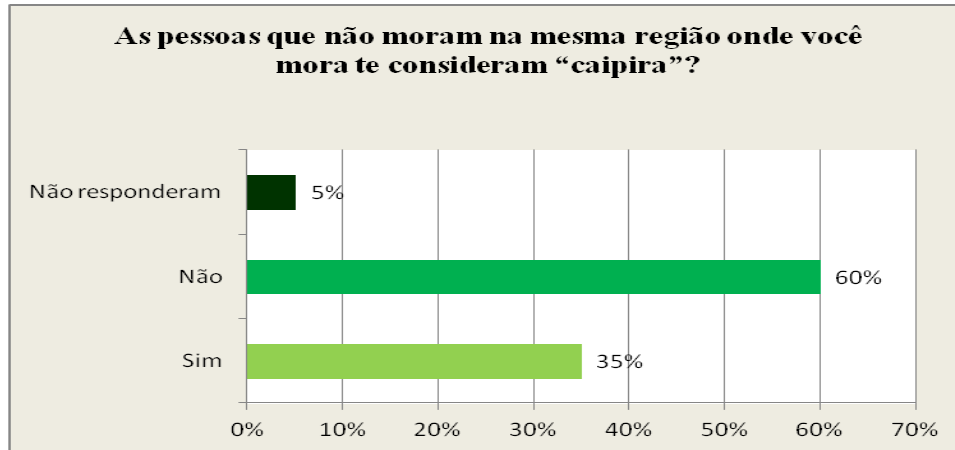
Gráfico 14- Autodenominação “caipira”



Fonte: Dados da pesquisa.

Também foi perguntado aos entrevistados se eles acham que as pessoas que não moram na mesma região que eles os consideram “caipiras”. A maioria dos falantes respondeu que “não”.

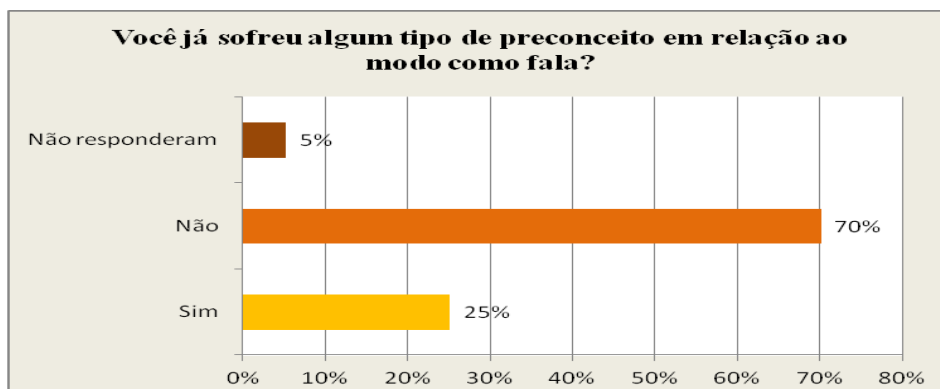
Gráfico 15- Caracterização dos entrevistados pelos “não caipiras”



Fonte: Dados da pesquisa.

Entretanto, a pergunta acima pode ser interpretada de duas formas, pois o entrevistado pode achar que a expressão “mesma região” diz respeito apenas a cidade onde mora e, portanto, a resposta seria “não”, pois como vimos nos resultados obtidos mediante as gravações, a variante retroflexa está presente na fala dos moradores de Sales Oliveira e Orlandia e desta forma, ninguém consideraria o entrevistado como “caipira”. Por outro lado, a outra interpretação significa não fazer parte da comunidade “caipira”. Pelos resultados obtidos nas demais questões, é provável que o entrevistado tenha considerado a primeira interpretação, pois a seguir, foi perguntado se o entrevistado já tinha sofrido alguma forma de preconceito em relação a seu modo de falar e a maioria disse que “não”:

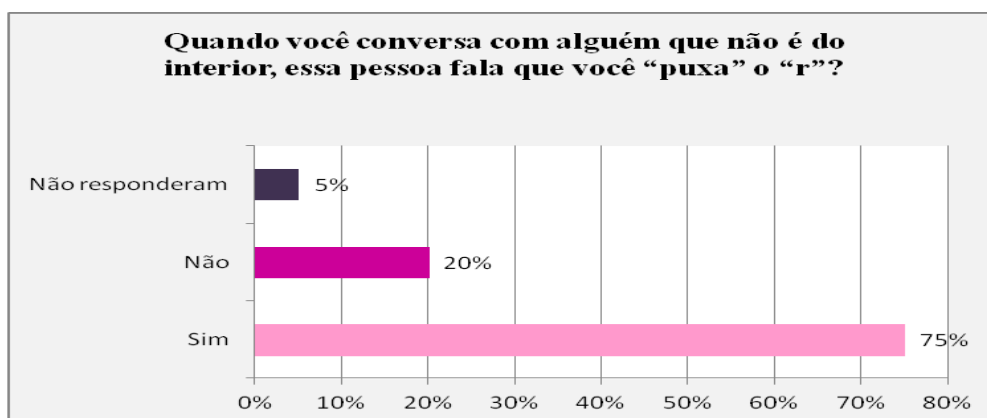
Gráfico 16- Preconceito linguístico



Fonte: Dados da pesquisa.

Entretanto, ao serem questionados se alguma pessoa que não faz parte da comunidade “caipira” acha que os entrevistados “puxam o r”, 75% afirmou que “sim”, ou seja, mesmo negando que tenham sofrido preconceito, os participantes da pesquisa afirmam que os falantes de outras comunidades linguísticas reconhecem o emprego da variante retroflexa como característica da fala de quem é do interior.

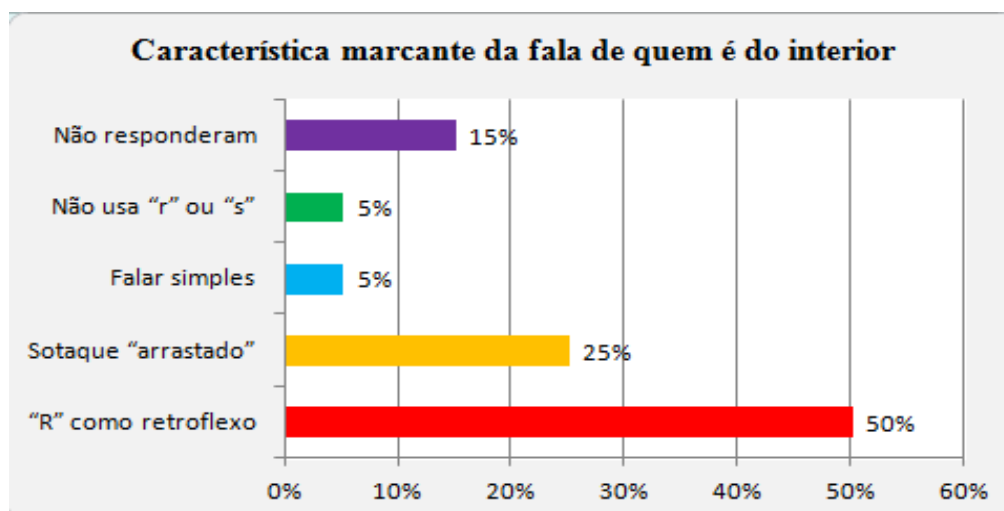
Gráfico 17- Reconhecimento do “r” retroflexo na fala do interior



Fonte: Dados da pesquisa.

Na tentativa de entender se os sujeitos participantes também reconhecem a variante retroflexa como “símbolo” desse dialeto, foi perguntado aos falantes qual a característica marcante da fala de quem é do interior. O resultado encontra-se abaixo:

Gráfico 18- Característica marcante da fala de quem é do interior

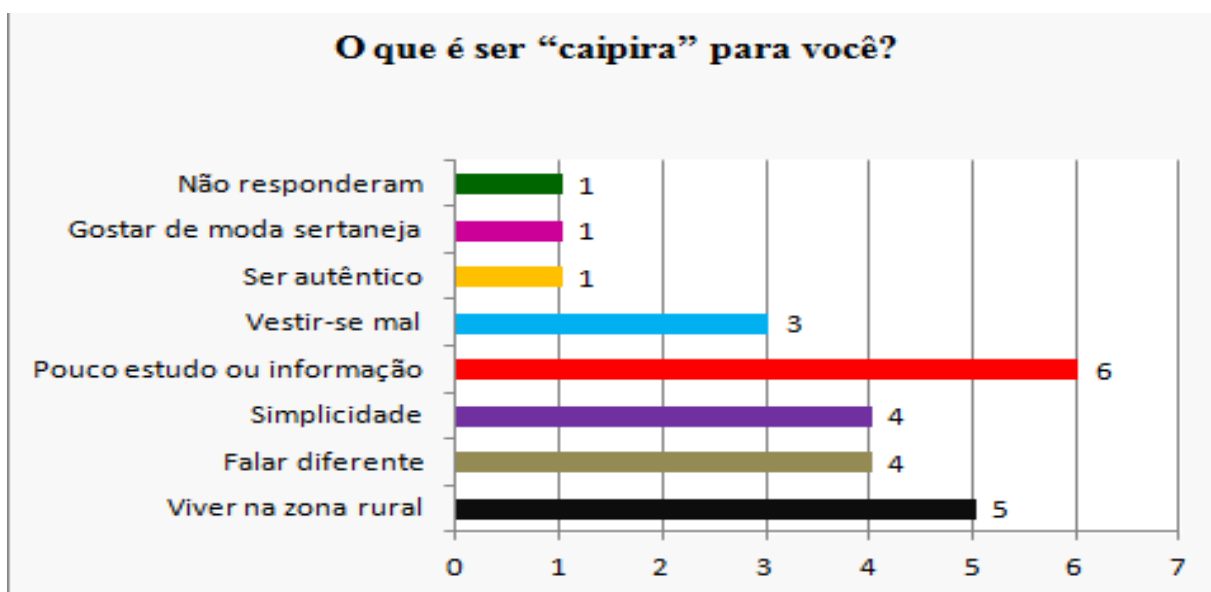


Fonte: Dados da pesquisa.

Os resultados acima demonstram que os falantes que tiveram suas falas analisadas não rotulam ou denominam o habitante do interior como “caipira”, embora reconheçam que a variante retroflexa seja a “marca registrada” do falar do interior. Além disso, os falantes entrevistados acreditam que as pessoas que não fazem parte de sua comunidade linguística compactuam da mesma opinião. Entretanto, os dados coletados da mídia demonstram o contrário.

Isso ocorre porque o termo “caipira” tem sido associado desde Saint-Hilaire a um conceito pejorativo, negativo. Esse sentido negativo presente na palavra “caipira” perdura até os dias atuais, pois ao perguntar aos entrevistados o que significava ser “caipira”, a maioria das respostas apresentaram conotação negativa. Torna-se necessário ressaltar que muitos entrevistados deram mais de uma resposta para a pergunta, elencando várias características sobre ser “caipira”. O gráfico 19 retrata a quantidade de vezes que as características elencadas apareceram.

Gráfico 19- O que é ser “caipira”



Fonte: Dados da pesquisa.

Os resultados obtidos acima sugerem que o termo “caipira” tem conotação negativa e devido a esse sentido pejorativo, os falantes não se classificam como tal.

7 CONSIDERACOES FINAIS: o novo “caipira”

Durante as análises realizadas com os dados provenientes da pesquisa de campo – gravação e questionário - constatou-se que o habitante do interior não se denomina “caipira”. Isso ocorre porque existe diferença entre ser o habitante e/ou morador do interior e ser “caipira”, no sentido de “jacu”. Desta forma, nem sempre o habitante do interior é “caipira” no sentido de caipirismo, pois muitas pessoas moram no interior, mas não são “atrasados” socialmente, não se vestem de forma jocosa, nem possuem pouco estudo ou vivem na zona rural. Sendo assim, o “caipira” como sinônimo de caipirismo não seria encontrado apenas na comunidade linguística onde se fala o “r” como retroflexo: podem existir cariocas “caipiras”, nordestinos “caipiras”, paulistanos “caipiras” e sulistas que são “caipiras”.

O termo “caipira”, a princípio, restringia-se aos moradores do interior, descendentes dos bandeirantes, visão presente nas obras de Saint-Hilaire, Lobato e Mazzaropi. Entretanto, conforme foram ocorrendo mudanças históricas e sociais, o estilo de vida das pessoas denominadas “caipiras” foi mudando com o tempo. Embora a pessoa do “caipira” tenha se transformado e deixado o caipirismo de lado, a acepção do termo não acompanhou tais transformações. Portanto, quando o entrevistado nega ser “caipira”, não está negando o fato de ser morador do interior, de falar a variante retroflexa, mas refuta a ideia de ser atrasado socialmente, de não possuir bom gosto para se vestir e de não ser escolarizado. Como forma de exemplificar essa diferenciação entre ser “caipira” como habitante do interior e ser “caipira” como sinônimo de caipirismo, segue abaixo, a letra da música “Nóis é caubói”, de autoria de Edson Fernandes, cantada por César e Paulinho²⁷:

“Nóis é country, é caubói, nóis é fazendeiro
 Nóis tem gado, nóis tem roça e nóis tem dinheiro
 Nóis tem vaca, nóis tem porco, nóis tem galinheiro
 Nóis tem carro, tem carroça, nóis é motoqueiro
 Nóis tem pinto, tem galinha e nóis tem muié
 Nóis num é caipira, nóis num tem bicho de pé
 Nóis num é caipira, nóis num tem bicho de pé
 Nóis semos lindo, nóis é herói

²⁷ FERNANDES, Edson. *Nóis é caubói*. Disponível em: <<http://www.letras.mus.br>>. Acesso em: 02.jan.2013.

Nóis é mocinho, nóis é preibói
 Nóis semos lindo, nóis é herói
 Nóis é metido, nóis é caubói
 Nóis tem currar, nóis tem rancho, nóis nascemo aqui
 Nóis tem dois Mitsubishi, nóis tem jet-ski
 Nóis tem celular e bip, nóis tem internet
 Nóis é rico, nóis é chique, com nóis ninguem se mete
 Nóis tem música de viola e nóis tem CD
 E nóis tem orgulho de ser macho pra valer
 E nóis tem orgulho de ser macho pra valer”.

Na canção acima, o sujeito é habitante da zona rural, pois afirma que tem curral, rancho e que nasceu “aqui”. O advérbio “aqui” exerce, nesse enunciado, a função de recuperar os lugares: curral e rancho, ambientes típicos da zona rural. A linguagem que esse sujeito emprega possui muitas características da fala “caipira”, descritas nas obras de Amaral (1976) e Bortoni-Ricardo (2011), como por exemplo:

- Redução de ditongos: [moto'kero];
- Uso da variante retroflexa: [oɫ'gʊʎo];
- Vocalização da lateral palatal [ʎ]: [muɾ'ɛ];
- Ditongação: ['nois];
- Plural não redundante: “nóis é”;
- Apagamento do “r”: [va'le]

Embora o lugar onde vive e o modo como fala caracterizem o sujeito como “caipira”, este nega essa identidade. Esse não reconhecimento diz respeito ao fato de como o termo “caipira” é entendido por esse sujeito: como sinônimo de caipirismo, de feiura, de atraso social e econômico. Por isso, este enuncia os bens materiais que possui, inclusive os eletrônicos, para mostrar que não é atrasado nem econômica e nem intelectualmente. Além dos bens materiais, o sujeito diz ser lindo, metido, herói, ou seja, nega todos os adjetivos presentes na acepção do termo “caipira” proposta por Lobato com a criação do Jeca Tatu, pois este era denominado “piolho da terra”, sem trato social, tímido habitante do mato.

Essa diferenciação entre “caipira” e “caipirismo” também não se faz presente na mídia televisiva, pois nesta as personagens tornam-se uma cópia do Jeca Tatu, trazendo para o telespectador um retrato do habitante do interior que não condiz com a realidade. Seria muito importante que a mídia, ao retratar as personagens “caipiras”, desassociasse destas a imagem do atraso social, pois assim os telespectadores poderiam ter uma visão mais real do habitante do interior: a de um “novo caipira”.

Com o objetivo de contrastar a imagem do “caipira” constituída pela mídia ao longo dos tempos com a imagem que o habitante do interior possui de si próprio, a pesquisa se encaminha para a fase final: buscar compreender a construção da identidade desse “novo caipira”. Para que essa compreensão ocorra, torna-se imprescindível entender as transformações vivenciadas pelo “caipira”, tanto no âmbito social quanto econômico.

Embora a pessoa do “caipira” tenha se transformado, a acepção do termo não acompanhou tais transformações. É por isso que existe uma grande diferenciação entre o modo como a identidade “caipira” é retratada e o modo como é vivenciada. Desta forma, não é correto utilizar o modo de falar de um povo para retratá-lo de forma pejorativa, não correspondendo à realidade em que este vive, pois a língua é parte da cultura e história de um povo; usá-la, portanto, deve ser sinônimo de respeito. Scherre (2008) afirma que a língua tem sido tratada como um instrumento de poder e de dominação e que, algum dia, gostaria que fosse uma forma de libertação. Quem sabe um dia, a mídia não associe o emprego do “r” retroflexo aos personagens que não são habitantes do mato, sem estudo ou sem trato social, aproximando-se assim daquilo que efetivamente caracteriza a fala de uma parte significativa da população brasileira?

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Oswald. *Manifesto Pau Brasil*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 1924.
Disponível em: <<http://www.lumiarte.com>>. Acesso em: 15. maio. 2011.
- ALÉONG, Stanley. Normas linguísticas, normas sociais: uma perspectiva antropológica. IN: BAGNO, Marcos. *Norma linguística*. São Paulo: Loyola, 2001. p. 145- 174.
- AMARAL, Amadeu. *O Dialeto caipira*. 3. Ed. São Paulo: HUCITEC-SCET-CEC, 1976. 195 p.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico. O que é, como se faz*. 49. ed. São Paulo: Loyola, 1999. 183 p.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1988. 196 p.
- BOERSMA, P., & WEENINK, D. *PRAAT: doing phonetics by computer*. Disponível em: <<http://www.praat.org>>. Acesso em: 16. mar. 2011.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós chegemu na escola, e agora? Sociolinguística e educação*. 2.ed. São Paulo: Parábola, 2006. 263.p.
- _____, Stella Maris. *Do campo para a cidade estudos sociolinguísticos de migração e redes sociais*. São Paulo: Parábola, 2011. 300 p.
- BRANDIST, Craig. Gramsci, Bakhtin e a semiótica da hegemonia. IN: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor (orgs). *Mikhail Bakhtin. Linguagem, cultura e mídia*. São Carlos: Pedro & João editores, 2010. p. 185-2010.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Fonologia do Português. Análise pela geometria de traços e pela fonologia lexical*. Vol.3. Campinas: L.C. Cagliari, 1999. 157 p.
- _____. *Análise fonológica. Introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas: Mercado das Letras, 2002. 208.p.
- CALSANI, Rodrigo de Andrade; GIORGIANNI, Tiago Silva. O universo caipira: permanências e pluralidades na região de Ribeirão Preto. *Revista Dialogus*. 5. ed. out.2009. p. 299- 317. Disponível em: // <<http://baraodemaua.br/publicacao>>. Acesso em: 18. set. 2012.
- CÂMARA, J. MATTOSO JR. *História e estrutura da Língua Portuguesa*. 7.ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979. 256.p.
- CAMPANHOLE, Adriano. *Notícias da cidade de Sales Oliveira*. São Paulo: A. Campanhole, 1991. 216 p.
- CANDIDO. Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito*. 10.ed. São Paulo: Editora 34, 2001. 372 p.
- CARMO, Laura do. A voz do caipira em Amadeu Amaral. IN: LIMA, Ivana Stolze; Carmo, Laura do. *História social da língua nacional*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2008. p. 375-389.

- CASTRO, Vandersí Sant'Ana. Revistando O Atlas Linguístico do Paraná (ALPR) – um estudo do ‘r caipira’. IN: Fabiane Cristina (org). *Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística: uma homenagem à Vanderci de Andrade Aguliera*. Londrina: MIDIÓGRAF, 2012. p. 251- 271.
- CHAMBERS, J.K. *Sociolinguistic Theory*. Linguistic variation and its social significance. Oxford, UK/ Cambridge, USA: Blackwell, 1995.p. 1-33.
- CHNAIDERMAN, Miriam. Língua (s) – Linguagem (ns) – Identidade (s) – Movimento (s): uma abordagem psicanalítica. IN: SIGNORIN, Inês (org). *Lingua (gem) e identidade*. 4.ed. Campinas: Mercado de Letras, 2006. p. 47- 68.
- CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1986. 77p.
- COSERIU, E.Sistema, norma e falar concreto. In: _____. *Lições de linguística Geral*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980. p.119-130.
- COUTINHO, Ismael de Lima. Gramática histórica: linguística e filologia. 7.ed. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1976. 385 p.
- DAVIDOFF, Carlos. *Bandeirantismo: verso e reverso*. 7. ed. São Paulo; Brasiliense, 1993. 104 p.
- DIAS, Jõe José. *Cenários da Literatura popular de Lobato e Mazzaropi... todo caipira tem um pouco*. São Leopoldo: Nova harmonia, 2010. 253 p.
- DITTAMAR, N. The variability concept: basic ideas and tradition. IN: _____. *A critical survey of sociolinguistics: theory and application*. New York: Martin's Press, 1976. p. 102-133.
- FÉLIX, Sandra Regina (orgs). *Orlândia cidade das avenidas*. São Paulo: Noovha América, 2012. 80 p.
- FERNANDES, Geisa. Brasil caipira. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Ano 7, n. 75, dez. 2011. p. 80-83.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Mini dicionário Aurélio. 4.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. p. 119.
- FIORIN, José Luiz. Os Aldrovandos e Cantagalos e o preconceito linguístico. IN: SILVA, Fábio Lopes; MOURA, Heronides Maurílio de Melo (orgs). *O direito à fala. A questão do preconceito linguístico*. 2.ed. Florianópolis: Insular, 2002. p. 23-37.
- FREIRE, José Ribamar Bessa. Língua Geral Amazônica: a história de um esquecimento. IN: FREIRE, José Ribamar Bessa; ROSA, Maria Carlota. *Línguas Gerais. Política linguística e catequese na América do Sul no período Colonial*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2003. p. 195-209.
- HALL, Stuart. A redescoberta da “ideologia”: o retorno de recalcado nos estudo da mídia. IN: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor (orgs). *Mikhail Bakhtin. Linguagem, cultura e mídia*. São Carlos: Pedro & João editores, 2010. p.279-329.

HIRSCHKOP, Ken. Bakhtin, discurso e democracia. IN: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor (org). *Mikhail Bakhtin. Linguagem, cultura e mídia*. São Carlos: Pedro & João editores, 2010. p. 93- 127.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. *O português da gente. A língua que estudamos, a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2006. 272 p.

LABOV, William. *Padrões sociolingüísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 389 p. [Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Cardoso].

LEITE, Marli Quadros. *Preconceito e intolerância na linguagem*. São Paulo: Contexto: 2008. 141 p.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis. Language Policy in Brazil: monolingualism and linguistic prejudice. *Language Policy 3*. Dordrecht: Klumer Academic Publishers, 2004. p. 3-24.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis; CAGLIARI, Luiz Carlos. Fonética. IN: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Cristina. *Introdução à linguística. Domínio e fronteiras*. v.1. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 105-142.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. De fontes sócio- históricas para historia social linguística do Brasil: em busca de indícios. IN: _____. *Ensaio para uma Sócio- História do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2004. P. 69-90.

MEY, Jacob L. Etnia, identidade e língua. IN: SIGNORINI, Inês (org). *Língua (gem) e identidade*. 4.ed. Campinas: Mercado de Letras, 2006. p. 69- 88.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Caminhos da identidade. Ensaio sobre etnicidade e multiculturalismo*. São Paulo: Unesp, 2006. 206 p.

PAIVA, Maria da Conceição. Transcrição de dados linguísticos. IN: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. *Introdução à Sociolinguística o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004.p. 135- 146.

PEREIRA, Marcos Emanuel. *Psicologia dos estereótipos*. São Paulo: E.P.U, 2002.

PERUTTI, Daniela Carolina. Entre o tapete e a tapera. . *Revista de História da Biblioteca Nacional*. n.86 , nov. 2012. p. 68- 73.

PIRES, Cibélia Renata da Silva. O uso da língua geral e sua restrição na América Portuguesa. *Revista espaço Acadêmico*, ano VIII, n. 93. fev. 2009. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br>>. Acesso em: 02. jan.2013.

POSSENTI, Sírio. *Malcomportadas línguas*. São Paulo: Parábola, 2009. 127p.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. O conceito de identidade em Linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? IN: SIGNORIN, Inês (org). *Língua (gem) e identidade*. 4.ed. Campinas: Mercado de Letras, 2006. p. 21- 45.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. *Linguagem autoritária: televisão e persuasão*. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 15- 204.

SANKOFF, D; TAGLIAMONTE, S; SMITH, E. *Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics University of Toronto, 2005.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Doa-se lindos filhotes de poodle. Variação Linguística, mídia e preconceito*. 2.ed. São Paulo: Parábola, 2008.

SETUBAL, Maria Alice. *Vivências caipiras. Pluralidade cultural e diferentes temporalidades na terra paulista*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2005. 143 p.

SILVA, Albert Stuart Rafael Pinto da. *Representações de caipira na práticas literárias de Cornélio Pires*. 2008. 106 f. Dissertação (Mestrado em educação) - Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2008. Disponível em: < <https://www.unimep.br>>. Acesso em : 20.dez.2012.

SOUZA, Helga Vanessa Assunção de. Os estereótipos sociais: instrumento para a construção de identidades. IN: PG Letras 30 anos, vol.1, 2006, Recife. *Anais...Recife*, 2006, p. 150-161. Disponível em: <<http://www.pgletras.com.br/Anais-30>>. Acesso em: 16.jul.2013.

STAM, Robert. Bakhtin e a crítica midiática. IN: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor (orgs). *Mikhail Bakhtin. Linguagem, cultura e mídia*. São Carlos: Pedro & João editores, 2010. p.331-357.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. 8 ed. São Paulo: Ática, 2007.

TRASK, R.L. *Dicionário de Linguagem e Linguística*. São Paulo: Contexto, 2008. p.79-80. [Trad. Rodolfo Ilari].

QUINTANA, Mário. *Um dia*. Disponível em: <[http:// pensador.uol.com.br](http://pensador.uol.com.br)>. Acesso em: 12. abril. 2011.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. A língua como sistema diferenciado. IN: _____. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. Marcos Bagno; revisão técnica Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola editorial, 2006.p. 87-127.

APÊNDICE A – PESQUISA DE CAMPO

- 1) Conte um fato que tenha marcado sua vida.
- 2) Faça a leitura do texto de autoria de Mário Quintana:

Um dia

Um dia descobrimos que beijar uma pessoa para esquecer outra, é bobagem.

Você não só não esquece a outra pessoa como pensa muito mais nela...

Um dia nós percebemos que as mulheres têm instinto "caçador" e fazem qualquer homem sofrer ...

Um dia descobrimos que se apaixonar é inevitável...

Um dia percebemos que as melhores provas de amor são as mais simples...

Um dia percebemos que o comum não nos atrai...

Um dia saberemos que ser classificado como "bonzinho" não é bom...

Um dia perceberemos que a pessoa que nunca te liga é a que mais pensa em você...

Um dia saberemos a importância da frase: "Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas..."

Um dia percebemos que somos muito importante para alguém, mas não damos valor a isso...

Um dia percebemos como aquele amigo faz falta, mas ai já é tarde demais...

Enfim...

Um dia descobrimos que apesar de viver quase um século esse tempo todo não é suficiente para realizarmos

todos os nossos sonhos, para beijarmos todas as bocas que nos atraem, para dizer o que tem de ser dito...

O jeito é: ou nos conformamos com a falta de algumas coisas na nossa vida ou lutamos para realizar todas as nossas loucuras...

Quem não compreende um olhar tampouco compreenderá uma longa explicação.

- 3) Faça a leitura da lista de palavras abaixo:

- Rato
- Beijar
- Arara
- Esquecer
- Camarada
- Perceber
- Relógio
- Caçador
- Rádio
- Qualquer
- Apaixonar
- Amor

- Ser
- Tornas
- Importância
- Valor
- Eternamente
- Tarde
- Realizarmos
- Beijarmos
- Dizer
- Conformarmos
- Realizar
- Olhar

4) Questionário:

Data: _____

Nome: _____

Cidade: _____ Idade: _____

Sexo: () masculino () feminino

Escolaridade: () até 8 série completa ou incompleta

() ensino médio completo ou incompleto

() ensino superior completo

() outros : _____

1) Você se considera “caipira”?

() sim () não

2) Você já sofreu algum tipo de preconceito em relação ao modo como fala?

() sim () não

3) Qual é a característica marcante da fala de quem é do interior? _____

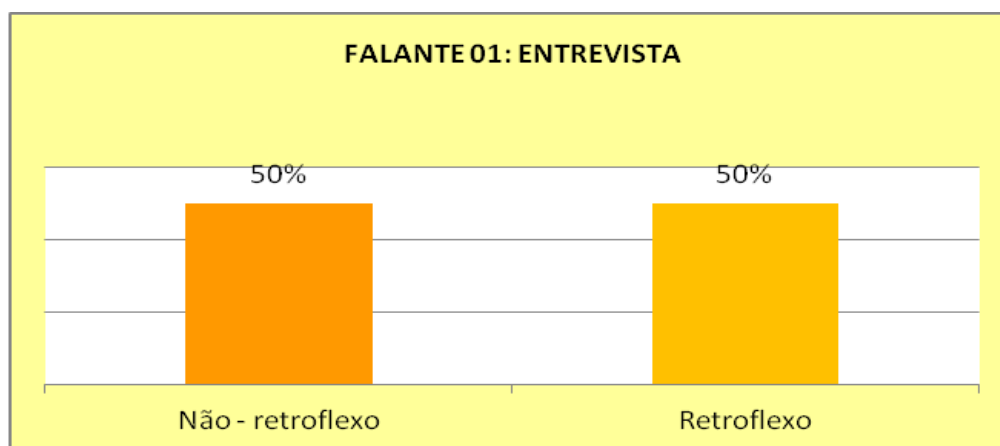
4) Quando você conversa com alguém que não é do interior, essa pessoa fala que você “puxa” o “r”?

() sim () não

5) As pessoas que não moram na mesma região onde você mora, te consideram “caipira”?

() sim () não

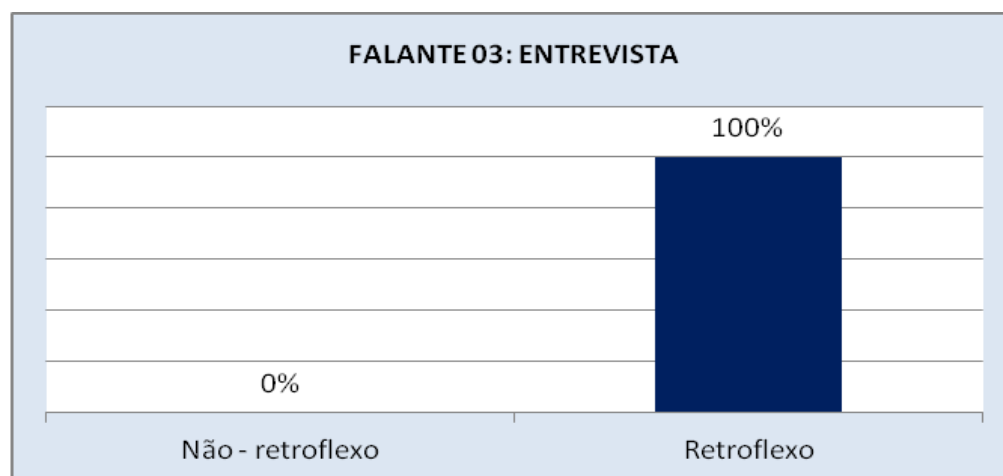
6) O que é ser “caipira” para você?

APÊNDICE B – GRÁFICOS DAS ENTREVISTAS

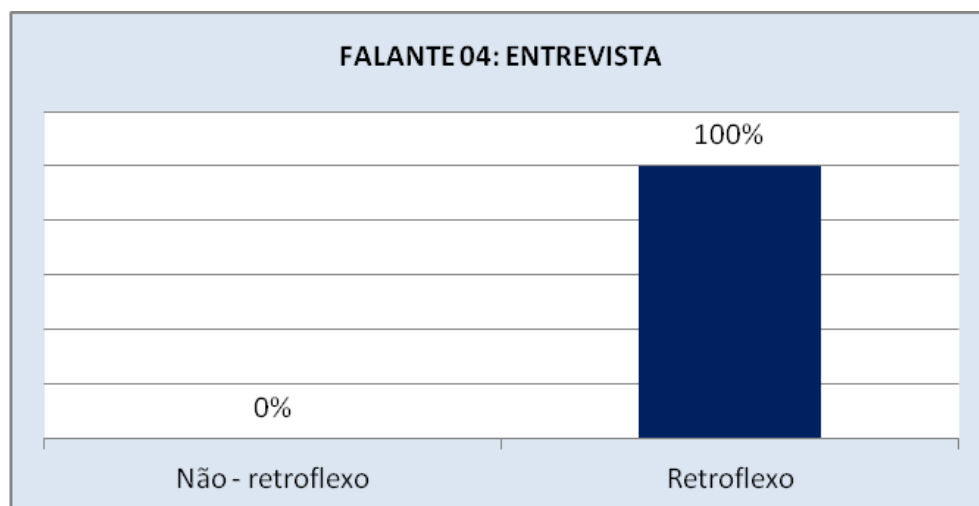
Fonte: Dados da pesquisa.



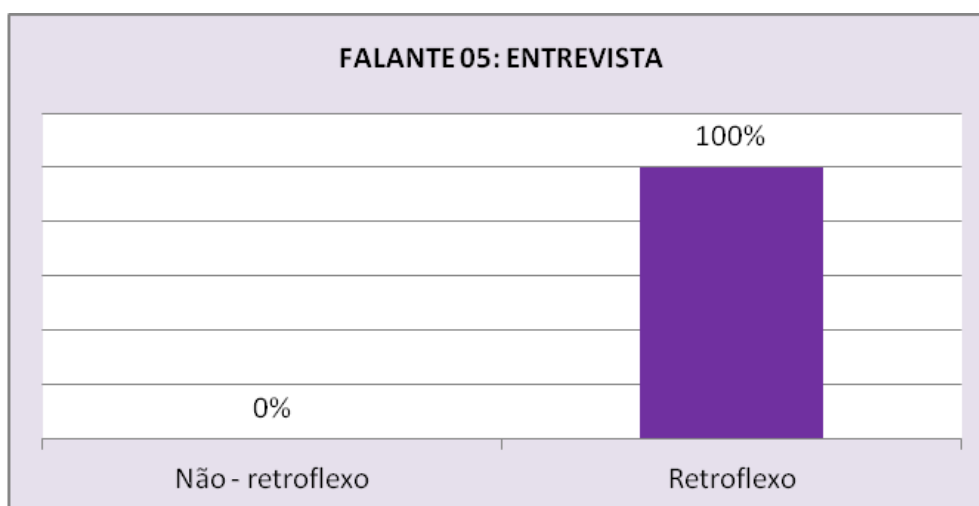
Fonte: Dados da pesquisa.



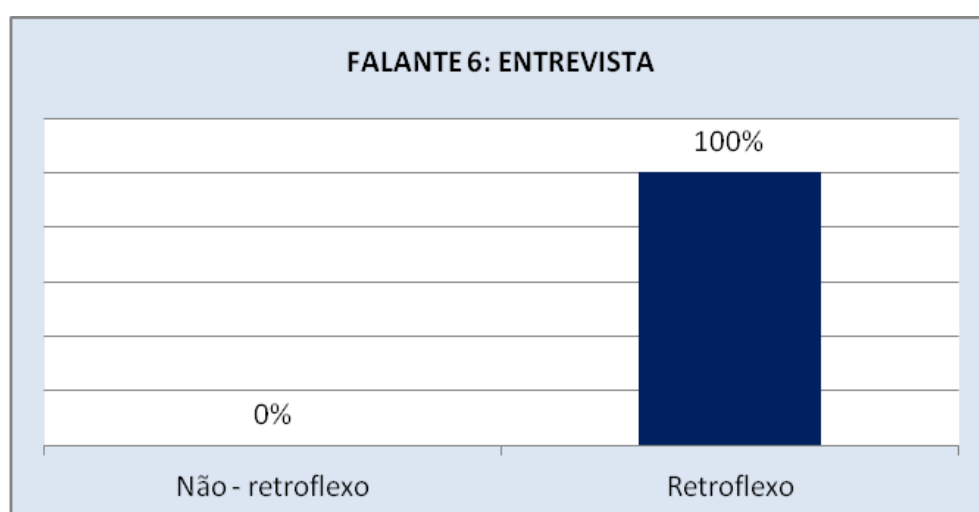
Fonte: Dados da pesquisa.



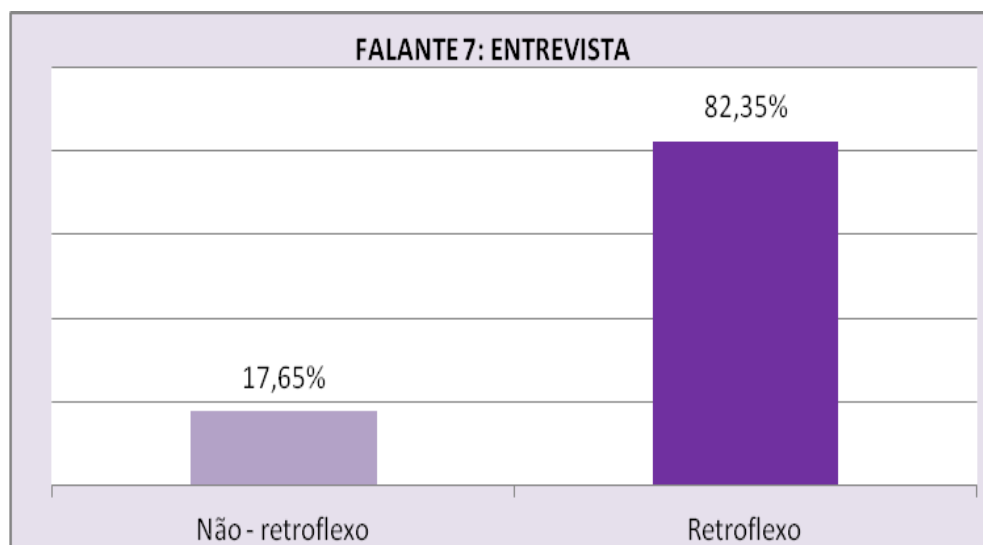
Fonte: Dados da pesquisa.



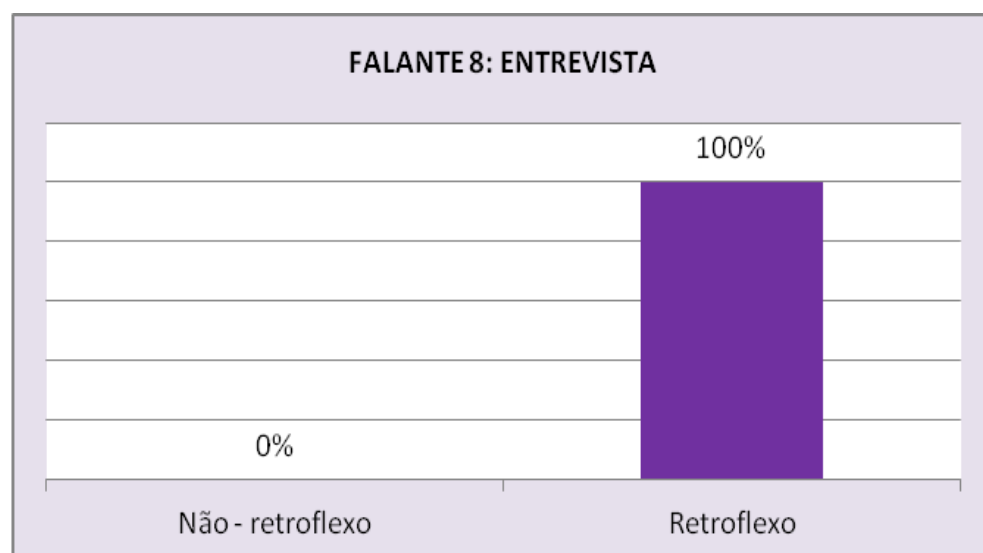
Fonte: Dados da pesquisa.



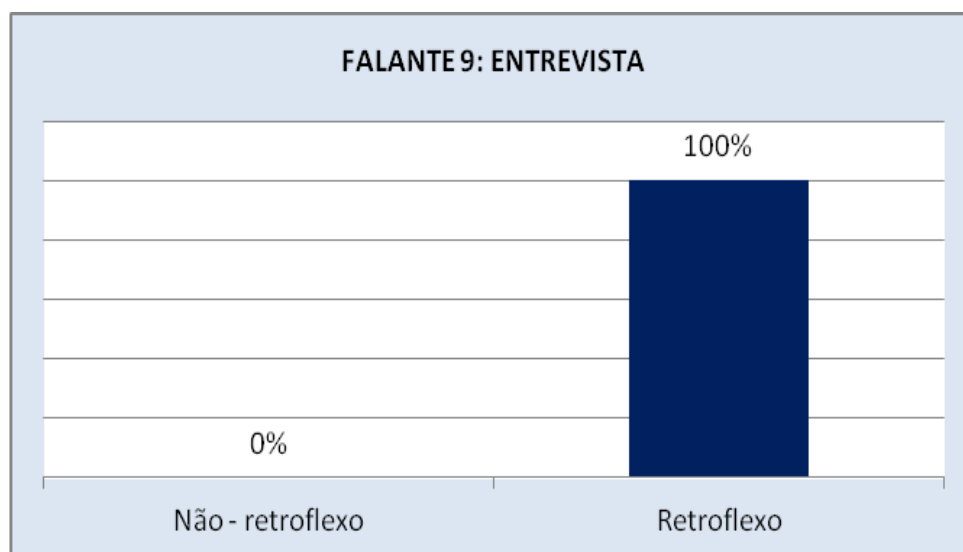
Fonte: Dados da pesquisa.



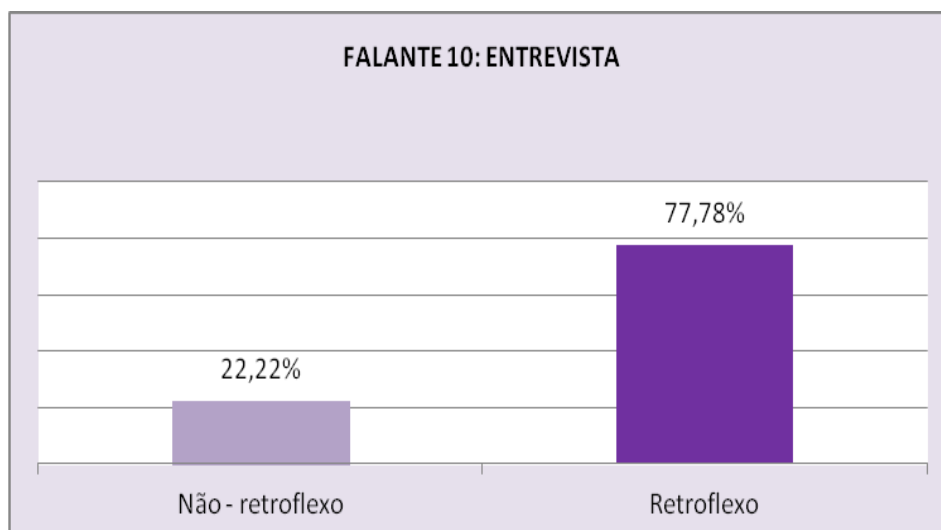
Fonte: Dados da pesquisa.



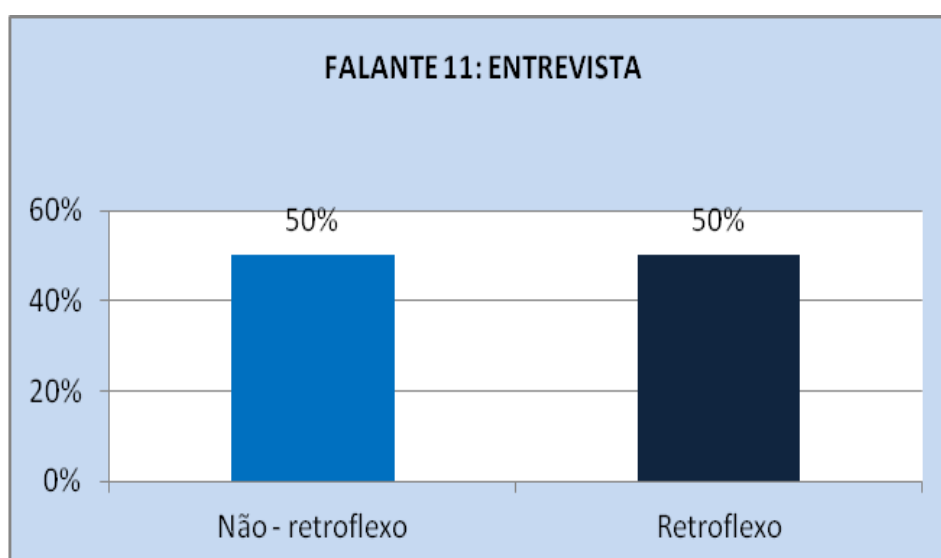
Fonte: Dados da pesquisa.



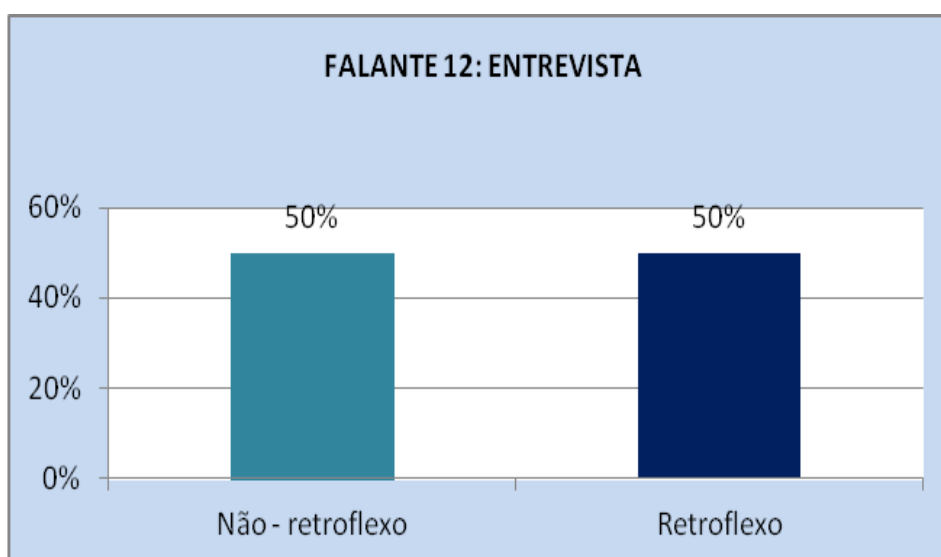
Fonte: Dados da pesquisa.



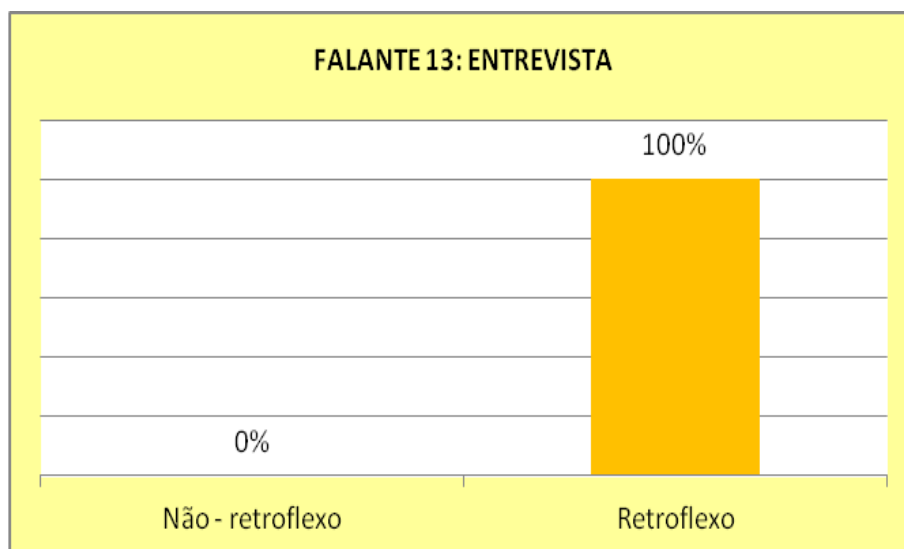
Fonte: Dados da pesquisa.



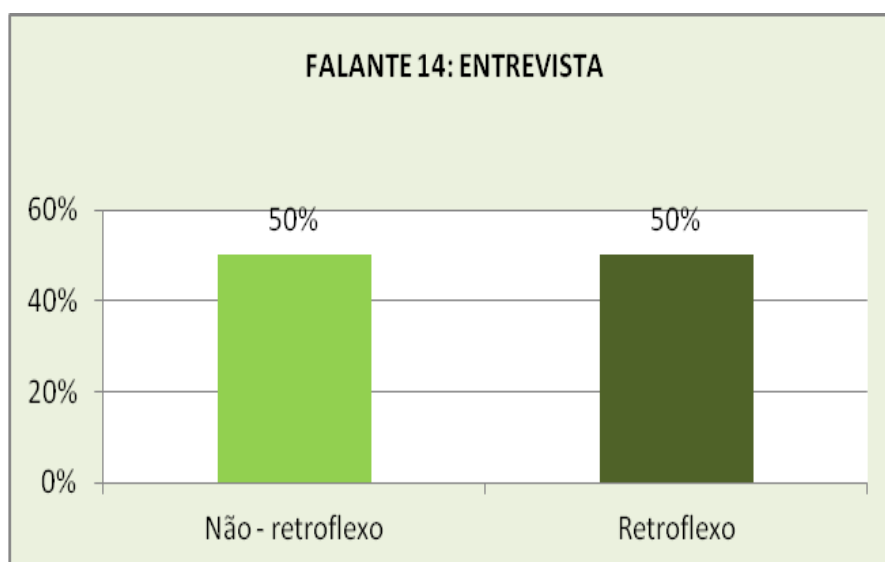
Fonte: Dados da pesquisa.



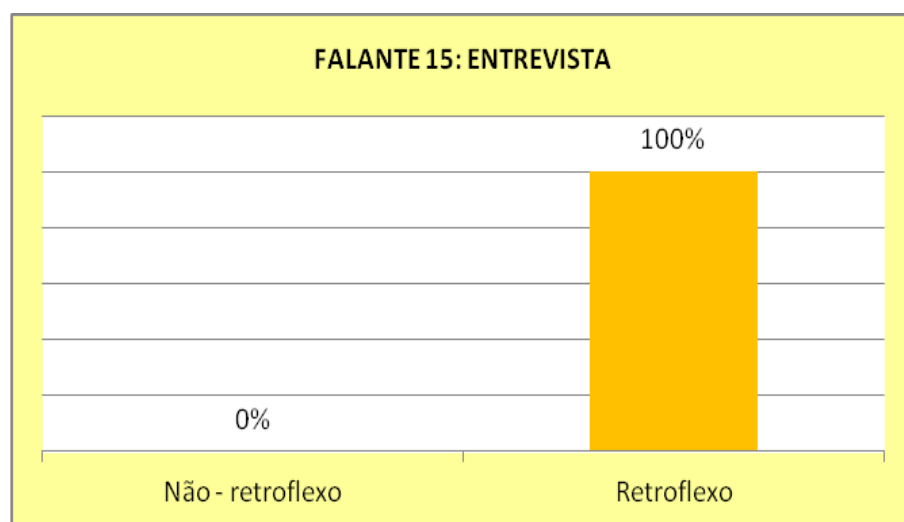
Fonte: Dados da pesquisa.



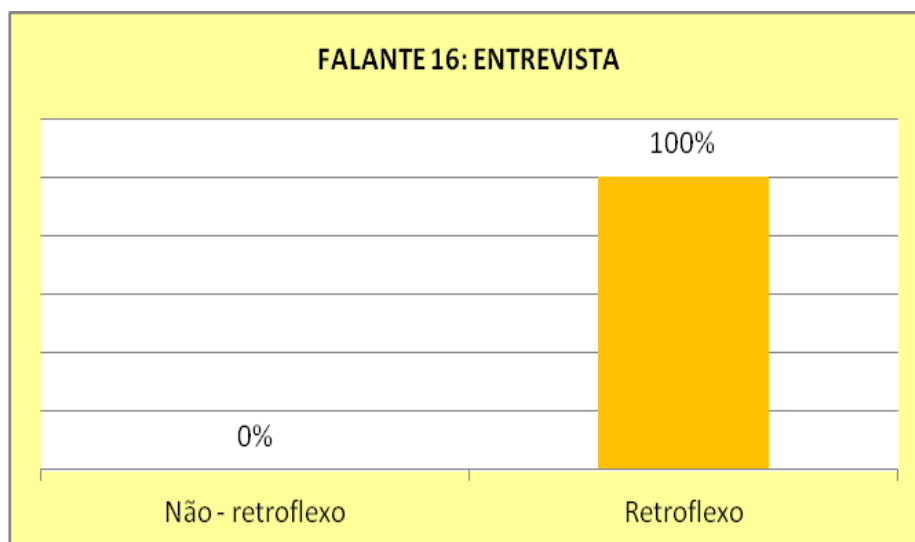
Fonte: Dados da pesquisa.



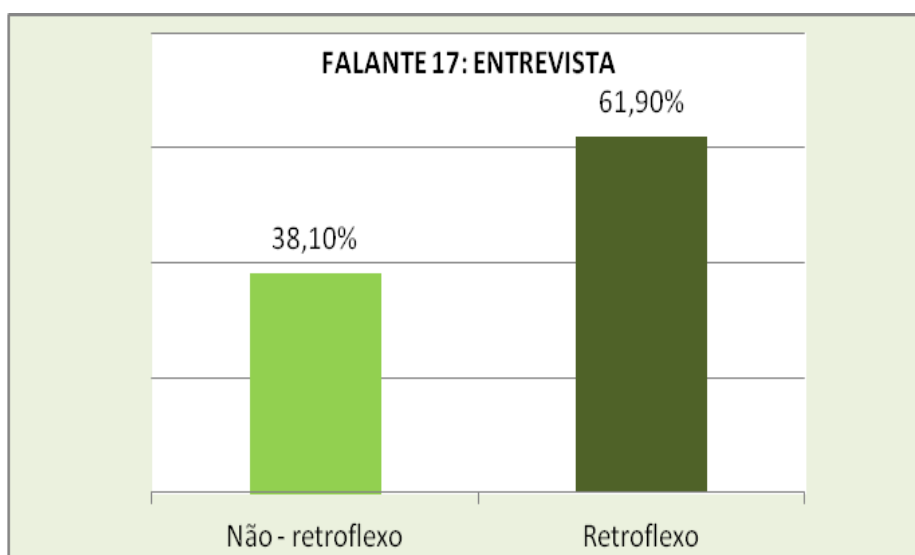
Fonte: Dados da pesquisa.



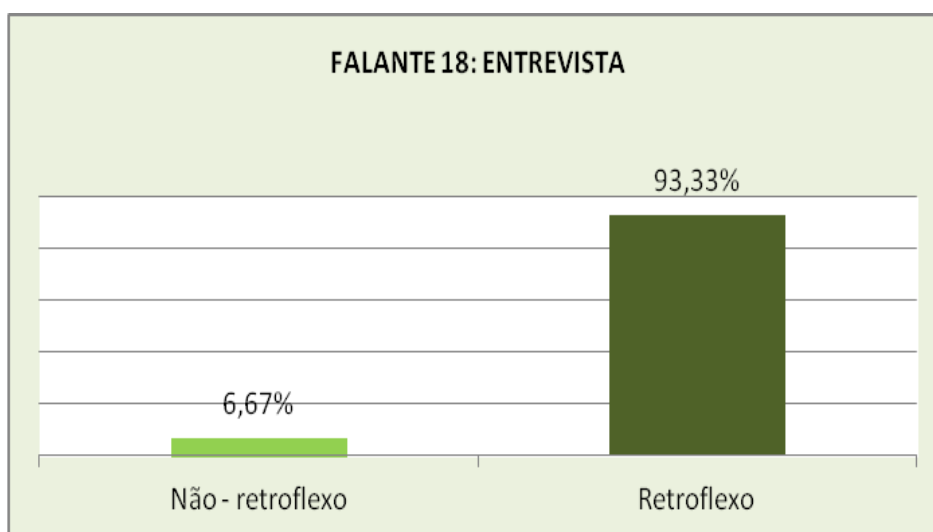
Fonte: Dados da pesquisa.



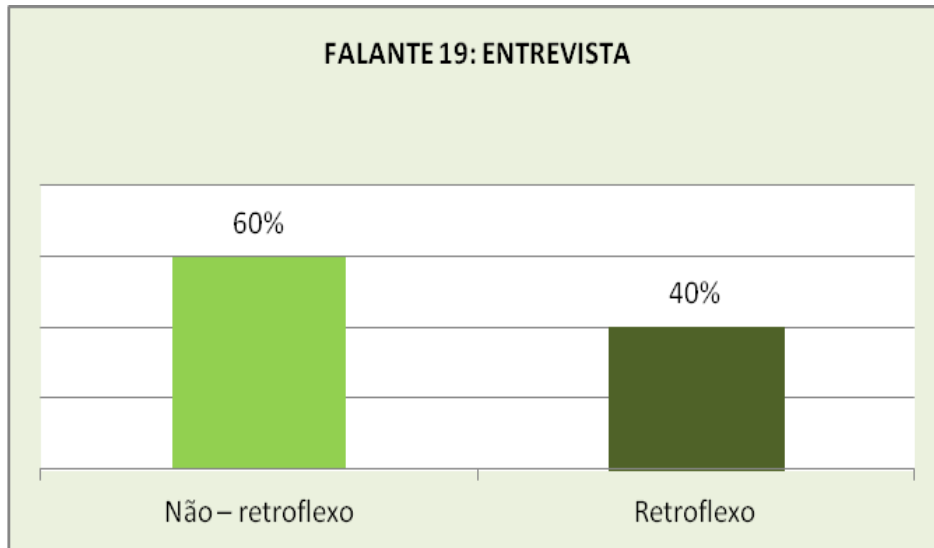
Fonte: Dados da pesquisa.



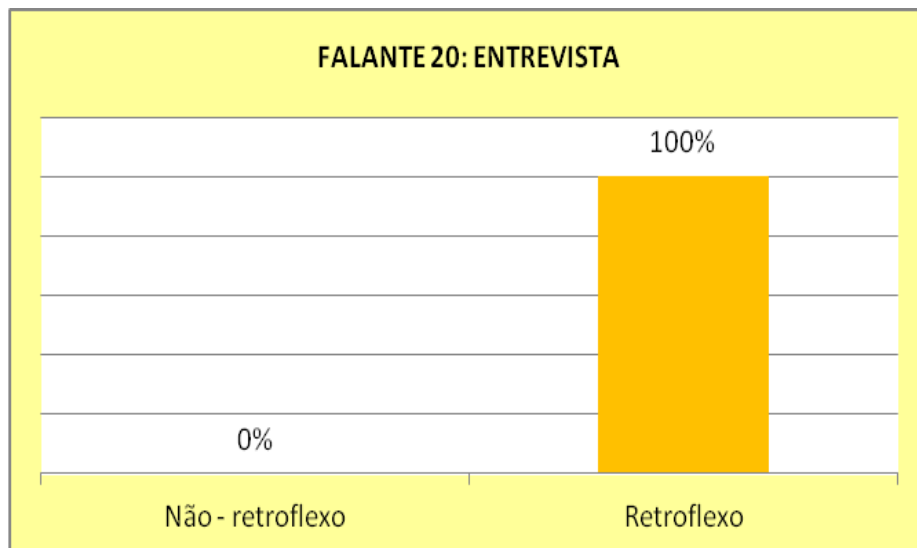
Fonte: Dados da pesquisa.



Fonte: Dados da pesquisa.



Fonte: Dados da pesquisa.



Fonte: Dados da pesquisa.